



É POSSÍVEL SER SANTO?

Saiba o que Deus realmente espera
de você na PRIMEIRA HORA do dia

JORNADA ESPIRITUAL DE **31** DIAS

Apresentação

É fácil manter comunhão com Deus quando as coisas vão bem - quando Ele provê comida, amigos, família, saúde e situações felizes. Mas as circunstâncias não são sempre agradáveis. E como então você irá adorar a Deus? O que você faz quando Deus parece estar a milhões de quilômetros?

A mais profunda adoração é louvar a Deus a despeito da dor, dar graças durante a provação, manter a confiança nEle em meio à tentação, render-se a Ele durante um sofrimento e amá-Lo quando Ele parece distante.

Rick Warren no livro “Uma Vida com Propósito, pág 96”, descreve algumas situações que podem ocorrer conosco no dia-a-dia: Certo dia você acorda e percebe que todas as suas sensações de comunhão espiritual se foram, você ora, mas nada acontece. Você repreende o diabo, mas isso não muda nada. Você faz exercícios espirituais[...] seus amigos oram por você[...] você confessa cada pecado que consegue imaginar, e então sai por aí pedindo perdão a todos que você conhece. Você jejua[...] e nada ainda. Você começa a se perguntar quanto tempo essa depressão espiritual vai durar, dias, semanas, meses, será que ela vai acabar?[...] você tem a impressão que suas orações simplesmente batem no teto e votam. Em absoluto desespero você grita: Qual é o meu problema?

A verdade é que não há nada de errado com você! Trata-se de uma parte normal da provação e amadurecimento de sua amizade com Deus. Todo cristão passa por isso ao menos uma vez, e normalmente várias vezes. É doloroso e perturbador, mas absolutamente vital para o desenvolvimento de sua fé.

Nos dias de hoje o erro mais comum que os cristãos cometem ao adorar é buscar uma experiência em vez de buscar a Deus. Eles buscam sensações e se elas ocorrerem, concluem que foram bem sucedidos em adorar, errado! Deus em geral afasta nossas sen-

sações para não dependermos delas. Buscar uma sensação - mesmo uma sensação de proximidade com Cristo - não é adoração.

Quando você é um cristão novo, Deus lhe dá muitas emoções comprobatórias e freqüentemente atende as orações mais imaturas e egoístas, tudo para que você saiba que Ele existe, mas à medida que você crescer na fé, Ele irá emancipá-lo dessa dependência.

A onipresença de Deus e a manifestação de Sua presença são coisas diferentes. Uma é um fato, a outra é freqüentemente uma sensação. Deus está sempre presente, mesmo que você não perceba, e Sua presença é muito profunda para ser medida por uma mera emoção.

Sim, Ele quer que você sinta a Sua presença, porém Ele está mais interessado em que você confie, e não tanto que O sinta. Fé, e não sentimentos agrandam a Deus.

As situações que mais põem a prova sua fé são aquelas em que a vida desanda e Deus não pode ser achado. Isso aconteceu com Jó. Em um único dia, ele perdeu todos: família, seus negócios, sua saúde, e tudo o que possuía. E o que é pior ao longo de 37 capítulos, Deus não disse nada! Como louvar, adorar ou mesmo manter uma comunhão espiritual com Deus, quando você não compreende o que está acontecendo em sua vida e Deus está em silêncio? Como manter os olhos em Jesus quando eles estão cheios de lágrimas? Você faz o que fez Jó? Então se prostou, rosto em terra, em adoração, e disse: “saí nu do ventre de minha mãe e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o tomou; louvado seja o nome do Senhor”. Jó 1:20 e 21

Há muito tempo, tenho ouvido de muitos líderes de igrejas e grupos em nosso campo, a seguinte inquietação: “Como poderemos fazer com que os nossos irmãos pratiquem a comunhão diária com Deus? Que separem tempo para isto? Que sejam trabalhados para alcançarem este objetivo?”

O Movimento Espiritual “Intimidade com Deus”, vem preencher esta necessidade tão urgente, em uma época difícil da humanidade e de nosso povo também. Fala-se muito na necessidade de ter comunhão com Deus, que temos que ter tempo para Ele, e pouco no como alcançar esta tão importante tarefa do cristão.

Na verdade precisamos ensinar nossos irmãos a como realizar esta comunhão, explicando, e praticando com eles, diariamente. Um plano educativo que venha criar um hábito em todos e que possamos demonstrar como o cristão é feliz em deixar Deus programar o seu dia, “buscando em primeiro lugar a Sua Justiça” na prática, e não teoricamente.

Jesus descreve a necessidade de um relacionamento diário com Ele em S. João 6:35: “Eu sou o pão da vida - o pão vivo que desceu do Céu. Aquele que vem a Mim nunca terá fome e o que crê em Mim jamais terá sede. Se alguém comer a Minha carne e beber o Meu sangue, viverá para sempre, mas se não fizer, não terá em si nenhuma vida.”

O espírito de profecia também exorta essa necessidade: “Quem usa a completa armadura de Deus e separa algum tempo cada

dia para meditar orar e também para estudar as Escrituras, estará ligado ao Céu e terá uma influência transformadora e salvadora sobre os que o rodeiam. Terá importantes pensamentos, nobres aspirações e claras percepções da verdade e da obra de Deus. Anelará pela pureza, pela luz, pelo amor e por todas as Graças celestiais.” Testimonies, Vol. 5, pág. 112.

Trazemos uma proposta até certo ponto inovadora, não no assunto em si, mas na maneira para se alcançar essa meta importantíssima. É algo que vem de encontro aos anseios da irmandade, e creio que é um plano divino, em todo seu formato. Buscar a Deus nas primeiras horas do dia, sendo a primeira atividade do cristão, e assim ouvir a voz do Espírito Santo, de maneira mais clara e bela.

Chegou a hora de praticarmos isto com ênfase e veemência, e assim nos preparar para alcançar a tão desejada “Chuva Serôdia”. Calma e serenamente este movimento tomará corpo e toda o povo de Deus será abençoado.

Um abraço a todos e que Deus nos ilumine e dirija neste movimento espiritual.



1º Dia | Existe essa Possibilidade? - I

A santificação exposta nas Sagradas Escrituras tem que ver com o ser todo – as partes espiritual, física e moral. Eis a verdadeira idéia sobre a consagração perfeita. Paulo ora para que a igreja em Tessalônica possa desfrutar esta grande bênção: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” I Tess. 5:23.

Há no mundo religioso uma teoria de santificação que, em si mesma, é falsa, e perigosa em sua influência. Em muitos casos aqueles que professam santificação não possuem a genuína. Sua santificação consiste em um culto por palavras e em teoria. Aqueles que estão realmente buscando o perfeito caráter cristão, jamais condescenderão com o pensamento de que estão sem pecado. Sua vida pode ser irrepreensível; podem estar vivendo como representantes da verdade que aceitaram; porém, quanto mais consagram a mente para se demorar no caráter de Cristo e mais se aproximam de Sua divina imagem, tanto mais claramente discernirão Sua imaculada perfeição e mais profundamente sentirão seus próprios defeitos.

Quando as pessoas alegam que estão santificadas, dão suficiente evidência de estar bem longe de serem santas. Deixam de ver sua própria fraqueza e desamparo. Olham para si mesmas como refletindo a imagem de Cristo, porque não têm verdadeiro conhecimento dEle. Quanto maior a distância entre elas e seu Salvador, tanto mais justas se parecem aos próprios olhos.

Quando, com penitente e humilde confiança, meditamos em Jesus, a quem nossos pecados traspassaram, podemos aprender a andar em Suas pisadas. Contemplando-O, somos transformados à Sua divina semelhança. E quando essa obra se operar em nós, não pretendemos ter qualquer justiça em nós mesmos, mas exaltaremos a Jesus Cristo, pois nosso enfraquecido coração confia em Seus méritos.

Condenada a Justiça-própria

Nosso Salvador sempre condenou a justiça-própria. Ele ensinou a Seus discípulos que o mais elevado tipo de religião é aquele que se manifesta de maneira calma e modesta. Aconselhou-os a executarem suas obras de caridade sem estardalhaço, não por ostentação, nem para serem louvados e honrados pelos homens, mas para a glória de Deus, esperando recompensa na vida futura. Se fizessem boas ações para serem louvados pelos homens, nenhuma recompensa lhes seria concedida por seu Pai celestial.

Os seguidores de Cristo foram instruídos a não orarem com o propósito de serem ouvidos pelos homens. “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.” Mat. 6:6. Tais expressões como estas, dos lábios de Cristo, mostram que Ele não considerava com aprovação aquela espécie de piedade tão predominante entre os fariseus. Seus ensinamentos no monte mostram que os atos de benevolência assumem uma nobre forma, e as ações de adoração religiosa, espalham muito preciosa fragrância, quando praticadas de maneira desprezível, em penitência e humildade. O motivo puro santifica o ato.

A verdadeira santificação é uma inteira conformidade com a vontade de Deus. Pensamentos e sentimentos de rebelião são vencidos, e a voz de Jesus suscita uma nova vida, que penetra todo o ser. Aqueles que são verdadeiramente santificados não ostentarão sua própria opinião como uma norma do bem ou do mal. Não são fanáticos, nem de justiça-própria, mas ciosos de si, sempre tementes, com medo de que, havendo-lhes faltado uma promessa, tenham ficado aquém do cumprimento das condições sobre que se baseiam as promessas.

A Substituição da Razão Pelo Sentimento

Muitos dos que professam santificação ignoram inteiramente a obra de graça sobre o coração. Quando provados, descobre-se serem semelhantes ao fariseu justo aos próprios olhos. Não admitirão nenhuma contestação. Põem

de lado a razão e o juízo, e confiam completamente em seus sentimentos, baseando suas pretensões à santificação nas emoções que em algum tempo experimentaram. São teimosos e perversos em incutir suas tenazes pretensões de santidade, proferindo muitas palavras, mas não produzindo nenhum fruto precioso como prova. Essas pessoas, professamente santificadas, estão, não somente enganando seu coração por suas pretensões, como também, exercendo uma influência para desviar a muitos que desejam ardentemente conformar-se com a vontade de Deus. Elas podem ser ouvidas a reiterar vez após vez: “Deus me dirige! Deus me ensina! Estou vivendo sem pecado!” Muitos dos que chegam em contato com este espírito, encontram um escuro, misterioso quê ao qual não podem compreender. Mas é isso que é inteiramente diferente de Cristo, o único verdadeiro padrão.

A santificação bíblica não consiste em forte emoção. Eis onde muitos são levados ao erro. Fazem dos sentimentos o seu critério. Quando se sentem elevados ou felizes, julgam-se santificados. Sentimentos de felicidade ou

a ausência de alegria não é evidência de que a pessoa esteja ou não santificada. Não existe tal coisa como seja santificação instantânea. A verdadeira santificação é obra diária, continuando por tanto tempo quanto dure a vida. Aqueles que estão batalhando contra tentações diárias, vencendo as próprias tendências pecaminosas e buscando santidade do coração e da vida, não fazem nenhuma orgulhosa proclamação de santidade. Eles são famintos e sedentos de justiça. O pecado parece-lhes excessivamente pecaminoso.

Existem os que se consideram santos e fazem profissão da verdade, como fazem seus irmãos, de modo que se torna difícil fazer distinção entre eles; mas, a diferença existe, não obstante. O testemunho daqueles que se orgulham de tão exaltada experiência fará que o suave Espírito de Cristo se afaste de uma reunião, e deixará uma influência negativa sobre os presentes; ao passo que, se eles estivessem realmente vivendo sem pecado, sua própria presença traria santos anjos à assembléia e suas palavras seriam, realmente, como “maças de ouro em salvas de prata”. Prov. 25:11.

Ellen G. White - Santificação, 8-12

2º Dia | Existe essa Possibilidade? – II

No verão, ao olharmos para as árvores de distante floresta, todas vestidas de um lindo manto verde, não podemos distinguir as árvores sempre verdes das outras. Mas quando se aproxima o inverno e o gelo as envolve, despojando as outras árvores de sua bela folhagem, as sempre verdes são prontamente discernidas. Assim será com todos os que andam em humildade, desconfiados de si mesmos, mas apegados, trementes, à mão de Cristo. Enquanto aqueles que confiam em si mesmos e se fiam da perfeição de seu próprio caráter, perdem seu falso manto de justiça quando submetidos às tempestades da prova, os verdadeira-

mente justos, que sinceramente amam e temem a Deus, cobrem-se do manto da justiça de Cristo tanto na prosperidade como na adversidade.

Renúncia própria, sacrifício pessoal, benevolência, bondade, amor, paciência, magnanimidade e confiança cristã são os frutos diários produzidos por aqueles que estão verdadeiramente ligados com Deus. Seus atos podem não ser publicados ao mundo, mas eles mesmos estão diariamente lutando contra o mundo e ganhando preciosas vitórias sobre a tentação e o mal. Solenes votos são renovados e mantidos mediante a força ganha por fervente oração e constante vigilância nela. O ardente entusiasta não discerne as lutas desses silenciosos obreiros; mas os olhos daquele que vê os segredos do coração notam e recompensam com aprovação cada esforço feito com renúncia e mansidão. É

preciso o tempo de prova para revelar no caráter o ouro puro do amor e da fé. Quando dificuldades e perplexidades vêm sobre a igreja, então se desenvolvem o firme zelo e as profundas afeições dos verdadeiros seguidores de Cristo.

Sentimo-nos tristes quando vemos professores cristãos desviarem-se pela falsa e fascinante teoria de que são perfeitos, porque é muito difícil desenganá-los e levá-los ao caminho reto. Eles procuram tornar lindo e aprazível o exterior, ao passo que o adorno interior - a mansidão e humildade de Cristo - lhes está faltando. O tempo de prova virá a todos, quando as esperanças de muitos, que por anos se sentiram seguros, serão vistas como estando sem fundamento. Quando em novas posições, sob circunstâncias variáveis, alguns, que pareciam ser colunas na casa de Deus, se revelarão apenas como madeira carcomida debaixo da pintura e verniz. Mas os humildes de coração, que diariamente sentiram a importância de firmar seu coração na Rocha eterna, permanecerão inabaláveis no meio das tempestades de provações, porque não se confiaram a si mesmos. “O fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são Seus.” II Tim. 2:19.

Produção Natural de Frutos

Aqueles que se dão ao trabalho de chamar a atenção para suas boas obras, constantemente falando de seu estado sem pecado e esforçando-se por salientar suas realizações religiosas, estão apenas se enganando. Um homem sadio, que está em condições de atender às vocações da vida e que, dia após dia, se dedica ao seu trabalho, com espírito alegre e uma saudável corrente de sangue em suas veias, não chama a atenção de todos aqueles a quem encontra para a sanidade de seu corpo. Saúde e vigor são as condições naturais de sua vida e, portanto, ele raramente se lembra de que está desfrutando tão rico dom.

Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário.

Todos os que entram na esfera de sua influência, percebem a beleza e fragrância de sua vida cristã, ao passo que ele próprio está inconsciente desta, visto estar ela em harmonia com seus hábitos e inclinações. Ele ora pedindo luz divina, e ama o andar nessa luz. É sua comida e bebida fazer a vontade de seu Pai celestial. Sua vida está escondida com Cristo em Deus; contudo, não se orgulha disto, nem parece ter disto consciência. Deus sorri para os humildes e meigos que seguem de perto as pisadas do Mestre. Os anjos são atraídos a eles e apreciam demorar-se ao seu redor. Eles podem ser passados por alto como indignos de consideração por aqueles que alegam exaltadas realizações e se deleitam em tornar preeminentes suas boas obras; mas os anjos celestiais curvam-se amavelmente sobre eles e são como uma parede de fogo ao seu redor.

Por que Cristo Foi Rejeitado

Nosso Salvador era a luz do mundo; mas o mundo não O conheceu. Ele estava constantemente empenhado em obras de misericórdia, derramando luz sobre o caminho de todos; todavia, não chamava a atenção daqueles com quem Se misturava para que contemplassem Sua incomparável virtude, Sua renúncia, sacrifício e benevolência. Os judeus não admiraram tal vida. Consideravam Sua religião como sem valor, porque não concordava com sua norma de piedade. Julgaram que Cristo não era religioso em espírito ou caráter, porque a religião deles consistia em exibições, em orações públicas e em fazer obras de caridade por ostentação. Trombeteavam suas boas ações como o fazem aqueles que arrogam a si a santificação. Queriam que todos compreendessem que eles estavam sem pecado. Mas a vida toda de Cristo estava em contraste direto com isto. Ele não buscava nem ganho nem honra. Suas maravilhosas ações de cura eram praticadas da maneira mais silenciosa possível, conquanto não pudesse restringir o entusiasmo daqueles que se tornavam os recipientes de Suas grandes bênçãos. Humildade e mansidão caracterizavam Sua vida. E foi por causa de Seu andar humilde e de Suas maneiras despreziosas, em tão notável contraste com as dos fariseus, que estes não O aceitaram.

A Mansidão, Fruto do Espírito

O mais precioso fruto da santificação é a graça da mansidão. Quando esta graça reina no

coração, a disposição é moldada por sua influência. Há uma contínua confiança em Deus e uma submissão da própria vontade à dEle. O entendimento apodera-se de toda verdade divina, a vontade dobra-se diante de todo preceito divino, sem duvidar nem murmurar. A verdadeira mansidão abrande e subjuga o coração e prepara a mente para a palavra impressa. Leva os pensamentos à obediência de Jesus Cristo. Abre o coração à Palavra de Deus, como foi aberto o de Lídia. Coloca-nos com Maria, como aqueles que aprendem, aos pés de Jesus. “Guiará os mansos retamente; e aos mansos ensinará o Seu caminho.” Sal. 25:9.

A linguagem dos mansos não é nunca de orgulho. Como o menino Samuel, eles oram: “Fala, Senhor, porque o Teu servo ouve.” I Sam. 3:9. Quando Josué foi colocado na elevada posição de honra, como comandante de Israel, desafiou a todos os inimigos de Deus. Seu coração encheu-se de nobres pensamentos quanto a sua grande missão. Contudo, ante a intimação de uma mensagem do Céu, colocou-se na posição de uma criancinha, para ser dirigido. “Que diz meu Senhor ao Seu servo?” (Jos. 5:14) foi sua pergunta. As primeiras palavras de Paulo depois que Cristo Se revelou a ele foram: “Senhor, que queres que faça?” Atos 9:6.

A mansidão, na escola de Cristo, é um dos assinalados frutos do Espírito. É uma graça produzida pelo Espírito Santo como agente santificador, e habilita seu possuidor a controlar, em todo tempo, um temperamento impulsivo e impetuoso. Quando a graça da mansidão é acariciada por aqueles que, naturalmente, são de uma disposição irritadiça e colérica, eles não de empenhar os maiores esforços para subjugar seu infeliz temperamento. Cada dia ganharão domínio próprio, até que aquilo que é rude e dessemelhante a Jesus seja vencido. Eles se assemelharão ao Padrão divino, até ao ponto de poderem obedecer à inspirada imposição: “Pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar.” Tia. 1:19.

Quando um homem professa estar santificado e, todavia, pelas palavras e ações pode ser representado pela fonte impura, fazendo jorrar suas águas amargas, podemos seguramente dizer: Esse homem está enganado. Ele precisa aprender mesmo os rudimentos que formam a vida de um cristão. Alguns que professam ser servos de Cristo têm, por tão longo tempo, nutrido o espírito de aspereza, que parecem amar o elemento profano e ter prazer em falar palavras que desgostam e irritam. Esses homens precisam converter-se antes que Cristo os reconheça como Seus filhos.

A mansidão é o adorno interior que Deus julga de grande preço. O apóstolo fala dela como sendo mais excelente e valiosa do que o ouro, ou as pérolas, ou vestidos preciosos. Enquanto o adorno exterior embeleza somente o corpo mortal, a virtude da mansidão adorna o coração e põe o homem finito em conexão com o Deus infinito. Este é o ornamento da própria escolha de Deus. Aquele que ornamentou os céus com as esferas de luz, prometeu que, pelo mesmo Espírito, “adornará os mansos com a salvação”. Sal. 149:4. Os anjos do Céu registrarão como melhor adornados aqueles que se revestem do Senhor Jesus Cristo e andam com Ele em mansidão e humildade de espírito.

A Filiação Atingida

Há elevados objetivos para o cristão. Ele pode sempre estar subindo a mais altas aquisições. João tinha uma elevada concepção do privilégio do cristão. Ele diz: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus.” I João 3:1. Não é possível à humanidade subir a uma dignidade mais elevada do que esta aqui incluída. Ao homem é garantido o privilégio de tornar-se herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo. Aos que assim foram exaltados, são reveladas as inescrutáveis riquezas de Cristo, as quais são milhares de vezes mais valiosas do que as do mundo. Assim, mediante os méritos de Jesus Cristo, o homem finito é levado à Sociedade com Deus e Seu querido Filho.

Ellen G. White - Santificação, 12-17

3º Dia | Os Princípios de Temperança de Daniel - I

O profeta Daniel tinha um caráter notável. Ele foi brilhante exemplo daquilo que os homens podem chegar a ser quando unidos com o Deus da sabedoria. Uma breve narrativa da vida deste santo homem de Deus ficou registrada para animação daqueles que poderiam, mais tarde, ser chamados a suportar a prova e a tentação.

Quando o povo de Israel, seu rei, nobres e sacerdotes foram levados em cativeiro, quatro de entre eles foram selecionados para servir na corte do rei da Babilônia. Um destes era Daniel, o qual, muito cedo, deu mostras da grande habilidade desenvolvida nos anos subseqüentes. Esses rapazes eram todos de nascimento nobre e são descritos como jovens em quem não havia “defeito algum, formosos de aparência, e instruídos em toda a sabedoria, e sábios em ciência, e entendidos no conhecimento” e tinham “habilidade para viver no palácio do rei”. Dan. 1:4. Percebendo os preciosos talentos destes jovens cativos, o rei Nabucodonosor determinou prepará-los para ocuparem importantes posições em seu reino. A fim de que pudessem tornar-se perfeitamente qualificados para sua vida na corte, de acordo com o costume oriental, eles deviam aprender a língua dos caldeus e submeter-se, durante três anos, a um curso completo de disciplina física e intelectual.

Os jovens nessa escola de preparo não eram unicamente admitidos ao palácio real, mas também tomavam providências para que comessem da carne e bebessem do vinho que vinha da mesa do rei. Em tudo isto o rei considerava que não estava somente dispensando grande honra a eles, mas assegurando-lhes o melhor desenvolvimento físico e mental que poderia ser atingido.

Enfrentando a Prova

Entre os manjares colocados diante do rei havia carne de porco e de outros animais que haviam sido declarados imundos pela lei de Moisés e que os hebreus tinham sido expressamente proibidos de comer. Nisso Daniel foi provado

severamente. Deveria apegar-se aos ensinamentos de seus pais concernentes às carnes e bebidas e ofender ao rei, e, provavelmente, perder não só sua posição mas a própria vida? ou deveria desatender o mandamento do Senhor e reter o favor do rei, assegurando-se assim grandes vantagens intelectuais e as mais lisonjeiras perspectivas mundanas?

Daniel não hesitou por longo tempo. Decidiu permanecer firme em sua integridade, fosse qual fosse o resultado. “Assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia.” Dan. 1:8.

Sem Mesquinhez nem Fanatismo

Hoje há entre os profanos cristãos muitos que haveriam de julgar que Daniel era por demais esquisito, e o considerariam mesquinho e fanático. Eles consideram a questão do comer e beber como de muito pequena importância para exigir tão decidida resistência - tal que poderia envolver o sacrifício de todas as vantagens terrenas. Mas aqueles que assim raciocinam, notarão no dia do juízo que se desviaram dos expressos conselhos de Deus e se apoiaram em sua própria opinião como norma para o certo e para o errado. Descobrirão que aquilo que lhes parecera sem importância não fora assim considerado por Deus. Seus mandamentos deveriam ter sido sagradamente obedecidos. Aqueles que aceitam e obedecem a um de Seus preceitos porque lhes convém, ao passo que rejeitam a outro porque sua observância haveria de requerer sacrifício, rebaixam a norma do direito e, por seu exemplo, levam outros a considerarem levemente a lei de Deus. “Assim diz o Senhor”, deve ser nossa regra em todas as coisas.

Um Caráter Irrepreensível

Daniel foi submetido às mais severas tentações que podem assaltar os jovens de hoje; contudo, foi leal para com a instrução religiosa recebida na infância. Ele estava cercado por influências que subverteriam aqueles que vacilassem entre o princípio e a inclinação; todavia, a Palavra de Deus o apresenta como um caráter irrepreensível. Daniel não ousava confiar em seu próprio poder moral. A oração era para ele uma

necessidade. Ele fazia de Deus a sua força e o temor do Senhor estava continuamente diante dele em todos os acontecimentos de sua vida.

Daniel possuía a graça da genuína mansidão. Era verdadeiro, firme e nobre. Procurava viver em paz com todos, ao mesmo tempo que era inflexível como o cedro altaneiro, no que quer que envolvesse princípio. Em tudo que não entrasse em colisão com sua fidelidade a Deus, era respeitoso e obediente para com aqueles que sobre ele tinham autoridade; mas tinha tão elevada consciência das reivindicações de Deus que as de governadores terrenos se lhes subordinavam. Não seria induzido por nenhuma consideração egoísta a desviar-se de seu dever.

O caráter de Daniel é apresentado ao mundo como um admirável exemplo do que a graça de Deus pode fazer de homens caídos por natureza e corrompidos pelo pecado. O registro de sua vida nobre, abnegada, é uma animação para a humanidade em geral. Dela podemos reunir força para resistir nobremente à tentação e, firmemente e na graça da mansidão, suste-nos pelo direito sob a mais severa provação.

A Aprovação de Deus

Daniel poderia haver encontrado uma desculpa plausível para desviar-se de seus estritos hábitos de temperança; mas a aprovação de Deus era para ele mais cara do que o favor do mais poderoso potentado terreno - mais cara mesmo do que a própria vida. Havendo, por sua conduta cortês, obtido o favor de Melzar - o oficial que tinha a seu cargo os jovens hebreus - Daniel pediu que lhes concedesse não precisarem comer o manjar da mesa do rei, nem beber de seu vinho. Melzar temia que, condescendendo com este pedido, poderia incorrer no desagrado do rei, e assim pôr em perigo sua própria vida. Semelhante a muitos presentemente, ele pensava que um regime moderado faria que estes jovens se tornassem pálidos e de aparência doentia, e

deficientes na força muscular, ao passo que o abundante alimento da mesa do rei os tornaria corados e belos, e promoveria as atividades física e mental.

Daniel pediu que a questão se decidisse por uma prova de dez dias, sendo permitido aos jovens hebreus, durante esse breve período, comer um alimento simples, enquanto seus companheiros participavam das guloseimas do rei. A petição foi, finalmente, deferida e, então, Daniel se sentiu seguro de que havia ganho sua causa. Conquanto jovem, havia visto os danosos efeitos do vinho e de um viver luxuoso sobre a saúde física e mental.

Deus Defende Seu Servo

Ao fim dos dez dias achou-se ser exatamente o contrário das expectativas de Melzar. Não somente na aparência pessoal, mas em atividade física e vigor mental, aqueles que haviam sido temperantes em seus hábitos exibiram uma notável superioridade sobre seus companheiros que condescenderam com o apetite. Como resultado desta prova, a Daniel e seus companheiros foi permitido continuarem seu regime simples durante todo o curso de seu preparo para os deveres do reino.

O Senhor recompensou com aprovação a firmeza e renúncia destes jovens hebreus, e Sua bênção os acompanhou. Ele lhes “deu o conhecimento e a inteligência em todas as letras e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda visão e sonhos”. Dan. 1:17. Ao expirarem os três anos de preparo, quando sua habilidade e seus conhecimentos foram examinados pelo rei, “entre todos eles não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; por isso, permaneceram diante do rei. E em toda a matéria de sabedoria e de inteligência, sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos ou astrólogos que havia em todo o seu reino”. Dan. 1:19 e 20.

Ellen G. White - Santificação, 18-23

4º Dia | Os Princípios de Temperança de Daniel – II

A vida de Daniel é uma inspirada ilustração do que constitui um caráter santificado. Ela apresenta uma lição para todos, e especialmente para os jovens. Uma estrita submissão às ordens de Deus é benéfica à saúde do corpo e do espírito. A fim de atingir a mais elevada norma de aquisições morais e intelectuais, é necessário buscar sabedoria e força de Deus e observar estrita temperança em todos os hábitos da vida. Na experiência de Daniel e seus companheiros, temos um exemplo da vitória do princípio sobre a tentação para condescender com o apetite. Ela mostra que, por meio do princípio religioso, os jovens podem triunfar sobre as concupiscências da carne e permanecer leais às reivindicações divinas, embora lhes custe grande sacrifício.

Que seria de Daniel e seus companheiros se se tivessem comprometido com aqueles oficiais pagãos e cedido à pressão da ocasião, comendo e bebendo como era costume entre os babilônios? Aquele único exemplo de desvio dos princípios lhes teria debilitado a consciência do direito e da aversão ao mal. A condescendência com o apetite teria envolvido o sacrifício do vigor físico, a clareza do intelecto e o poder espiritual. Um passo errado teria, provavelmente, levado a outros, até que, interrompendo sua conexão com o Céu, teriam sido arrastados pela tentação.

Disse Deus: “Aos que Me honram honrarei.” I Sam. 2:30. Enquanto Daniel se apegava a Deus com firme confiança, o Espírito de poder profético vinha sobre ele. Enquanto era instruído pelos homens nos deveres da vida da corte, era por Deus ensinado a ler os mistérios dos séculos futuros e a apresentar às gerações vindouras, mediante números e ilustrações, as maravilhosas coisas que ocorreriam nos últimos dias.

“Que vos abstenhais das concupiscências carnis, que combatem contra a alma” (I Ped. 2:11), é a linguagem do apóstolo Pedro. Muitos consideram este texto como uma advertência

unicamente contra a licenciosidade; mas ele tem um significado mais amplo. Proíbe toda satisfação prejudicial do apetite ou paixão. Que ninguém, dentre os que professam piedade, considere com indiferença a saúde do corpo e se lisonjeie pensando que a intemperança não seja pecado e que não afetará sua espiritualidade. Existe uma íntima relação entre a natureza física e a moral. Qualquer hábito que não promova a saúde, degrada as mais elevadas e nobres faculdades. Hábitos errôneos no comer e beber, conduzem a erros no pensar e agir. A condescendência com o apetite fortalece as propensões animais, dando-lhes a ascendência sobre as faculdades mentais e espirituais.

É impossível a qualquer pessoa desfrutar da bênção da santificação enquanto é egoísta e gluttona. Muitos gemem sob um fardo de enfermidades, por causa de hábitos errôneos no comer e beber, os quais fazem violência às leis da vida e saúde. Eles estão enfraquecendo seus órgãos digestivos, ao satisfazerem um apetite pervertido.

O poder da constituição humana para resistir aos abusos praticados contra ela é maravilhoso; mas os persistentes maus hábitos no excessivo comer e beber enfraquecerão toda a função do corpo. Na satisfação do apetite pervertido ou da paixão, mesmo cristãos professos prejudicam a natureza em seu trabalho e diminuem a força física, mental e moral. Considerem bem, estas pessoas possuídas de tais fraquezas, o que teriam sido se houvessem vivido dentro das normas da temperança, e promovido uma boa saúde ao invés de desta terem abusado.

Norma Possível

Quando Paulo escreveu: “O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo” (I Tess. 5:23), não exortou seus irmãos a visarem uma norma que lhes era impossível atingir; não orou para que tivessem bênçãos as quais não era a vontade de Deus conceder. Ele sabia que todos os que hão de estar preparados para encontrar a Cristo em paz, precisarão possuir um caráter puro e santo. “Todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro,

não como a coisa incerta; assim combate, não como batendo no ar. Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado.” I Cor. 9:25-27. “Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” I Cor. 6:19 e 20.

Oferta Imaculada

Outra vez, escreve o apóstolo aos crentes: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” Rom. 12:1. Específicas determinações haviam sido dadas ao antigo Israel para que não fosse apresentado a Deus nenhum animal defeituoso nem doente. Unicamente o mais perfeito deveria ser escolhido para este fim. O Senhor, por meio do profeta Malaquias, reprovou Seu povo muito severamente por se haver desviado destas instruções.

“O filho honrará o pai, e o servo, ao seu senhor; e, se Eu sou Pai, onde está a Minha honra? E, se Eu sou Senhor, onde está o Meu temor? - diz o Senhor dos exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o Meu nome e dizeis: Em que desprezamos nós o Teu nome? Ofereceis sobre o Meu altar pão imundo e dizeis: Em que Te havemos profanado? Nisto, que dizeis: A mesa do Senhor é desprezível. Porque, quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não faz mal! E, quando ofereceis o coxo ou o enfermo, não faz mal! Ora, apresenta-o ao teu príncipe; terá ele agrado em ti? Ou aceitará ele a tua pessoa? - diz o Senhor dos exércitos. ... Vós ofereceis o roubado, e o coxo, e o enfermo; assim fazeis a oferta; ser-Me-á aceito isto de vossa mão? - diz o Senhor.” Mal. 1:6-8 e 13.

Embora dirigidas ao Israel antigo, estas palavras contêm uma lição para o povo de Deus de hoje. Quando o apóstolo apela a seus irmãos para apresentarem seu “corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rom. 12:1), expressa os princípios da verdadeira santificação. Esta não é uma teoria, uma emoção, ou uma forma de palavras, mas um princípio vivo e ativo, que entra na vida diária. Ela requer que nossos hábitos de comer, beber e vestir sejam tais, que nos assegurem a preservação da saúde física, mental e moral, a fim de que possamos apresentar ao Senhor nosso corpo, não como uma oferta corrompida por hábitos errôneos, mas um “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. Rom. 12:1.

Estimulantes e Narcóticos

A admoestação de Pedro para que nos abstenhamos das concupiscências carnis é a mais direta e enérgica advertência contra o uso de tais estimulantes e narcóticos como o chá, café, fumo, álcool e a morfina. Estas condescendências podem muito bem ser classificadas entre os apetites que exercem uma influência perniciosa sobre o caráter moral. Quanto mais cedo se formam estes hábitos prejudiciais, tanto mais firmemente eles prenderão sua vítima em escravidão ao vício e tanto mais certamente haverão de rebaixar a norma da espiritualidade.

O ensino da Bíblia fará apenas uma fraca impressão sobre aqueles cujas faculdades estão entorpecidas pela satisfação própria. Milhares sacrificarão não somente a saúde e a vida, mas sua esperança do Céu, antes de intentarem lutar contra seus próprios apetites pervertidos. Uma senhora que por muitos anos dizia estar santificada, afirmou que se precisasse renunciar seu cachimbo ou o Céu haveria de dizer: “Adeus, Céu; não posso vencer meu amor ao cachimbo”. Esse ídolo havia sido entronizado no coração, deixando para Jesus um lugar inferior. Contudo, essa mulher professava ser inteiramente do Senhor!

Ellen G. White - Santificação, 24-29

5º Dia | Os Princípios de Temperança de Daniel - III

Onde quer que possam estar, aqueles que estão verdadeiramente santificados haverão de elevar a norma da moral, conservando corretos hábitos físicos e, como Daniel, apresentando aos outros um exemplo de temperança e renúncia. Cada apetite depravado se torna uma concupiscência. Tudo que combate a lei natural cria um estado doentio. A condescendência com o apetite produz má digestão, enfraquece o fígado, aflige a mente e, assim, perverte o temperamento e o espírito do homem. E essas faculdades debilitadas são ofertadas a Deus, que recusava aceitar as vítimas para o sacrifício, a menos que fossem imaculadas! É nosso dever manter nossos apetites e hábitos de vida em conformidade com a lei natural. Se os corpos oferecidos sobre o altar de Cristo fossem examinados minuciosamente como os sacrifícios dos judeus, quem seria aceito?

Com que cuidado devem os cristãos regularizar seus hábitos a fim de poderem preservar todo o vigor, de cada faculdade, para o uso no serviço de Cristo! Se queremos ser santificados moral, física e espiritualmente, precisamos viver em conformidade com a lei divina. O coração não pode manter consagração a Deus, enquanto os apetites e as paixões são satisfeitos à custa da saúde e da vida. Aqueles que violam as leis das quais depende a saúde, deverão sofrer a penalidade. Eles têm de tal modo limitado suas capacidades em todo sentido, que não podem, devidamente, desempenhar seus deveres para com os semelhantes e assim deixam, totalmente, de atender às exigências de Deus.

Quando a Lord Palmerston, premier da Inglaterra, foi pedido pelo clero escocês para designar um dia de jejum e oração, a fim de livrar o país da cólera, respondeu, com efeito: “Limpai e desinfetai vossas ruas e casas, promovei a limpeza e a saúde entre os pobres, e providenciai para que

tenham abundância de bom alimento e vestuário, e executai corretas medidas higiênicas, em geral, e não tereis nenhuma ocasião para jejuar e orar. Tampouco o Senhor ouvirá vossas orações enquanto estas Suas precauções permanecerem desatendidas.”

Diz Paulo: “Purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.” II Cor. 7:1. Ele apresenta, para vossa animação, a liberdade desfrutada pelos verdadeiramente santificados: “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.” Rom. 8:1. Ele ordena aos gálatas: “Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne.” Gál. 5:16. Então, nomeia algumas das formas das concupiscências carnis - “idolatria, bebedices e coisas semelhantes a estas”. Gál. 5:20 e 21. E, depois de mencionar os frutos do Espírito, entre os quais está a temperança, acrescenta: “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.” Gál. 5:24.

O Fumo

Tiago afirma que a sabedoria que é do alto, “é, primeiramente, pura”. Tia. 3:17. Se ele houvesse visto seus irmãos usando o fumo, não teria denunciado essa prática como “terrena, animal e diabólica”? Tia. 3:15. Neste século de luz cristã, quão freqüentemente os lábios que tomam o precioso nome de Cristo são sujados pelo sarro de fumo, e a respiração poluída pelo mau cheiro. Certamente a alma que pode usar tal imundícia, deverá também ser poluída. Ao ver homens que professam desfrutar das bênçãos da completa santificação, enquanto são escravos do fumo, poluindo tudo ao seu redor, tenho pensado: Como haveria de parecer o Céu com fumantes ali? A Palavra de Deus declara distintamente que nele não entrará “coisa alguma que contamine”. Apoc. 21:27. Como, pois, podem aqueles que condescendem com este hábito imundo esperar achar entrada ali?

Homens que professam santidade oferecem o corpo sobre o altar de Satanás e queimam incenso de tabaco a sua majestade satânica. Parece severa essa afirmação? Certamente, o sacrifício é

oferecido a alguma divindade. Visto como Deus é puro e santo, e não aceitará coisa de caráter corrupto, Ele recusará este sacrifício dispendioso, imundo e profano; portanto, concluímos que Satanás é quem protesta essa honra.

Jesus veio para salvar o homem das garras de Satanás. Veio para livrar-nos pelo sangue de Seu sacrifício expiatório. O homem que se tornou propriedade de Deus e cujo corpo é o templo do Espírito Santo, não se escravizará sob o pernicioso hábito de usar o fumo. Suas energias pertencem a Cristo, que o comprou com preço de sangue. Sua propriedade é do Senhor. Como, pois, poderá ele achar-se sem culpa, gastando, diariamente, o capital do Senhor a ele confiado, para satisfazer um apetite que não tem nenhum fundamento na natureza?

Uma enorme soma é desperdiçada anualmente com esta condescendência, enquanto pessoas estão perecendo por falta do pão da vida. Cristãos professos roubam a Deus nos dízimos e ofertas, ao passo que oferecem sobre o altar do apetite destrutor, no uso do fumo, mais do que dão para aliviar os pobres ou suprir as necessidades da causa de Deus. Aqueles que são verdadeiramente santificados, vencerão todo apetite prejudicial. Então todos estes canais de despesas desnecessárias serão voltados para o tesouro do Senhor, e os cristãos tomarão a dianteira na renúncia de si mesmos, no sacrifício próprio e na temperança. Assim serão a luz do mundo.

Chá e Café

O chá e o café, do mesmo modo que o fumo, têm efeito prejudicial sobre o organismo. O chá é intoxicante. Conquanto em menor grau, seu efeito é de caráter semelhante ao das bebidas alcoólicas. O café tem muito maior tendência para obscurecer o intelecto e entorpecer as energias. Não é tão poderoso como o fumo, mas semelhante em seus efeitos. Os argumentos apresentados contra o fumo podem também ser aplicados contra o uso do café e do chá.

Quando aqueles que são viciados no uso do chá, café, fumo, ópio ou bebidas alcoólicas são impedidos do seu costumeiro vício, então acham impossível empenhar-se, com interesse e zelo, na adoração de Deus. A graça divina parece impotente para avivar ou espiritualizar suas orações ou seus testemunhos. Esses professos cristãos devem considerar a fonte de seu prazer. É ele de cima, ou de baixo?

Para o que usa estimulantes, tudo parece insípido sem o vício predileto. Este mata as sensibilidades naturais tanto do corpo como da mente e os tornam menos suscetível à influência do Espírito Santo. Na ausência do estimulante usual, ele tem uma fome física e espiritual, não fome de justiça, nem de santidade, nem da presença de Deus, mas de seu acariciado ídolo. Na satisfação das concupiscências prejudiciais, cristãos professos estão diariamente enfraquecendo suas faculdades, impossibilitando-as de glorificar a Deus.

Ellen G. White - Santificação, 2933

6º Dia | A Fornalha Ardente - I

No mesmo ano em que Daniel e seus companheiros entraram ao serviço do rei de Babilônia, os eventos ocorreram de maneira a provarem severamente a integridade desses jovens hebreus e patentearam, diante de uma nação idólatra, o poder e a fidelidade do Deus de Israel.

Enquanto o rei Nabucodonosor olhava para a frente com ansiosos pressentimentos a respeito do futuro, teve um sonho notável pelo

qual “seu espírito se perturbou, e passou-lhe o seu sono”. Dan. 2:1. Contudo, embora esta visão da noite tivesse feito profunda impressão sobre seu espírito, tornou-se-lhe impossível lembrar seus pormenores. Ele recorreu aos seus astrólogos e mágicos e, com promessas de grande riqueza e honra, ordenou-lhes que lhe contassem o sonho e sua interpretação. Mas eles disseram: “Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação.” Dan. 2:4.

O rei sabia que, se eles podiam realmente dar a interpretação poderiam contar o sonho

também. O Senhor havia, em Sua providência, dado o sonho a Nabucodonosor e feito com que se esquecesse dos pormenores, ao passo que a terrível impressão lhe ficara na mente, a fim de desmascarar as pretensões dos sábios de Babilônia. O rei ficou muito irado e afirmou-lhes que todos seriam mortos se, num dado tempo, o sonho não fosse revelado. Daniel e seus companheiros deveriam perecer com os falsos profetas; mas, com perigo da vida, Daniel aventurou-se a entrar na presença do rei a fim de lhe implorar que concedesse tempo para revelar o sonho e a interpretação.

Com esse pedido o rei concordou; então Daniel reuniu seus três companheiros e, juntos, levaram o assunto perante Deus, buscando sabedoria da Fonte de luz e conhecimento. Mesmo diante da corte do rei, cercados de tentações, eles não esqueciam sua dependência de Deus. Eram inabaláveis quanto à consciência que tinham de que Sua providência os havia colocado onde estavam, de que estavam fazendo Seu trabalho, enfrentando as exigências da verdade e do dever. Tinham confiança em Deus. Haviam-se voltado para Ele em busca de força quando em perplexidade e perigo, e o Senhor lhes fora um auxílio sempre presente.

O Segredo Revelado

Os servos de Deus não pleitearam com Ele em vão. Haviam-no honrado, e na hora da provação Ele os honrou também. O segredo foi revelado a Daniel, que se apressou a requerer uma entrevista com o rei.

O cativo judeu estava perante o rei do mais poderoso império sobre o qual o Sol já brilhou. O rei estava em grande aflição no meio de todas as suas riquezas e glória; mas o jovem exilado permanecia calmo e feliz em seu Deus. Mais do que nunca, esse poderia ter sido o tempo para Daniel exaltar-se, para tornar preeminente sua própria bondade e superior sabedoria.

Mas seu primeiro esforço foi declarar sua despreensão a todas as honras e exaltar a Deus como a fonte da sabedoria:

“O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei. Mas há um Deus nos Céus, o qual revela os segredos; Ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no

fim dos dias.” Dan. 2:27 e 28. O rei escuta com solene atenção, enquanto é reproduzido cada pormenor do sonho; e quando a interpretação é fielmente dada, ele sente que pode confiar nela como uma revelação divina.

As solenes verdades comunicadas nesta visão da noite fizeram uma profunda impressão na mente do soberano e, em humildade e reverência, ele caiu prostrado e adorou, dizendo: “Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos.” Dan. 2:47.

A Imagem de Ouro

Fora permitido que brilhasse sobre o rei Nabucodonosor luz direta do Céu, e por pouco tempo ele ficou influenciado pelo temor de Deus. Mas uns poucos anos de prosperidade encheram-lhe o coração de orgulho, e ele esqueceu o conhecimento do Deus vivo. Voltou-se à sua adoração de ídolos, com zelo e beatice aumentados.

Com os tesouros obtidos na guerra, ele fez uma imagem de ouro para representar aquela que havia visto em seu sonho, colocando-a na planície de Dura e ordenando a todos os governadores e povo que a adorassem, sob pena de morte. Esta estátua era de cerca de trinta metros de altura por três de largura, e aos olhos daquele povo idólatra ela apresentava aparência muito imponente e majestosa. Foi feita uma proclamação, convocando todos os oficiais do reino a fim de se reunirem para a dedicação da imagem e, ao som dos instrumentos musicais, prostrarem-se e adorarem-na. Se alguém deixasse de fazê-lo, seria imediatamente lançado dentro de uma fornalha ardente.

Não Temeram a Ira do Rei

Chegou o dia determinado, a multidão reunida, e trazida ao rei a notícia de que os três hebreus que ele havia colocado sobre a província de Babilônia se recusavam a adorar a imagem. Eram os três companheiros de Daniel, aos quais o rei havia dado os nomes de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Cheio de ira, o rei os chamou a sua presença e, apontando para a fornalha ardente, disse-lhes qual seria sua punição se recusassem obediência à sua vontade.

Em vão foram as ameaças do rei. Ele não pôde desviar esses nobres homens de sua fidelidade ao grande Governador das nações. Eles

havam aprendido da história de seus pais que desobediência a Deus significava desonra, desastre e ruína; que o temor do Senhor não é somente o princípio da sabedoria, mas o fundamento de toda verdadeira prosperidade. Eles olharam com calma para a fornalha inflamada e a multidão idólatra. Tinham confiado em Deus e Ele não os desampararia agora. Sua resposta foi respeitosa, mas decidida: “Fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.” Dan. 3:18.

O orgulhoso rei estava cercado por seus grandes, os auxiliares do governo, e pelo exército que conquistou nações; e todos se uniram em aplaudi-lo como tendo a sabedoria e o poder dos deuses. No meio dessa imponente exibição, os três jovens hebreus, permaneciam firmes em sua recusa quanto a obedecer ao decreto do rei. Haviam sido obedientes às leis de Babilônia, aquelas que não entravam em conflito com as ordens de Deus; mas não se desviariam um fio de cabelo do dever para com seu Criador.

A ira do rei não conheceu limites. No próprio auge de seu poder e glória, ser assim desafiado pelos representantes de uma raça desprezada e cativa, era um insulto que seu espírito orgulhoso não podia suportar. Tendo a fornalha ardente sido aquecida sete vezes mais do que antes, nela foram lançados os três exilados hebreus. Tão furiosas eram as chamas, que os homens que os lançaram morreram queimados.

Na Presença do Infinito

De repente, o semblante do rei empalideceu de horror. Seus olhos se fixaram nas chamas ardentes e, voltando-se para seus lordes, disse: “Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo?” A resposta foi: “É verdade, ó rei”. Dan. 3:24. E então o rei exclama: “Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao Filho dos deuses.” Dan. 3:25.

Quando Cristo Se manifesta aos filhos dos homens, um poder invisível fala a seu coração. Eles sentem que estão na presença do Infinito.

Perante Sua majestade, tremem os reis e nobres e reconhecem que o Deus vivo é acima de todo poder terreno.

Com sentimentos de remorso e vergonha, o rei exclamou: “Servos do Deus Altíssimo, saí e vinde!” Dan. 3:26. E eles obedeceram, apresentando-se ilesos perante aquela vasta multidão, não tendo nem mesmo o cheiro do fogo sobre suas vestes. Este milagre operou uma admirável mudança na mente do povo. A grande imagem de ouro, levantada com tanta pompa, foi esquecida. O rei publicou um decreto pelo qual qualquer pessoa que falasse contra o Deus destes homens seria morto, “porquanto não há outro Deus que possa livrar como Este”. Dan. 3:29.

Firme Integridade e Vida Santificada

Estes três hebreus possuíam genuína santificação. O verdadeiro princípio cristão não pára a fim de pesar as conseqüências. Não pergunta: “Que pensará de mim o povo se eu fizer isto?” Ou “quanto afetará meus planos, se eu fizer aquilo?” Com o mais intenso anseio os filhos de Deus desejam saber o que Ele quer que façam, para que suas obras O glorifiquem. O Senhor tomou amplas providências para que o coração e a vida de todos os Seus seguidores possam ser controlados pela graça divina e sejam quais luzes ardentes e brilhantes no mundo.

Estes fiéis hebreus possuíam grande habilidade natural, haviam desfrutado da mais elevada cultura intelectual e ocupavam uma posição de honra; mas tudo isto não os levou a se esquecerem de Deus. Suas faculdades se renderam à santificadora influência da graça divina. Por sua firme integridade, publicaram os louvores dAquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. Em seu admirável livramento, foram exibidos, perante aquela vasta multidão, o poder e a majestade de Deus. O próprio Jesus Se colocou ao seu lado na fornalha ardente e, pela glória de Sua presença, convenceu o orgulhoso rei de Babilônia de que não podia ser outro senão o Filho de Deus. A luz do Céu havia estado a irradiar de Daniel e seus companheiros até que seus colegas compreenderam a fé que lhes enobrecia a vida e embelezava o caráter. Pelo livramento de Seus servos fiéis, o Senhor declara que tomará o lado dos oprimidos e subverterá todos os poderes terrenos que procurarem espezinhar a autoridade do Deus do Céu.

Ellen G. White - Santificação, 3440

7º Dia | A Fornalha Ardente - II

Que lição é dada na fornalha ardente para os medrosos, vacilantes e covardes na causa de Deus! Que encorajamento para aqueles que não se desviarão do dever por ameaças ou perigos! Esses indivíduos fiéis e inabaláveis exemplificam a santificação, ao passo que nem pensam em requerer para si a honra. A soma de bens que poderão ser praticados por devotos cristãos, conquanto comparativamente obscuros, não poderá ser avaliada sem que os registros da vida sejam revelados, quando se iniciar o juízo e os livros forem abertos.

Cristo identifica Seu interesse com os dessa classe; não Se envergonha de chamá-los Seus irmãos. Deveria haver centenas onde agora existe um entre nós, tão intimamente aliados a Deus, sua vida em tal conformidade com Sua vontade que fossem luzes brilhantes e resplendentes, inteiramente santificados física, moral e espiritualmente.

Ainda prossegue o conflito entre os filhos da luz e os filhos das trevas. Aqueles que se dizem cristãos devem sacudir a indiferença que debilita seus esforços e enfrentar as solenes responsabilidades que repousam sobre eles. Todos os que fazem isto podem esperar que o poder de Deus se revele neles. O Filho de Deus, o Redentor do mundo, será representado em suas palavras e obras, e o nome de Deus será glorificado.

“Como nos dias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no período final da história da Terra o Senhor atuará poderosamente em favor dos que ficarem firmes pelo direito. Aquele que andou com os hebreus valorosos na fornalha ardente, estará com os Seus seguidores em qualquer lugar. Sua constante presença confortará e sustentará. Em meio do tempo de angústia - angústia como nunca houve desde que houve nação - Seus escolhidos ficarão firmes. Satanás com todas as forças do mal não pode destruir o mais fraco dos santos de Deus. Anjos magníficos em poder os protegerão, e em favor deles Jeová

Se revelará como ‘Deus dos deuses’ (Dan. 2:47), capaz de salvar perfeitamente os que nEle puseram a sua confiança.” Profetas e Reis, pág. 513.

Daniel na Cova dos Leões

Quando Dario tomou posse do trono de Babilônia, imediatamente procedeu à reorganização do governo. Constituiu “sobre o reino a cento e vinte presidentes”, e “sobre eles três príncipes, dos quais Daniel era um [o primeiro, segundo a versão inglesa]”. Dan. 6:1 e 2. E “Daniel se distinguiu desses príncipes e presidentes, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino”. Dan. 6:3. As honras conferidas a Daniel provocaram a inveja dos principais homens do reino. Os presidentes e príncipes procuraram achar ocasião para se queixarem contra ele. “Mas não podiam achar ocasião ou culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa.” Dan. 6:4.

Que lição se apresenta aqui para todos os cristãos! Os sagazes olhos da inveja foram fixados sobre Daniel dia após dia; sua vigilância foi aguçada pelo ódio; contudo, nem uma palavra ou ato de sua vida puderam eles fazer com que parecesse mal. Todavia, ele não se orgulhava de santificação; mas fazia o que era infinitamente melhor - vivia uma vida de fidelidade e consagração.

Trama Satânica

Quanto mais irrepreensível a conduta de Daniel, tanto mais ódio ela despertava contra ele em seus inimigos. Eles se encheram de raiva, porque não puderam encontrar nada em seu caráter moral ou no desempenho de seus deveres sobre que basear uma queixa contra ele. “Então, estes homens disseram: Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus.” Dan. 6:5. Três vezes ao dia, Daniel orava ao Deus do Céu. Esta era a única acusação que poderia ser apresentada contra ele.

Uma trama foi então delineada para conseguir sua destruição. Seus inimigos reuniram-se no palácio e suplicaram ao rei que baixasse um

decreto, pelo qual nenhuma pessoa em todo o reino deveria pedir coisa alguma quer de Deus, quer de homem, a não ser de Dario, o rei, durante um espaço de trinta dias, e qualquer violação desse edito seria punida, atirando-se o culpado na cova dos leões. O rei nada sabia do ódio desses homens contra Daniel e não suspeitava que esse decreto haveria de, por qualquer modo, prejudicá-lo. Mediante a lisonja, eles fizeram o rei acreditar que seria grandemente para sua honra a publicação deste dito. Com um sorriso de satânico triunfo, eles saíram da presença do rei e regozijaram-se por causa da armadilha que haviam preparado para o servo de Deus.

Exemplo de Coragem e Fidelidade

O decreto é proclamado pelo rei. Daniel está a par do propósito de seus inimigos de o destruir. Mas ele não muda sua maneira de proceder em um único pormenor.

Com calma, executa seus costumeiros deveres e, na hora da oração, vai à sua câmara e, com as janelas abertas para o lado de Jerusalém, dirige suas petições ao Deus do Céu. Por seu procedimento, declara destemidamente que nenhum poder terreno tem o direito de interferir entre ele e seu Deus e dizer-lhe a quem deveria orar ou deixar de fazê-lo. Homem de princípios nobres! Ele se mantém ainda hoje perante o mundo como um louvável exemplo de coragem e fidelidade cristã. Volta-se para Deus com toda a alma, coração, conquanto saiba que a morte é a pena de sua devoção.

Seus adversários observam-no um dia inteiro. Três vezes retirou-se para sua câmara, e três vezes foi ouvida a voz de fervente intercessão. Na manhã seguinte é apresentada ao rei a queixa de que Daniel, um dos cativos de Judá, desafiou seu decreto. Quando o rei ouviu essas palavras, seus olhos imediatamente se abriram para ver a armadilha que havia sido preparada. Ficou pro-

fundamente descontente consigo mesmo, por haver publicado tal decreto, e trabalhou até ao pôr-do-sol para descobrir um plano mediante o qual Daniel pudesse ser libertado. Mas os inimigos de Daniel haviam antecipado isso, e vieram ao rei com estas palavras: “Sabe, ó rei, que é uma lei dos medos e dos persas que nenhum edito ou ordenança, que o rei determine, se pode mudar.

“Então, o rei ordenou que trouxessem a Daniel, e o lançaram na cova dos leões. E, falando o rei, disse a Daniel: O teu Deus, a quem tu continuamente serves, Ele te livrará.” Dan. 6:15 e 16. Uma pedra foi colocada sobre a boca da cova e selada com o selo real. “Então, o rei dirigiu-se para o seu palácio, e passou a noite em jejum, e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono.” Dan. 6:18.

“Meu Deus Enviou o Seu Anjo”

Muito cedo, de manhã, o rei dirigiu-se apressadamente à cova dos leões e gritou: “Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?” Dan. 6:20. A voz do profeta foi ouvida em resposta: “Ó rei, vive para sempre! O meu Deus enviou o Seu anjo e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dEle; e também contra ti, ó rei, não tenho cometido delito algum.” Dan. 6:21 e 22.

“Então, o rei muito se alegrou em si mesmo e mandou tirar a Daniel da cova; assim, foi tirado Daniel da cova, e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus.” Dan. 6:23. Assim foi livrado o servo de Deus. E a armadilha que seus inimigos armaram para a destruição dele, provou-se ser para sua própria ruína. Por ordem do rei eles foram lançados na mesma cova e, instantaneamente, devorados pelos animais selvagens.

Ellen G. White - Santificação, 41-45

8º Dia | As Orações de Daniel

Ao aproximar-se o tempo para a terminação dos setenta anos do cativeiro, Daniel começou a preocupar-se grandemente a respeito das profecias de Jeremias. Vira que estava próximo o tempo em que Deus haveria de dar outra oportunidade a Seu povo escolhido; e, mediante jejum, humilhação e oração, importunava o Deus do Céu em favor de Israel, com estas palavras: "Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que Te amam e guardam os Teus mandamentos; pecamos, e cometemos iniquidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos Teus mandamentos e dos Teus juízos; e não demos ouvidos aos Teus servos, os profetas, que em Teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da Terra." Dan. 9:4-6.

Daniel não proclamava diante do Senhor sua própria fidelidade. Em vez de se confessar puro e santo, este honrado profeta se identificava com Israel, realmente pecador. A sabedoria que Deus lhe havia concedido era tanto maior que a dos grandes homens do mundo quanto a luz do Sol que brilha nos céus é mais resplendente do que a mais pálida estrela. Todavia, ponderai a oração dos lábios deste homem tão altamente favorecido pelo Céu. Com profunda humildade, com lágrimas e coração lacerado, ele intercede por si e por seu povo. Estende seu coração aberto perante Deus, confessando sua própria indignidade e reconhecendo a grandeza e majestade do Senhor.

Zelo e Fervor

Que zelo e fervor caracterizam suas súplicas! A mão da fé se alça para agarrar as infalíveis promessas do Altíssimo. Sua alma luta em agonia. E ele tem a evidência de que sua oração é ouvida.

Sabe que a vitória é sua. Se nós, como um povo, orássemos como Daniel e lutássemos como ele lutou, humilhando nosso coração perante Deus, haveríamos de presenciar tão notáveis respostas às nossas petições quanto as que foram dadas a Daniel. Ouvi como ele expõe seu caso à corte celestial:

"Inclina, ó Deus meu, os Teus ouvidos e ouve; abre os Teus olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo Teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a Tua face fiados em nossas justiças, mas em Tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar; por amor de Ti mesmo, ó Deus meu; porque a Tua cidade e o Teu povo se chamam pelo Teu nome." Dan. 9:18 e 19.

O homem de Deus orava pela bênção do Céu sobre seu povo e por um mais claro conhecimento da vontade divina. O fardo de seu coração era Israel, o qual não estava, num sentido restrito, observando a lei de Deus. Ele reconhecia que todos os seus infortúnios vieram sobre Israel em consequência de suas transgressões dessa lei santa. Diz ele: "Pecamos; procedemos impiamente. ... Por causa das iniquidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o Teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós." Dan. 9:15 e 16. Os judeus haviam perdido seu peculiar e santo caráter como o povo escolhido de Deus. "Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do Teu servo e as suas súplicas e sobre o Teu santuário assolado faze resplandecer o Teu rosto, por amor do Senhor." Dan. 9:17. O coração de Daniel volta-se com intensa saudade para o desolado santuário de Deus. Ele sabe que sua prosperidade só poderá ser restaurada, ao arrepender-se Israel de suas transgressões contra a lei de Deus e tornar-se humilde, fiel e obediente.

O Mensageiro Celestial

Ao prosseguir a oração de Daniel, o anjo Gabriel vem voando das cortes celestiais para lhe dizer que suas petições foram ouvidas e atendidas. Este poderoso anjo é comissionado para dar-lhe entendimento e compreensão - para abrir perante ele os mistérios dos séculos futuros.

Assim, enquanto ardentemente buscava saber e compreender a verdade, Daniel foi levado em comunhão com o mensageiro delegado pelo Céu.

Em resposta a sua petição, Daniel recebeu não somente a luz e a verdade de que ele e seu povo mais precisavam, mas uma visão dos grandes eventos do futuro mesmo até o advento do Redentor do mundo. Aqueles que dizem estar santificados, ao passo que não têm nenhum desejo de examinar as Escrituras ou lutar com Deus em oração por uma compreensão mais clara da verdade bíblica, não sabem o que é a verdadeira santificação.

Daniel falava com Deus. O Céu estava aberto perante ele. Mas as elevadas honras conferidas a ele eram o resultado da humilhação e fervorosa comunhão com Deus. Todos os que, de coração, crêem na Palavra de Deus, terão fome e sede de um conhecimento de Sua vontade. Deus é o autor da verdade. Ele ilumina o entendimento obscurecido e dá à mente humana poder para apreender e compreender as verdades que revelou.

Em Busca da Sabedoria de Deus

Na ocasião que acaba de ser descrita, o anjo Gabriel deu a Daniel toda instrução que ele estava habilitado a receber. Uns poucos anos mais tarde, contudo, o profeta desejou conhecer mais a respeito dos assuntos não explicados inteiramente e, de novo, pôs-se a buscar luz e sabedoria de Deus. “Naqueles dias, eu, Daniel, pranteei durante três semanas. Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum. ... Levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos com ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente.” Dan. 10:2, 3, 5 e 6.

Esta descrição é semelhante àquela dada por João quando Cristo foi revelado a ele na ilha de Patmos. Não foi outro personagem senão o Filho de Deus que apareceu a Daniel. Nosso Senhor vem com outro mensageiro celestial para ensinar a Daniel o que aconteceria nos últimos dias.

As grandes verdades reveladas pelo Redentor do mundo são para aqueles que procuram a verdade como a tesouros escondidos. Daniel era um homem idoso. Sua vida tinha sido passada no meio das fascinações de uma corte pagã; sua mente havia lidado com os negócios de um grande império. Todavia, ele se volta de tudo isto para afligir seu coração diante de Deus e buscar um conhecimento dos propósitos do Altíssimo. E, em resposta a suas súplicas, foi comunicada luz das cortes celestiais aos que haveriam de viver nos últimos dias. Com que zelo, pois, deveríamos nós buscar a Deus, para que Ele nos abra o entendimento a fim de compreender as verdades trazidas do Céu para nós.

“Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam. ... E não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma.” Dan. 10:7 e 8. Todos os que estão verdadeiramente santificados, hão de ter experiência semelhante. Quanto mais claras suas visões da grandeza, glória e perfeição de Cristo, tanto mais vividamente verão sua própria fraqueza e imperfeição. Não terão nenhuma disposição para dizer que têm caráter impecável; aquilo que neles tem parecido correto e conveniente, aparecerá, em contraste com a pureza e glória, somente indigno e corruptível. É quando os homens estão separados de Deus, quando têm distorcidas visões de Cristo, que dizem: “Eu estou sem pecado; estou santificado”.

Gabriel apareceu ao profeta e assim se dirigiu a ele: “Daniel, homem mui desejado, está atento às palavras que te vou dizer e levanta-te sobre os teus pés; porque eis que te sou enviado. E, falando ele comigo esta palavra, eu estava tremendo. Então, me disse: Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia, em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras.” Dan. 10:11 e 12.

Honras Reais Prestadas a Daniel

Que grande honra é outorgada a Daniel pela Majestade do Céu! Conforta Seu servo tremendo e lhe assegura que sua oração foi ouvida no Céu. Em resposta àquela fervorosa petição, o anjo Gabriel foi enviado para influenciar o

coração do rei persa. O rei havia resistido às impressões do Espírito de Deus durante as três semanas em que Daniel estivera jejuando e orando, mas o Príncipe dos Céus, o Arcanjo Miguel, foi enviado para convencer o coração do obstinado rei, a fim de que tomasse alguma decisão para atender à oração de Daniel.

“E, falando ele comigo essas palavras, abaixei o meu rosto e emudeci. E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios; ... e disse: Não temas, homem mui desejado! Paz seja contigo! Anima-te, sim, anima-te! E, falando ele comigo, esforcei-me e disse: Fala, meu Senhor, porque me confortaste.” Dan. 10:15, 16 e 19.

Tão grande foi a glória divina revelada a Daniel, que não pôde suportar a visão. Então o mensageiro celestial velou o resplendor de sua presença e apareceu ao profeta na “semelhança dos filhos dos homens”. Dan. 10:16. Por seu divino poder, fortaleceu esse homem de integridade e fé, para ouvir a mensagem divina a ele enviada.

Daniel foi um devoto servo do Altíssimo. Sua longa vida foi repleta de nobres feitos de serviço para seu Mestre. Sua pureza de caráter e inabalável fidelidade são igualadas unicamente por sua humildade de coração e contrição diante de Deus. Repetimos: A vida de Daniel é uma inspirada ilustração da verdadeira santificação.

Ellen G. White - Santificação, 46-52

9º Dia | O Caráter de João

O apóstolo João distinguiu-se entre seus irmãos como o “discípulo a quem Jesus amava”. Conquanto não fosse tímido, fraco ou de caráter vacilante, ele possuía uma disposição amável e um coração ardente e afetuoso. Ele parece ter desfrutado, num sentido preeminente, a amizade de Cristo e recebido muitas provas da confiança e amor do Salvador. Foi um dos três a quem se permitiu testemunhar a glória de Cristo sobre o monte da transfiguração e Sua agonia no Getsêmani; e, ao seu cuidado, nosso Senhor confiou Sua mãe naquelas últimas horas de angústia sobre a cruz.

A afeição do Salvador pelo discípulo amado foi retribuída com toda a força de uma devoção ardente. Ele se apegou a Cristo como a videira se apegava às suntuosas colunas. Por amor de seu Mestre, enfrentou os perigos da sala do julgamento e demorou-se junto da cruz; e, ante as novas de que Cristo havia ressurgido, correu ao sepulcro, sobrepujando, em seu zelo, mesmo o impetuoso Pedro.

O amor de João por seu Mestre não era uma simples amizade humana; mas sim o amor de um pecador arrependido, que reconhecia haver sido redimido pelo precioso sangue de Cristo. Ele considerava a mais elevada honra trabalhar e sofrer no serviço de seu Senhor. Seu amor por Jesus o levava a amar todos aqueles por quem Cristo morreria. Sua religião era de caráter prático. Arrazoava que o amor a Deus se manifestaria no amor a Seus filhos. Podia ser ouvido dizendo repetidas vezes: “Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros.” I João 4:11. “Nós O amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro. Se alguém diz: Eu amo a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” I João 4:19 e 20. A vida do apóstolo estava em harmonia com seus ensinamentos. O amor por Cristo, que ardia em seu coração, levava-o a prestar o mais zeloso e incansável serviço por seus semelhantes, especialmente por seus irmãos na igreja cristã. Ele era um poderoso pregador, fervoroso e profundo em zelo, e suas palavras levavam consigo um peso de convicção.

Nova Criatura Através da Graça

O confiante amor e a desinteressada devoção manifestados na vida e caráter de João,

apresentam lições de indiscutível valor para a igreja cristã. Alguns podem representá-lo como possuindo esse amor independentemente da graça divina; mas João tinha, por natureza, sérios defeitos de caráter: era orgulhoso, ambicioso e se ressentia facilmente de críticas e ofensas.

A profundidade e o fervor da afeição de João por seu Senhor, não eram a causa do amor de Cristo por ele, mas o efeito desse amor. João desejava tornar-se semelhante a Jesus e, sob a transformadora influência de Seu poder, tornou-se manso e humilde de coração. O eu foi escondido em Jesus. Ele estava intimamente unido à Videira Viva e assim se tornou participante da natureza divina. Tal será sempre o resultado da comunhão com Cristo. Esta é a verdadeira santificação.

Pode haver notáveis defeitos no caráter de um indivíduo; contudo, quando ele se torna um verdadeiro discípulo de Cristo, o poder da graça divina faz dele uma nova criatura. O amor de Cristo o transforma e santifica. Mas quando as pessoas professam ser cristãs e sua religião na faz que sejam melhores homens e mulheres em todas as relações da vida - representações vivas de Cristo no temperamento e no caráter - não são dEle.

Lições Sobre Edificação do Caráter

Certa ocasião, João empenhou-se numa luta com vários de seus irmãos sobre qual deles seria considerado o maior. Não queriam que suas palavras alcançassem os ouvidos do Mestre; mas Jesus lia-lhes o coração e aproveitou a oportunidade para dar a Seus discípulos uma lição de humildade. Esta lição não foi somente para o pequeno grupo que escutou Suas palavras, mas devia ser registrada para o bem de todos os Seus seguidores até o fim dos tempos. “E Ele, assentando-Se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos.” Mar. 9:35.

Aqueles que possuem o Espírito de Cristo não terão nenhuma ambição de ocupar uma posição sobre seus irmãos. São aqueles que são pequenos aos seus próprios olhos que serão considerados grandes à vista de Deus. “E, lançando mão de uma criança, pô-la no meio deles e, tomando-a nos Seus braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma destas crianças em Meu nome a Mim Me recebe; e qualquer que a Mim receber recebe não a Mim, mas ao que Me enviou.” Mar. 9:36 e 37.

Que preciosa lição é esta para todos os seguidores de Cristo! Aqueles que passam por alto os deveres da vida, que jazem diretamente em seu caminho, e negligenciam a misericórdia e a bondade, a cortesia e o amor, mesmo que seja para com uma criancinha, estão rejeitando a Cristo. João sentiu a força desta lição e foi beneficiado por ela.

Em outra ocasião, seu irmão Tiago e ele viram um homem expulsando demônios em nome de Jesus; e, porque esse não se unira imediatamente a seu grupo, decidiram que não tinha nenhum direito para fazer esse trabalho e, conseqüentemente, proibiram-no. Na sinceridade de seu coração, João relatou a circunstância a seu Mestre. Jesus disse: “Não lho proibais, porque ninguém há que faça milagre em Meu nome e possa logo falar mal de Mim. Porque quem não é contra nós é por nós.” Mar. 9:39 e 40.

De outra feita Tiago e João apresentaram por intermédio de sua mãe um pedido para que lhes fosse permitido ocupar a mais alta posição de honra no reino de Cristo. ... O Salvador, porém, respondeu: “Não sabeis o que pedis.” Mat. 10:38. Quão pouco muitos de nós compreendemos da verdadeira importância de nossas orações! Jesus conhecia o infinito sacrifício pelo qual seria adquirida aquela glória quando, “pelo gozo que Lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta”. Heb. 12:2. Esse gozo era, por vez, pessoas salvas por Sua humilhação, Sua agonia e o derramamento de Seu sangue.

Esta era a glória que Cristo estava para receber e que estes dois discípulos pediram lhes fosse permitido partilhar. Jesus lhes perguntou: “Podeis vós beber o cálice que Eu bebo e ser batizados com o batismo com que Eu sou batizado? E eles Lhe disseram: Podemos.” Mar. 10:38 e 39.

Quão pouco compreendiam o que esse batismo significava! “Jesus, porém, disse-lhes: Em verdade... sereis batizados com o batismo com que Eu sou batizado, mas o assentar-se à Minha direita ou à Minha esquerda não Me pertence a Mim concedê-lo, mas isso é para aqueles a quem está reservado.” Mar. 10:39 e 40.

O Orgulho e a Ambição Reprovados

Jesus compreendeu os motivos que incitaram aquele pedido e assim reprovou o orgulho

e a ambição dos dois discípulos: “Sabeis que os que julgam ser príncipes das gentes delas se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre elas; mas entre vós não será assim; antes, qualquer que, entre vós, quiser ser grande será vosso serviçal. E qualquer que, dentre vós, quiser ser o primeiro será servo de todos. Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos.” Mar. 10:42-45.

Certa ocasião, Cristo enviou mensageiros diante dEle a uma vila de samaritanos, pedindo ao povo que preparasse alimentos para Ele e Seus discípulos. Mas quando o Salvador Se aproximou da vila, pareceu como quem estava de passagem para Jerusalém. Isto suscitou a inimizade dos samaritanos, e em vez de mandarem mensageiros para O convidarem e mesmo estarem com Ele para hospedar-Se em seu meio, recusaram-Lhe as cortesias que teriam prestado a um viajante comum. Jesus nunca obriga alguém a aceitá-Lo, de modo que os samaritanos perderam a bênção que lhes teria sido concedida, caso Lhe houvessem solicitado para ser seu hóspede.

Nós nos podemos admirar do descortês tratamento dado à Majestade do Céu; mas quão freqüentemente nós, que professamos ser seguidores de Cristo, somos culpados de semelhante negligência! Insistimos com Jesus para tomar posse de Sua habitação em nosso coração e nosso lar? Ele está repleto de amor, de graça, de bênção, e está pronto para conceder-nos estas dádivas; mas, como os samaritanos, nós muitas vezes nos contentamos sem elas.

Os discípulos sabiam do propósito de Cristo para abençoar aos samaritanos com Sua presença; e quando viram a frieza, os ciúmes e o desrespeito manifestados para com seu Mestre, encheram-se de surpresa e indignação. Especialmente Tiago e João ficaram irritados. Aquele que eles tão grandemente reverenciavam, ser assim tratado, parecia-lhes um crime demasiado grande para ser passado por alto sem imediata punição. Em seu zelo, disseram: “Senhor, que- res que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?” (Luc. 9:54) referindo-se à destruição dos capitães sírios e suas companhias, que foram enviados para prender o profeta Elias.

Jesus repreendeu Seus discípulos, dizendo: “Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.” Luc. 9:55 e 56. João e os demais discípulos estavam numa escola, da qual Cristo era o professor. Aqueles que estavam prontos para ver seus próprios defeitos e ansiosos por melhorar o caráter, tinham ampla oportunidade. João entesourava cada lição e constantemente procurava conduzir sua vida em harmonia com o Modelo Divino. As lições de Jesus, apresentando a mansidão, a humildade e o amor como essenciais ao crescimento da graça e a adaptação para Seu trabalho, eram altamente avaliadas por João. Essas lições são dirigidas a nós como indivíduos e irmãos na igreja, da mesma forma que aos primeiros discípulos de Cristo.

João e Judas

Uma lição instrutiva pode ser tirada do chocante contraste entre o caráter de João e o de Judas. João era um exemplo vivo da santificação. De outro lado, Judas possuía uma forma de piedade, ao passo que seu caráter era mais satânico do que divino. Aparentava ser discípulo de Cristo, mas negava-O em palavras e obras.

Judas teve as mesmas preciosas oportunidades que João para estudar e imitar o Modelo. Ele escutava as lições de Cristo e seu caráter poderia ter sido transformado pela graça divina. Porém, enquanto João lutava arduamente contra suas próprias faltas e procurava assemelhar-se a Cristo, Judas violava sua consciência, rendia-se à tentação e fortalecia em si hábitos de desonestidade, que o transformariam na imagem de Satanás.

Estes dois discípulos representam o mundo cristão. Todos professam ser seguidores de Cristo; porém, enquanto uma classe anda em humildade e mansidão, aprendendo de Jesus, a outra mostra que eles não são praticantes da Palavra, mas unicamente ouvintes. Uma classe é santificada pela verdade; a outra, nada conhece do poder transformador da graça divina. A primeira é daqueles que diariamente estão morrendo para o eu e vencendo o pecado. A última é daqueles que estão condescendendo com as concupiscências e se tornando servos de Satanás.

Ellen G. White - Santificação, 53-60

10º Dia | O Ministério de João

O apóstolo João passou a infância na sociedade dos incultos pescadores galileus. Não desfrutara do preparo das escolas, mas, pela comunhão com Cristo, o grande Ensinador, obteve a mais elevada educação que o homem mortal pode receber. Bebeu avidamente da fonte da Sabedoria e, então, procurou conduzir outros àquela fonte de água que salta "para a vida eterna". João 4:14. A simplicidade de suas palavras, o sublime poder das verdades por ele anunciadas e o fervor espiritual que caracterizavam seus ensinamentos, davam-lhe acesso a todas as classes. Contudo, mesmo os crentes não podiam compreender os sagrados mistérios da verdade divina esclarecida em seus discursos. Ele parecia estar constantemente imbuído do Espírito Santo. Procurava induzir o povo a apegar-se ao invisível. A sabedoria com a qual ele falava, fazia que suas palavras caíssem como o orvalho, abrandando e subjuguando a alma.

Depois da ascensão de Cristo, João tornou-se um fiel, ardente trabalhador pelo Mestre. Juntamente com outros, recebeu o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste e, com zelo e poder novos, continuou falando ao povo as palavras da vida. Foi ameaçado de prisão e morte, mas não se deixou intimidar.

Multidões de todas as classes saem para ouvir a pregação dos apóstolos e são curadas as suas enfermidades mediante o nome de Jesus - esse nome tão odiado entre os judeus. Os sacerdotes e príncipes tornam-se frenéticos em sua oposição ao verem que os doentes são curados e o nome de Jesus é exaltado como o Príncipe da vida. Temem que em breve todo o mundo haverá de crer nEle e então os acuse de assassinos do poderoso Médico. Mas quanto maiores seus esforços para impedirem essa agitação, tanto mais crêem nEle os homens e se apartam dos ensinamentos dos escribas e fariseus. En-

chem-se de indignação e, lançando mão de Pedro e João, atiram-nos na prisão comum. Porém, o anjo do Senhor, de noite, abre as portas da prisão, tira-os para fora e lhes diz: "Ide, apresentai-vos no templo e dizei ao povo todas as palavras desta vida." Atos 5:20.

Com fidelidade e zelo, João testemunhou de seu Senhor em toda a ocasião oportuna. Ele viu que os tempos eram cheios de perigos para a igreja. Por toda parte existiam enganos satânicos. A mente do povo vagueava por labirintos de ceticismo e de doutrinas enganosas. Alguns que professavam ser fiéis à causa de Deus eram enganadores. Negavam a Cristo e Seu evangelho, estavam produzindo danosas heresias e vivendo em transgressão da lei divina.

O Tema Favorito de João

O tema favorito de João era o infinito amor de Cristo. Ele cria em Deus como uma criança crê num pai bondoso e terno. Compreendia o caráter e obra de Jesus; e quando via seus irmãos judeus caminhando às apalpadelas, sem nenhum raio do Sol da Justiça para lhes iluminar o caminho, ansiava por lhes apresentar Cristo, a Luz do mundo.

O fiel apóstolo via que a cegueira deles, o orgulho, a superstição e a ignorância quanto às Escrituras estavam-lhes pondo a vida em correntes que nunca mais se partiriam. O preconceito e o ódio que obstinadamente nutriam contra Cristo, estavam trazendo a ruína sobre eles como nação e destruindo sua esperança de vida eterna. Mas João continuava a apresentar-lhes Cristo como o único meio de salvação. A evidência de que Jesus de Nazaré era o Messias estava tão clara que João declara que nenhum homem tem necessidade de andar nas trevas do erro enquanto tal luz é oferecida.

Entristecidos Pelos Erros Perniciosos

João viveu o bastante para ver o evangelho de Cristo pregado longe e perto, e milhares aceitando avidamente seus ensinamentos. Mas encheu-se de tristeza ao perceber que erros perniciosos se introduziam na igreja. Alguns dos que aceitaram a Cristo afirmavam que Seu amor os desobrigava da

obediência à lei de Deus. De outro lado, muitos ensinavam que a letra da lei deveria ser observada, como também todos os costumes e cerimônias judaicas, e que isso era suficiente para a salvação, sem o sangue de Cristo. Eles sustentavam que Cristo fora um bom homem, tanto como os apóstolos, mas negavam Sua divindade. João viu os perigos a que seria exposta a igreja, se seus membros recebessem essas idéias, de modo que as enfrentou com presteza e decisão.

Escreveu a uma grande auxiliadora do evangelho, uma senhora de boa reputação e extensa influência:

“Muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganhado; antes, recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras.” II João 1:7-11.

João não prosseguiu seu trabalho sem grandes embarços. Satanás não estava ocioso. Instigou homens maus para abreviarem a vida útil desse homem de Deus; mas santos anjos o protegeram de seus assaltos. João precisava ficar como uma fiel testemunha de Cristo. A igreja, em seu perigo, necessitava de seu testemunho.

Pela representação maliciosa e falsidade, os emissários de Satanás procuraram despertar oposição contra João e a doutrina de Cristo. Em conseqüência, dissensões e heresias estavam pondo em perigo a igreja. João enfrentou estes erros com inflexibilidade. Vedou o caminho aos adversários da verdade. Escreveu e exortou, para que os dirigentes destas heresias não tivessem o menor estímulo. Presentemente, há males semelhantes aos que ameaçavam a prosperidade da igreja primitiva, e os ensinamentos do apóstolo sobre estes pontos deveriam ser cuidadosamente atendidos. “Deveis ter amor”, é o clamor que se pode ouvir em toda parte, especialmente daqueles que professam a santificação. Mas o amor é demasiado puro para cobrir um pecado não confessado. Os ensinamentos de João são importantes para aqueles que vivem entre os perigos dos últimos dias. Ele estivera intimamente ligado a Cristo. Escutara Seus

ensinos e testemunhara Seus poderosos milagres. Assim apresentou um convincente testemunho, que tornou sem efeito as falsidades de Seus inimigos.

Nenhum Compromisso com o Pecado

João desfrutou a bênção da verdadeira santificação. Mas notai: o apóstolo não proclama ser sem pecado; está em busca da perfeição, andando à luz da presença de Deus. Testifica que o homem que professa conhecer a Deus e, contudo, quebra a lei divina, nega sua profissão. “Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade.” I João 2:4. Neste século de alarmante liberalidade, estas palavras seriam consideradas como extremismo. Mas o apóstolo ensina que, conquanto devamos manifestar cortesia cristã, estamos autorizados a chamar o pecado e os pecadores por seu verdadeiro nome - que isto é coerente com o verdadeiro amor. Conquanto tenhamos de amar as pessoas por quem Cristo morreu e trabalhar por sua salvação, não devemos condescender com o pecado. Não nos unamos com os rebeldes chamando a isso amor. Deus exige de Seu povo atual que permaneça, como o fez João em seu tempo, inflexivelmente pelo direito, em oposição aos erros destruidores das pessoas.

Não Há Santificação sem Obediência

Tenho encontrado muitos que alegavam viver sem pecado. Mas quando provados pela Palavra de Deus, mostraram-se ser transgressores declarados de Sua santa lei. As mais claras evidências da perpetuidade e força de obrigatoriedade do quarto mandamento, falharam quanto a despertar a consciência. Eles não podiam negar as reivindicações de Deus, mas aventuraram-se a desculpar-se por transgredirem o sábado. Tinham a pretensão de ser santificados e de servir a Deus todos os dias da semana. Muitas pessoas boas, diziam, não observam o sábado. Se os homens estão santificados, nenhuma condenação repousará sobre eles se o não observarem. Deus é demasiado misericordioso para puni-los por não guardarem o sétimo dia. Seriam considerados como esquisitos na comunidade se guardassem o sábado, e não teriam nenhuma influência no mundo. E eles precisam ser sujeitos aos poderes constituídos.

Uma senhora, em New Hampshire, apresentou seu testemunho numa reunião pública, dizendo que a graça de Deus estava governando em seu coração e que pertencia inteiramente ao Senhor. Então exprimiu sua crença de que este povo estava fazendo muito bem quanto a despertar pecadores para verem seu perigo. Disse: “O sábado que este povo apresenta a nós, é o único sábado da Bíblia”; e então afirmou que estivera muito preocupada com este assunto. Vira grandes provações diante de si, as quais teria de enfrentar caso observasse o sétimo dia. No dia seguinte ela veio à reunião e, de novo, deu testemunho, dizendo que perguntara ao Senhor se precisaria guardar o sábado e que Ele lhe dissera que não. Sua mente estava agora em descanso quanto ao assunto. Ela fez então a mais vibrante exortação a todos para atingirem o perfeito amor de Jesus, onde não há nenhuma condenação para a alma.

Essa mulher não possuía a genuína santificação. Não fora Deus quem lhe dissera que poderia ser santificada vivendo em desobediência a um de Seus explícitos mandamentos. A lei de Deus é sagrada, e ninguém a pode transgredir impunemente. Quem lhe disse que poderia continuar a quebrar a lei de Deus e ser inocente, fora o príncipe dos poderes das trevas - o mesmo que dissera a Eva, no Éden, por intermédio da serpente: “Certamente não morreréis.” Gên. 3:4. Eva se lisonjeou com o pensamento de que Deus era demasiado bondoso para puni-la pela desobediência de Seus explícitos mandamentos. O mesmo engano é apresentado por milhares, em desculpa de sua desobediência ao quarto mandamento. Aqueles que têm o Espírito de Cristo, guardarão todos os mandamentos de Deus independentes das circunstâncias. A Majestade dos Céus diz: “Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.” João 15:10.

Adão e Eva ousaram transgredir as ordens do Senhor, e o terrível resultado de seu pecado deveria constituir uma advertência para nós, a fim de não seguirmos seu exemplo de desobediência. Cristo orou por Seus discípulos, nestas palavras: “Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade.” João 17:17. Não existe genuína santificação a não ser pela obediência à verdade. Aqueles que amam a Deus de todo o coração, também hão de amar a todos os Seus mandamentos. O coração santificado anda em harmonia com os preceitos da lei de Deus; porque eles são santos, justos e bons.

Deus não Mudou

O caráter de Deus não mudou. Ele é hoje o mesmo Deus zeloso que era quando deu a Sua lei sobre o Sinai e a escreveu com Seu próprio dedo nas tábuas de pedra. Aqueles que espezinham a santa lei de Deus podem dizer: “Estou santificado”; mas estar santificado, de fato, e orgulhar-se de santificação são duas coisas diferentes.

O Novo Testamento não mudou a lei de Deus. A santidade do sábado do quarto mandamento está tão firmemente estabelecida como o trono de Jeová. João escreve: “Qualquer que comete o pecado também comete iniquidade, porque o pecado é iniquidade. E bem sabeis que Ele Se manifestou para tirar os nossos pecados; e nEle não há pecado. Qualquer que permanece nEle não peca; qualquer que peca [transgredir a lei] não O viu nem O conheceu.” I João 3:4-6. Nós somos autorizados a considerar do mesmo modo que o fez o discípulo amado, aqueles que se orgulham de permanecer em Cristo, de estar santificados, ao passo que vivem na transgressão da lei de Deus. Ele enfrentou justamente a mesma classe que nós temos de enfrentar. Disse ele: “Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como Ele é justo. Quem comete o pecado é do diabo, porque o diabo peca desde o princípio.” I João 3:7 e 8. Aqui o apóstolo fala em termos claros, como julga que o assunto exige.

As epístolas de João transmitem um espírito de amor. Mas quando ele chega em contato com essa classe que quebra a lei de Deus e ainda se orgulha de estar vivendo sem pecado, não hesita em adverti-la quanto a seu terrível engano. “Se dissermos que temos comunhão com Ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não pecamos, fazemo-Lo mentiroso, e a Sua Palavra não está em nós.” I João 1:6-10.

Ellen G. White - Santificação, 61-69

11º Dia | João no Exílio - I

O maravilhoso êxito que acompanhou a pregação do evangelho pelos apóstolos e seus coobreiros, aumentou o ódio dos inimigos de Cristo. Eles fizeram todo esforço possível por deter seu progresso e, finalmente, conseguiram dirigir o poder do imperador romano contra os cristãos. Seguiu-se uma terrível perseguição, na qual muitos dos servos de Cristo foram levados à morte. O apóstolo João era, nesse tempo, homem idoso; mas, com grande zelo e êxito, continuou a pregar a doutrina de Cristo. Ele tinha um testemunho de poder, o qual seus inimigos não podiam controverter, e que grandemente animava a seus irmãos.

Quando a fé dos cristãos parecia vacilar sob a furiosa oposição que eram forçados a enfrentar, o apóstolo repetia, com grande dignidade, poder e eloquência: “O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida... o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo.” I João 1:1 e 3.

O mais implacável ódio foi incitado contra João por sua inflexível fidelidade à causa de Cristo. Ele era o último sobrevivente dos discípulos que estiveram intimamente ligados com Jesus; e seus inimigos decidiram que seu testemunho deveria silenciar. Se isso se pudesse realizar, a doutrina de Cristo, pensavam eles, não se divulgaria; e, se tratada com severidade, haveria de, brevemente, desaparecer do mundo. Conseqüentemente, João foi chamado a Roma para ser julgado por sua fé. Suas doutrinas foram mal apresentadas. Testemunhas falsas acusaram-no como um homem indisciplinado, que publicamente, estava ensinando teorias que haveriam de subverter a nação.

O apóstolo apresentou sua fé de maneira clara e convincente, com tal simplicidade e

candura que suas palavras tiveram um poderoso efeito. Seus ouvintes ficaram atônitos, diante de sua sabedoria e eloquência. Mas quanto mais convincente seu testemunho, mais profundo o ódio daqueles que se opunham à verdade. O imperador encheu-se de raiva e blasfemou o nome de Deus e de Cristo. Não podia contradizer a argumentação do apóstolo ou opor-se ao poder que acompanhava a enunciação da verdade, de modo que determinou fazer silenciar seu fiel advogado.

A Testemunha de Deus não Silencia

Aqui podemos ver quão duro se pode tornar o coração quando obstinadamente se coloca contra os propósitos de Deus. Os inimigos da igreja estavam resolvidos a manter seu orgulho e poder diante do povo. Por decreto do imperador, João foi banido para a ilha de Patmos, condenado, como ele nos fala, “por causa da Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo”. Apoc. 1:9. Porém, os inimigos de Cristo falharam totalmente em seu propósito de fazer silenciar Sua fiel testemunha. De seu lugar de exílio, vem a voz do apóstolo atingindo mesmo o fim dos tempos, proclamando as mais eloqüentes verdades já apresentadas aos mortais.

Patmos, árida ilha rochosa no mar Egeu, havia sido escolhida pelo governo romano como lugar para desterro de criminosos. Mas, para o servo de Deus, esta triste habitação provou-se ser a porta do Céu. Ele fora separado das ocupadas cenas da vida e dos trabalhos ativos como evangelista; mas não fora excluído da presença de Deus. Em seu desolado lar, ele podia comungar com o Rei dos reis e estudar mais de perto o livro da natureza e nas páginas da inspiração as manifestações do poder divino. Deleitava-se em meditar na grande obra do Arquiteto Divino. Em anos anteriores, seus olhos se haviam alegrado à vista de colinas cobertas de matas, verdes vales e planícies férteis; e, em todas as belezas da natureza, ele se deleitava em traçar a sabedoria e perícia do Criador. Estava agora cercado por cenas que, para muitos, haveriam de parecer tristes e desinteressantes. Mas, para João, era o contrário. Ele podia ler as mais importantes

lições nas rochas nuas e desoladas, nos mistérios do grande mar e nas glórias do firmamento. Para ele, tudo isto trazia o sinal do poder de Deus e declarava Sua glória.

A Voz da Natureza

O apóstolo contemplou ao seu redor as testemunhas do dilúvio que inundara a Terra porque seus habitantes se aventuraram a transgredir a lei de Deus. As rochas, lançadas para fora do mar e da terra, pelo rompimento das águas, traziam vividamente a seu espírito os terrores daquele terrível derramamento da ira de Deus.

Todavia, enquanto tudo aquilo que rodeava embaixo parecesse desolado e árido, os céus azuis, debruçados sobre o apóstolo na solitária Patmos, eram tão brilhantes e belos como o firmamento sobre sua amada Jerusalém. Que o homem contemple uma vez, de noite, a glória dos céus e note em sua imensidão a obra do poder de Deus, e lhe será ensinada uma lição da grandeza do Criador, em contraste com sua própria pequenez. Se ele tem nutrido o orgulho e a idéia de sua própria importância por causa de riqueza, ou talentos, ou atrativos pessoais, que vá fora, numa linda noite, e contemple o céu estrelado, aprendendo a humilhar seu espírito orgulhoso na presença do Infinito.

Na voz de muitas águas - um abismo chamando outro abismo - o profeta ouviu a voz do Criador. O mar açoitado furiosamente pelos impiedosos ventos, representava para ele a ira de um Deus ofendido. As poderosas ondas, em sua mais terrível comoção, restringidas aos limites apontados por uma mão invisível, falavam a João de um infinito poder que controla o mar. E, em contraste, ele viu e percebeu a loucura dos débeis mortais, apenas vermes do pó, que se gloriam em sua sabedoria e força, e põem seu coração contra o Governador do Universo, como se Deus fosse semelhante a um deles. Quão cego e insensível é o orgulho humano! Uma hora da bênção de Deus, na luz do Sol ou na chuva sobre a terra, fará mais para mudar o aspecto

da natureza do que o homem, com todo o seu arrogante conhecimento e perseverante esforço, pode executar durante toda a vida.

Nas coisas que cercavam seu lar ilhéu, o profeta exilado lia as manifestações do poder divino e, em todas as obras da natureza, mantinha comunhão com seu Deus. O mais ardente anseio da alma por Deus, as mais ferventes orações, partiram para o Céu, da rochosa Patmos. Ao olhar João para as rochas, lembrava-se de Cristo, a Rocha de sua força, em cujo abrigo se poderia esconder sem nenhum temor.

Um Observador do Sábado

O dia do Senhor mencionado por João era o sábado, o dia no qual Jeová repousara após a grande obra da Criação, e o qual abençoara e santificara por haver repousado nele. O sábado era tão santamente observado por João na ilha de Patmos como quando estava entre o povo pregando a respeito desse dia. Junto das estéreis rochas que o cercavam, João se lembrava do rochoso Horebe e de quando Deus pronunciara Sua lei ao povo, ali, e dissera: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.” Êxo. 20:8.

O Filho de Deus falara a Moisés do cume do monte. Deus fizera das rochas o Seu santuário. Seu templo foram os outeiros eternos. O Divino Legislador descera sobre a montanha rochosa para pronunciar Sua lei aos ouvidos de todo o povo, a fim de que fossem impressionados pela grandiosa e terrível exibição do Seu poder e glória e temessem transgredir Seus mandamentos. Deus proferira Sua lei no meio de trovões, e relâmpagos, e de espessa nuvem sobre o cume da montanha, e Sua voz fora como a voz de uma trombeta ressoante. A lei de Jeová era imutável, e as tábuas sobre as quais escrevera essa lei eram rocha sólida, significando a imutabilidade de Seus preceitos. O monte Horebe tornara-se um lugar sagrado para todos os que amavam e reverenciavam a lei de Deus.

Ellen G. White - Santificação, 70-75

12º Dia | João no Exílio - II

Enquanto João contemplava as cenas do Horebe, o Espírito daquele que santificara o sétimo dia veio sobre ele. Contemplava o pecado de Adão transgredindo a lei divina e o terrível resultado dessa transgressão. O infinito amor de Deus, dando Seu Filho para remir a raça perdida, parecia demasiado grande para a língua exprimir. Ao apresentá-lo em sua epístola, convida a igreja e o mundo para considerá-lo. "Veja que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não O conheceu a Ele mesmo." I João 3:1. Era para João - um mistério que Deus houvesse dado Seu Filho para morrer pelo homem rebelde. E ele estava realmente perplexo em ver que o plano da salvação, delineado a tal preço pelo Céu, fosse recusado por aqueles para quem o sacrifício infinito fora feito.

João estava em comunhão com Deus. Ao aprender mais do caráter divino através das obras da criação, sua reverência por Deus aumentou. Muitas vezes perguntou, de si para si: Por que os homens, que são inteiramente dependentes de Deus, não procuram estar em paz com Ele, mediante uma obediência voluntária? Ele é infinito em sabedoria e não há limite para Seu poder. Controla os céus com seus inumeráveis mundos. Preserva em perfeita harmonia a grandeza e beleza das coisas que criou. O pecado é a transgressão da lei de Deus; e a pena do pecado é a morte. Não teria havido nenhuma discórdia no Céu ou na Terra se jamais houvesse entrado o pecado. A desobediência à lei de Deus trouxe toda a miséria que tem existido entre Suas criaturas. Por que não se hão de os homens reconciliar com Deus?

Não é coisa de pouca importância pecar contra Deus, colocar a perversa vontade do homem em oposição à vontade de seu Criador. É para o melhor bem dos homens, mesmo neste mundo, obedecer aos mandamentos de Deus. E é certamente para seu interesse eterno submeter-se a Deus e estar em paz com Ele. Os animais do campo obedecem à lei de seu Criador no instinto que as governa. Ele fala ao orgulhoso oceano: "Até aqui virás, e não mais adiante" (Jó 38:11); e as águas são prontas para obedecer a Sua palavra. Os planetas estão dispostos em perfeita ordem, obedecendo a leis que Deus estabeleceu. De todas as criaturas que Deus fez sobre a Terra, só o homem é rebelde. Contudo, ele possui as faculdades do raciocínio para compreender as exigências da lei divina e uma consciência para sentir a culpa da transgressão e a paz e alegria da obediência. Deus o fez um agente moral livre, para obedecer ou desobedecer. O galardão da vida eterna - um eterno peso de glória - é prometido àqueles que fazem a vontade de Deus, ao passo que as ameaças de Sua ira pendem sobre todos os que desprezam Sua lei.

A Majestade de Deus

Enquanto João meditava na glória de Deus exibida em Suas obras, estava mergulhado na grandeza e majestade do Criador. Se todos os habitantes deste pequeno mundo recusassem obediência a Deus, Ele não seria deixado sem glória. Num momento Ele poderia varrer da face da Terra todo mortal e criar uma nova raça para povoá-la e glorificar Seu nome. Deus não depende do homem para ser honrado. Ele poderia ordenar às constelações lá dos céus, aos milhões de mundos do alto, que elevassem um cântico de honra e louvor, e glória ao Criador. "Os céus louvarão as Tuas maravilhas, ó Senhor, e a Tua fidelidade também na assembléia dos santos. Pois quem no Céu se pode igualar ao Senhor? Quem é semelhante ao Senhor entre os filhos dos poderosos? Deus deve ser em extremo tremendo na assembléia dos santos e grandemente reverenciado por todos os que O cercam." Sal. 89:5-7.

Uma Visão de Cristo

João relembra os maravilhosos incidentes que testemunhara na vida de Cristo. Em pensamento, de novo desfruta das preciosas oportunidades com as quais fora uma vez favorecido, e é grandemente confortado. Repentinamente, interrompe-se sua meditação; ele é chamado em tons distintos e claros. Volta-se para ver de onde procede a voz, e, eis! contempla seu Senhor, ao qual tem amado, com quem tem andado e falado, e cujos sofrimentos na cruz testemunhara. Mas quão mudada a aparência do Salvador! Ele não é mais “homem de dores, experimentado nos trabalhos”. Isa. 53:3. Não traz nenhum sinal de Sua humilhação. Seus olhos são como chama de fogo; os pés semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha. Os tons de Sua voz são como os sons musicais de muitas águas. Seu semblante brilha como o Sol em sua glória meridiana. Em Sua mão estão sete estrelas, representando os pastores das igrejas. Da boca Lhe sai uma aguda espada de dois fios, emblema do poder de Sua Palavra.

João, que assim tem amado seu Senhor e resolutamente aderido à verdade em face de aprisionamento, açoites e ameaças de morte, não pode suportar a excelente glória da presença de Cristo, e cai por terra como ferido de morte. Jesus, então, põe a mão sobre o corpo prostrado de Seu servo, dizendo: “Não temas; Eu sou... o que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre.” Apoc. 1:17 e 18. João foi fortalecido para viver na presença de seu glorificado Senhor; e então foram apresentados perante ele, em santa visão, os propósitos de Deus para os séculos futuros. As gloriosas atrações do lar celestial foram-lhe reveladas. Foi-lhe permitido olhar para o trono de Deus e contemplar a multidão dos remidos com vestes brancas. Ouviu a música dos anjos celestiais e os cânticos triunfais daqueles que venceram pelo sangue do Cordeiro e a palavra do seu testemunho.

A Humildade de João

Ao discípulo amado foram dados tão exaltados privilégios, como raramente têm sido concedidos aos mortais. Contudo, tanto se havia ele tornado semelhante ao caráter de Cristo, que o orgulho não encontrava lugar em seu coração. Sua humildade não consistia em mera profissão; era uma graça que o vestia tão naturalmente quanto uma veste. Ele sempre procurava ocultar seus próprios atos de justiça e evitar tudo que pudesse parecer atrair a atenção para si mesmo. Em seu evangelho, João menciona o discípulo a quem Jesus amava, mas oculta o fato de que esse assim honrado era ele. Sua atitude era destituída de egoísmo. Em sua vida diária ele praticava o amor em seu sentido mais amplo. Tinha em alto grau o senso da afeição que deveria existir entre os irmãos naturais e a família cristã. Ele apresenta e insiste nesse amor como sendo uma característica essencial dos seguidores de Jesus. Destituído disto, todas as pretensões do nome cristão são vãs.

João era um professor de santidade prática. Apresenta infalíveis regras para a conduta dos cristãos. Eles devem ser puros de coração e corretos nas maneiras. Em nenhum caso devem ficar satisfeitos com uma profissão vã. Ele declara, em termos inconfundíveis, que ser cristão é ser semelhante a Cristo.

A vida de João foi uma vida de fervoroso esforço para conformar-se com a vontade de Deus. O apóstolo seguia tão de perto a seu Salvador e tinha tamanha compreensão da pureza e exaltada santidade de Cristo, que seu próprio caráter aparecia, em contraste, excessivamente defeituoso. E quando Jesus apareceu a João, com Seu corpo glorificado, um rápido olhar foi suficiente para fazê-lo cair como morto. Tais serão sempre os sentimentos daqueles que melhor conhecem seu Senhor e Mestre. Quanto mais de perto contemplam a vida e o caráter de Jesus, tanto mais profundamente hão de sentir sua própria pecaminosidade e tanto menos dispostos estarão para ter pretensões à santidade de coração ou orgulhar-se de sua santificação.

Ellen G. White - Santificação, 75-79

13º Dia | O Caráter Cristão

O caráter do cristão é manifesto em sua vida diária. Disse Cristo: “Toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus.” Mat. 7:17. Nosso Salvador Se compara a uma videira, da qual Seus seguidores são os ramos. Ele declara positivamente que todos aqueles que desejam ser Seus discípulos precisam produzir frutos; e então mostra como podem tornar-se ramos frutíferos. “Estai em Mim, e Eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim.” João 15:4.

O apóstolo Paulo descreve o fruto que o cristão deve produzir. Diz ele que “está em toda bondade, e justa e verdade”. Efés. 5:9. E outra vez: “O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio.” Gál. 5:22 e 23. Estas preciosas graças são apenas os princípios da lei de Deus, demonstrados na vida.

A lei de Deus é a única norma verdadeira de perfeição moral. Essa lei foi praticamente exemplificada na vida de Cristo. Ele diz de Si mesmo: “Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.” João 15:10. Nada menos que esta obediência satisfará às exigências da Palavra de Deus. “Aquele que diz que está nEle também deve andar como Ele andou.” I João 2:6. Nós não podemos alegar que somos impotentes para fazer isso, porque temos a afirmativa: “A Minha graça te basta.” II Cor. 12:9. Ao olharmos no espelho divino - a lei de Deus - vemos a excessiva malignidade do pecado e nossa própria condição de perdidos, como transgressores. Mas, pelo arrependimento e fé, somos justificados perante Deus, e, mediante a graça divina, habilitados a prestar obediência aos Seus mandamentos.

Amor a Deus e ao Homem

Aqueles que têm genuíno amor a Deus, manifestarão um intenso desejo de conhecer Sua vontade e executá-la. Diz o apóstolo João,

cujas epístolas tratam tão cabalmente do amor: “Este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos.” I João 5:3. A criança que ama aos pais, mostrará esse amor por voluntária obediência; mas a criança egoísta, ingrata, procura fazer tão pouco quanto lhe seja possível por seus pais, enquanto, ao mesmo tempo, deseja desfrutar todos os privilégios assegurados ao obediente e fiel. A mesma diferença é vista entre os que dizem ser filhos de Deus. Muitos que sabem ser o objeto de Seu amor e cuidado, e desejam receber Sua bênção, não têm nenhum deleite em fazer Sua vontade. Consideram as exigências de Deus como uma desagradável restrição, Seus mandamentos um danoso jugo. Mas aquele que está verdadeiramente procurando a santidade de coração e de vida, deleita-se na lei de Deus, e lamenta unicamente o fato de que fica muito aquém de satisfazer a suas reivindicações.

É-nos ordenado amar-nos mutuamente, como Cristo nos amou. Ele manifestou Seu amor, dando Sua vida para remir-nos. O discípulo amado diz que devemos estar dispostos a dar a vida pelos irmãos. Porque “todo aquele que ama ao que O gerou também ama ao que dEle é nascido”. I João 5:1. Se amamos a Cristo, amaremos também àqueles que a Ele se assemelham na vida e no caráter. E não somente isto, mas havemos de amar àqueles que estão sem “esperança e sem Deus no mundo”. Efés. 2:12. Foi para salvar os pecadores que Cristo deixou Seu lar no Céu, e veio à Terra para sofrer e morrer. Por isso Ele Se fatigou, agoniou-Se e orou, até o ponto de, com o coração partido e abandonado por aqueles a quem veio salvar, derramar Sua vida no Calvário.

Imitar o Modelo

Muitos se esquivam de uma vida como a que viveu nosso Salvador. Sentem que requer muito sacrifício imitar o Modelo, produzir frutos em boas obras e então, pacientemente suportar a poda divina, para que possam produzir mais fruto. Mas quando o cristão se considera apenas um humilde instrumento nas mãos de Cristo e se esforça por cumprir fielmente todo dever, confiando no auxílio prometido por Deus, então tomará o jugo de Cristo e achará fácil fazê-lo;

então assumirá responsabilidades por Cristo, e dirá serem agradáveis. Ele poderá olhar para cima com ânimo e confiança, e dizer: “Eu sei em quem tenho crido e estou bem certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia.” II Tim. 1:12.

Se encontramos obstáculos em nosso caminho e fielmente os vencemos; se deparamos com oposição e descrédito, e, em nome de Cristo, ganhamos a vitória; se temos responsabilidades e nos desempenhamos de nossos deveres no espírito de nosso Mestre - então, de fato, alcançamos um precioso conhecimento de Sua fidelidade e poder. Não mais dependeremos da experiência de outros, porque temos o testemunho em nós mesmos. Como os samaritanos da antiguidade, podemos dizer: “Nós mesmos O temos ouvido e sabemos que Este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.” João 4:42.

Quanto mais contemplarmos o caráter de Cristo e quanto mais experimentarmos de Seu poder salvador, com tanto maior perspicácia reconheceremos nossa própria fraqueza e imperfeição, e mais fervorosamente olharemos para Ele como nossa força e nosso Redentor. Não temos poder em nós mesmos para purificar o templo da alma de sua contaminação; mas ao nos arrependermos de nossos pecados contra Deus e procurarmos perdão mediante os méritos de Cristo, Ele comunicará aquela fé que opera por amor e purifica o coração. Pela fé em Cristo e obediência à lei de Deus, podemos ser santificados e assim obter aptidão para a sociedade com os santos anjos e os remidos vestidos de branco no reino da glória.

A União com Cristo, Nosso Privilégio

Não é somente o privilégio, mas o dever de todo cristão manter uma íntima união com Cristo e ter uma rica experiência nas coisas de Deus. Então sua vida será frutífera em boas obras. Disse Cristo: “Nisto é glorificado Meu Pai: que deis muito fruto.” João 15:8. Quando lemos a vida de homens que foram eminentes por sua piedade, muitas vezes consideramos suas experiências e realizações como muito além de nosso alcance. Mas este não é o caso. Cristo morreu por todos; e é-nos assegurado em Sua Palavra que Ele está mais pronto a dar Seu

Santo Espírito àqueles que Lho pedirem do que os pais terrenos a dar boas dádivas a seus filhos. Os profetas e apóstolos não aperfeiçoaram o caráter cristão por milagre. Eles usaram os meios colocados por Deus ao seu alcance; e todos os que fizeram o mesmo esforço hão de conseguir os mesmos resultados.

A Oração de Paulo Pela Igreja

Em sua carta à igreja de Éfeso, Paulo apresenta perante os membros o “mistério do evangelho” (Efés. 6:19) - “as abundantes riquezas de Cristo” (Efés. 3:8) - e então lhes assegura suas fervorosas orações em favor de sua prosperidade espiritual:

“... Me ponho de joelhos diante do Pai, ... para que, segundo a riqueza da Sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.” Efés. 3:14, 16-19.

Escreve ele também a seus irmãos de Corinto: “Aos santificados em Cristo Jesus, ... graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Sempre dou graças ao meu Deus por vós pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo. Porque em tudo fostes enriquecidos nEle, em toda a palavra e em todo o conhecimento (como foi mesmo o testemunho de Cristo confirmado entre vós). De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo.” I Cor. 1:2-7. Estas palavras são dirigidas não somente à igreja de Corinto, mas a todo o povo de Deus até ao fim dos tempos. Todo cristão pode desfrutar a bênção da santificação.

O apóstolo continua nestes termos: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer.” I Cor. 1:10. Paulo não teria apelado para eles a fim de que fizessem o impossível. A união é o resultado certo da perfeição cristã.

Também na epístola aos colossenses são apresentados os gloriosos privilégios concedidos aos filhos de Deus. “Desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; ... também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da Sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria.” Col. 1:4, 9-11.

A Norma da Santidade

O próprio apóstolo esforçava-se por alcançar a mesma norma de santidade que apresentara a seus irmãos. Ele escreve aos filipenses: “O que, para mim, era lucro, isto considerarei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; ... para O conhecer, e... na Sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” Filip. 3:7, 8, 10-14. Há um notável contraste entre pretensões vaidosas e de justiça própria daqueles que professam estar sem pecado e a modesta linguagem do apóstolo. Contudo, foi a pureza e a fidelidade de sua própria vida que deu poder às suas exortações a seus irmãos.

A Vontade de Deus

Paulo não hesitava em salientar, em toda ocasião oportuna, a importância da santificação bíblica. Diz Ele: “Vós bem sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus. Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação.” I Tess. 4:2 e 3. “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na

minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo.” Filip. 2:12-15.

Ele convida Tito a instruir a igreja quanto a que, embora deversem seus membros confiar nos méritos de Cristo para a salvação, a graça divina, habitando em seus corações, conduzirá à fiel execução de todos os deveres da vida. “Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedçam e estejam preparados para toda boa obra; que a ninguém infamem, nem sejam contenciosos, mas modestos, mostrando toda mansidão para com todos os homens. Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes, para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens.” Tito 3:1, 2 e 8.

Paulo procura impressionar-nos a mente com o fato de que o fundamento de todo serviço aceitável a Deus, ao mesmo tempo que a própria coroa das graças cristãs, é o amor; e de que somente no coração em que reina o amor é que habitará a paz de Deus. “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.

Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai.” Col. 3:12-17.

Ellen G. White - Santificação, 80-88

14º Dia | O Privilégio do Cristão - I

Muitos dos que estão buscando santidade de coração e pureza de vida, parecem perplexos e desanimados. Estão constantemente olhando para si mesmos, e lamentando sua falta de fé; e porque não têm fé, julgam que não podem buscar a bênção de Deus. Essas pessoas pensam que o sentimento seja fé. Olham por cima da simplicidade da verdadeira fé, e assim trazem grandes trevas sobre sua vida. Deveriam volver a mente de si mesmas para repousá-la na misericórdia e bondade de Deus e recordar Suas promessas, e então simplesmente crer que Ele cumprirá Sua palavra. Não é em nossa fé que devemos confiar, porém nas promessas de Deus. Quando nos arrependemos de nossas transgressões passadas, contra Sua lei, e resolvemos prestar obediência no futuro, devemos crer que Deus, por amor de Cristo nos aceita e perdoa nossos pecados.

As trevas e o desânimo virão, às vezes, à alma e ameaçarão vencer-nos; mas não devemos rejeitar nossa confiança. Precisamos conservar os olhos fixos em Jesus, sentindo ou não. Devemos procurar cumprir fielmente cada dever conhecido e então, calmamente, descansar nas promessas de Deus.

A Vida da Fé

Por vezes, um profundo sentimento de nossa indignidade enche o coração, num estretecimento de terror; mas isto não é evidência de que Deus tenha mudado para conosco, ou nós em relação para com Ele. Nenhum esforço deveria ser feito quanto a dirigir a mente a certa intensidade de emoção. Podemos não sentir hoje a paz e a alegria que sentíamos ontem; mas devemos, pela fé, agarrar a mão de Cristo e confiar nEle tão completamente nas trevas como à luz.

Satanás poderá segredar: “Sois demasiadamente grandes pecadores para que Cristo vos

salve”. Conquanto reconheçais que sois realmente pecadores e indignos, podeis enfrentar o tentador com esta declaração: “Pela virtude da expiação, eu reclamo Cristo como meu Salvador. Não confio em meus próprios méritos, mas no precioso sangue de Jesus, o qual me limpa. Neste momento eu lanço sobre Cristo meu desalentado coração.” A vida cristã deve ser de constante, viva fé. Uma confiança que não se renda, firme fé em Cristo, trarão paz e certeza à alma.

Resistir à Tentação

Não vos desanimeis porque vosso coração parece duro. Cada obstáculo, cada inimigo interior, apenas aumenta vossa necessidade de Cristo. Ele veio para tirar o coração de pedra e dar-vos outro, de carne. Olhai para Ele em busca de graça especial para vencer vossas faltas peculiares. Quando assaltados pela tentação, resisti firmemente às más tendências; dizei a vosso coração: “Como posso eu desonrar ao meu Redentor? Entreguei-me a Cristo; não posso fazer as obras de Satanás”. Clamai ao amado Salvador em busca de auxílio para sacrificar todo ídolo e lançar fora todo pecado acariciado. Que os olhos da fé vejam Jesus diante do trono do Pai, apresentando Suas mãos feridas, enquanto intercede por vós. Crede que vos virá força, por intermédio de vosso precioso Salvador.

Ver com os Olhos da Fé

Pela fé, olhai para as coroas destinadas aos que hão de vencer; atentai para o exultante canto dos remidos: Digno, digno é o Cordeiro, que foi morto e nos redimiou para Deus! Esforçai-vos por considerar estas cenas como reais. Estêvão, o primeiro mártir cristão, em seu terrível conflito com os principados, e as potestades, e as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais (Efés. 6:12), exclamou: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus.” Atos 7:56. O Salvador do mundo foi-lhe revelado como olhando dos Céus para ele com o mais profundo interesse; e a gloriosa luz do semblante de Cristo brilhou sobre Estêvão com tal resplendor que mesmo os seus inimigos viram seu rosto brilhar como o rosto de um anjo.

Se permitíssemos que nossa mente se demorasse mais sobre Cristo e o mundo celestial, acharíamos um poderoso estímulo e amparo em guerrear as batalhas do Senhor. O orgulho e o amor ao mundo perderão seu poder ao contemplarmos as glórias daquela terra melhor, que tão logo será nosso lar. Diante da amabilidade de Cristo, todas as atrações terrenas parecerão de pouco valor.

Que ninguém pense que sem fervoroso esforço de sua parte poderá obter a certeza do amor de Deus. Quando por tão longo tempo se permitiu à mente repousar somente em coisas terrenas, é difícil mudar os hábitos do pensamento. Aquilo que os olhos vêem e os ouvidos escutam, demasiadas vezes atrai a atenção e absorve o interesse. Mas se quisermos entrar na cidade de Deus e olhar para Jesus e Sua glória, precisamos acostumar-nos, aqui, a contemplá-Lo com os olhos da fé. As palavras e o caráter de Cristo devem ser, freqüentemente, o assunto de nossos pensamentos e de nossa conversação; e, cada dia, algum tempo deve ser consagrado especialmente a devota meditação nestes temas sagrados.

Silenciando o Espírito

A santificação é uma obra diária. Ninguém se engane a si mesmo com a suposição de que Deus o perdoará e abençoará, enquanto está pisando um de Seus mandamentos. A prática voluntária de um pecado conhecido silencia a testemunhadora voz do Espírito e separa de Deus a alma. Quaisquer que sejam os êxtases do sentimento religioso, Jesus não pode habitar no coração que desrespeita a lei divina. Deus apenas honrará àqueles que O honram.

“Sois servos daquele a quem obedecéis.” Se condescendemos com a ira, a concupiscência, a cobiça, o ódio, o egoísmo ou outro pecado qualquer, tornamo-nos servos do pecado. “Ninguém pode servir a dois senhores.” Mat. 6:24. Se servimos ao pecado, não podemos servir a Cristo. O cristão sentirá as tendências do pecado, porque a carne cobiça contra o Espírito, mas o Espírito combate contra a carne, mantendo uma batalha constante. É aqui que o auxílio de Cristo se faz preciso.

A fraqueza humana se une à força divina, e a fé exclama: “Graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.” I Cor. 15:57.

Ellen G. White - Santificação, 89-93

15º Dia | O Privilégio do Cristão - II

Se quisermos desenvolver um caráter que Deus possa aceitar, precisamos formar hábitos corretos em nossa vida religiosa. A oração diária é tão essencial ao crescimento na graça, e mesmo à própria vida espiritual, como o alimento temporal ao bem-estar físico. Devemos acostumar-nos a elevar muitas vezes os pensamentos a Deus em oração. Se a mente vagueia, devemos fazê-la retornar; mediante perseverante esforço, o hábito finalmente fará que isto seja fácil. Não podemos, por um momento, separar-nos de Cristo com segurança. Podemos contar com Sua presença para assistir-nos a cada passo,

mas somente observando nós as condições que Ele mesmo estabeleceu.

A religião deve tornar-se o grande negócio da vida. Tudo mais deve ficar subordinado a ela. Todas as nossas faculdades morais, físicas e espirituais devem empenhar-se na batalha cristã. Devemos olhar para Cristo em busca de força e graça, e ganharemos a vitória tão certamente como Jesus morreu por nós.

Devemos aproximar-nos da cruz de Cristo. O arrependimento junto à cruz é a primeira lição que temos de aprender. O amor de Jesus - quem o pode compreender? Infinitamente mais terno e abnegado que o amor de uma mãe! Se quisermos conhecer o valor de um ser humano, precisamos olhar, com fé viva, para a cruz e aí começar o estudo que será a ciência e o cântico dos remidos através de toda a eternidade. O valor de nosso

tempo e de nossos talentos pode ser calculado somente pela grandeza do resgate pago por nossa redenção. Que ingratidão manifestamos para com Deus quando O roubamos, retendo dEle nossas afeições e nosso serviço. É demais dar-nos a Ele, que tudo sacrificou por nós? Podemos nós escolher a amizade do mundo diante das honras imortais que Cristo oferece - “que se assente comigo no Meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com Meu Pai no Seu trono”? Apoc. 3:21.

A santificação é uma obra progressiva. Os passos sucessivos são postos perante nós nas palavras de Pedro: “Reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.” II Ped. 1:5-8. “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” II Ped. 1:10 e 11.

Eis aqui um procedimento pelo qual podemos ter certeza de que jamais cairemos. Aqueles que estão assim trabalhando sobre o plano de adição em obter as graças cristãs, terão a certeza de que Deus operará de acordo com o plano de multiplicação, em assegurar-lhes os dons de Seu Espírito. Pedro assim se dirige àqueles que atingiram esta preciosa fé: “Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.” II Ped. 1:2. Pela graça divina todos aqueles que quiserem poderão galgar os brilhantes degraus da Terra ao Céu e, afinal, “com júbilo; e alegria eterna” (Isa. 35:10), passar através dos portais, para dentro da cidade de Deus.

Nosso Salvador requer para Si tudo que há em nós; pede nossos primeiros e mais puros pensamentos, nossa mais pura e mais intensa afeição. Se somos realmente participantes da natureza de Deus, Seu louvor estará continuamente em nosso coração e nossos lábios. Nossa única segurança está em entregar nosso tudo a Ele e em estar constantemente crescendo na graça e no conhecimento da verdade.

A Exclamação de Vitória de Paulo

O apóstolo Paulo fora altamente honrado por Deus, tendo sido arrebatado em visão ao terceiro Céu, onde contemplou cenas cujos esplendores não lhe foi permitido revelar. Contudo, isto não o levou ao orgulho ou confiança própria. Reconheceu a importância da constante vigilância e renúncia própria, e declara sinceramente: “Subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado.” I Cor. 9:27.

Paulo sofreu por amor da verdade; e, contudo, não ouvimos nenhuma queixa de seus lábios. Ao rever sua vida de fadiga, e cuidado, e sacrifício, ele diz: “Para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada.” Rom. 8:18. Vem até nosso tempo a exclamação de vitória do fiel servo de Deus: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!” Rom. 8:35, 37-39.

Embora Paulo fosse afinal confinado a uma prisão romana - excluído da luz e ar do céu, isolado de sua obra ativa no evangelho, esperando a todo o momento ser condenado à morte - não se entregou à dúvida ou ao desespero. Daquela escura masmorra partiu seu testemunho antes da agonia, cheio de uma sublime fé e ânimo que têm inspirado o coração dos santos e mártires em todos os séculos subseqüentes. Suas palavras apropriadamente descrevem os resultados daquela santificação que temos desejado apresentar nestas páginas: “Eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que amarem a Sua vinda.” II Tim. 4:6-8.

Ellen G. White - Santificação, 93-96

16º Dia | Conversões – Simulações ou Reais – I

Onde quer que a Palavra de Deus tenha sido fielmente pregada, seguiram-se resultados que atestaram de sua origem divina. O Espírito de Deus acompanhou a mensagem de Seus servos, e a Palavra era proclamada com poder. Os pecadores sentiam despertar-lhes a consciência. A “luz... que alumia a todo homem que vem ao mundo” (João 1:9) iluminava-lhes os íntimos recessos da alma, e as coisas ocultas das trevas eram manifestas. Coração e espírito eram possuídos de profunda convicção. Convenciam-se do pecado, da justiça e do juízo vindouro. Tinham a intuição da justiça de Jeová, e sentiam terror de aparecer, em sua culpa e impureza, perante Aquele que examina os corações. Com angústia exclamavam: “Quem me livrará do corpo desta morte?” Rom. 7:24. Ao revelar-se a cruz do Calvário, com seu infinito sacrifício pelos pecados dos homens, viram que nada, senão os méritos de Cristo, seria suficiente para a expiação de suas transgressões; somente esses méritos poderiam reconciliar os homens com Deus. Com fé e humildade, aceitaram o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Pelo sangue de Jesus tiveram “a remissão dos pecados dantes cometidos”. Rom. 3:25.

Novo Estilo de Vida

Aquelas pessoas produziram frutos dignos de arrependimento. Creram e foram batizadas, e levantaram-se para andar em novidade de vida - como novas criaturas em Cristo Jesus; não para se conformarem aos desejos anteriores, mas, pela fé no Filho de Deus, seguir-Lhe os passos, refletir-Lhe o caráter, e purificar-se, assim como Ele é puro. As coisas que antes odiavam, agora amavam; e as que antes amavam, passaram a

odiar. Os orgulhosos e presunçosos tornaram-se mansos e humildes de coração. Os vaidosos e arrogantes se fizeram graves e acessíveis. Os profanos se tornaram reverentes, sóbrios os ébrios, os devassos puros. As modas vãs do mundo foram postas de parte. Os cristãos procuravam não o “enfeite... exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestes, mas o homem encoberto no coração, no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus”. I Ped. 3:3 e 4.

Os reavivamentos resultaram em profundo exame de coração e humildade. Caracterizavam-se pelos apelos solenes e fervorosos ao pecador, pela terna misericórdia para com a aquisição efetuada pelo sangue de Cristo. Homens e mulheres oravam e lutavam com Deus pela salvação de outros. Os frutos de semelhantes avivamentos eram vistos nas pessoas que não fugiam da renúncia e do sacrifício, mas que se regozijavam de que fossem consideradas dignas de sofrer dificuldade e provação por amor de Cristo. Notava-se uma transformação na vida dos que tinham professado o nome de Jesus. A comunidade se beneficiava por sua influência. ...

Esse é o resultado da obra do Espírito de Deus. Não há prova de genuíno arrependimento a menos que ele opere reforma na vida. Se restitui o penhor, devolve o que tinha roubado, confessa os pecados e ama a Deus e seus semelhantes, o pecador pode estar certo de que encontrou paz com Deus. Foram esses os efeitos que, em anos anteriores, se seguiram às ocasiões de reavivamento espiritual. Julgados pelos seus frutos, sabia-se que eram abençoados por Deus para a salvação dos homens e para reerguimento da humanidade.

Reavivamentos Falsos – Qual a Diferença?

Muitos reavivamentos dos tempos modernos têm, no entanto, apresentado notável contraste com aquelas manifestações de graça divina que nos tempos primitivos se seguiam aos esforços dos servos de Deus. É verdade que se desperta grande interesse, muitos professam conversão, vão às igrejas; não obstante, os resultados não são de molde a autorizar a crença de que

houve aumento correspondente da verdadeira vida espiritual. A luz que brilha por algum tempo logo se apaga, deixando as trevas mais densas do que antes.

Avivamentos populares são muitas vezes levados a efeito por meio de apelos à imaginação, despertando-se as emoções, satisfazendo-se o amor ao que é novo e surpreendente. Conversos ganhos dessa maneira têm pouco desejo de ouvir a verdade bíblica, pouco interesse no testemunho dos profetas e apóstolos. A menos que o culto assuma algo de caráter sensacional, não lhes oferece atração. Não é atendida a mensagem que apele para a razão desapaixonada. As claras advertências da Palavra de Deus, que diretamente se referem aos seus interesses eternos, não são tomadas a sério.

Para todo indivíduo verdadeiramente convertido, a relação com Deus e com as coisas eternas será o grande objeto da vida. ... Antes dos juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos. Naquele tempo muitos se separarão das igrejas em que o amor deste mundo suplantou o amor a Deus e à Sua Palavra. Muitos, tanto pastores como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor.

O inimigo das almas deseja estorvar esta obra; e antes que chegue o tempo para tal movimento, esforçar-se-á para impedi-la, introduzindo uma contrafação. Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; se manifestará o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender sua influência sobre o mundo cristão.

Por que ser Enganado?

Em muitos dos reavivamentos ocorridos durante o último meio século, têm estado a operar, em maior ou menor grau, as mesmas influências que se manifestarão em movimentos mais extensos no futuro. Há um reavivamento

apenas emotivo, mistura do verdadeiro com o falso, muito apropriado para desviar. Contudo, ninguém necessita ser enganado. À luz da Palavra de Deus não é difícil determinar a natureza desses movimentos. Onde quer que os homens negligenciem o testemunho da Escritura Sagrada, desviando-se das verdades claras que servem para provar a alma e que exigem a renúncia de si mesmo e a do mundo, podemos estar certos de que ali não é outorgada a bênção de Deus. E, pela regra que o próprio Cristo deu - “por seus frutos os conhecereis” (Mat. 7:16) - é evidente que esses movimentos não são obra do Espírito de Deus.

Nas verdades de Sua Palavra, Deus deu aos homens a revelação de si mesmo; e a todos os que as aceitam servem de escudo contra os enganos de Satanás. Foi a negligência dessas verdades que abriu a porta aos males que tanto se estão generalizando agora no mundo religioso. Tem-se perdido de vista, em grande parte, a natureza e importância da lei de Deus. Uma concepção errônea do caráter, perpetuidade e vigência da lei divina, tem ocasionado erros quanto à conversão e santificação, resultando em baixar, na igreja, a norma de piedade. Aqui deve encontrar-se o segredo da falta do Espírito e poder de Deus nos avivamentos de nosso tempo. ...

Podem Ser Mudada a Lei de Deus?

Muitos ensinadores religiosos afirmam que Cristo, pela Sua morte, aboliu a lei e, em virtude disso, estão os homens livres de seus requisitos. Alguns há que a representam como um jugo penoso; e em contraste com a servidão da lei apresentam a liberdade a ser desfrutada sob o evangelho.

Não foi, porém, assim que profetas e apóstolos consideravam a santa lei de Deus. Disse Davi: “Andarei em liberdade, pois busquei os Teus preceitos.” Sal. 119:45. O apóstolo Tiago, que escreveu depois da morte de Cristo, refere-se ao Decálogo como a “lei real” (Tia. 2:8) e a “lei perfeita da liberdade”. Tia. 1:25. E o autor do Apocalipse, meio século depois da crucifixão, pronuncia uma bênção aos que guardam os Seus mandamentos, “para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas”. Apoc. 22:14. A declaração de que Cristo por Sua morte aboliu a lei do Pai, não tem fundamento. Se tivesse sido possível mudar

a lei ou pô-la de parte, não teria sido necessário que Cristo morresse para salvar o homem da pena do pecado.

Separado e Reconciliado

É a obra da conversão e santificação reconciliar os homens com Deus, pondo-os em harmonia com os princípios de Sua lei. No princípio, o homem foi criado à imagem de Deus. Estava em perfeita harmonia com a natureza e com a lei de Deus; os princípios da justiça lhe estavam escritos no coração. O pecado, porém, alienou-o do Criador.

Não mais refletia a imagem divina. O coração estava em guerra com os princípios da lei de Deus. “A inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” Rom. 8:7. Mas “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito” (João 3:16), para que o homem pudesse reconciliar-se com Ele. Mediante os méritos de Cristo a humanidade pode se restabelecer à harmonia com o Criador. O coração deve ser renovado pela graça divina; deve receber nova vida de cima. Essa mudança é o novo nascimento, sem o que, diz Jesus, o homem “não pode ver o reino de Deus”. João 3:3.

O primeiro passo na reconciliação com Deus, é a convicção do pecado. “Pecado é a transgressão da lei.” I João 3:4. “Pela lei vem o conhecimento do pecado.” Rom. 3:20. A fim de

ver sua culpa, o pecador deve provar o caráter próprio pela grande norma divina de justiça. É um espelho que mostra a perfeição de um viver justo, habilitando o pecador a discernir seus defeitos de caráter.

A lei revela ao homem os seus pecados, mas não provê remédio. Ao mesmo tempo que promete vida ao obediente, declara que a morte é a conseqüência para o transgressor. Unicamente o evangelho de Cristo o pode livrar da condenação ou contaminação do pecado. Deve ele exercer o arrependimento em relação a Deus, cuja lei transgrediu, e fé em Cristo, seu sacrifício expiatório. Obtém assim “remissão dos pecados dantes cometidos” (Rom. 3:25), e se torna participante da natureza divina. ...

Estaria agora na liberdade de transgredir a lei de Deus? Diz Paulo: “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei.” Rom. 3:31. “Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” Rom. 6:2. E João declara: “Este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; ora, os Seus mandamentos não são penosos.” I João 5:3. No novo nascimento o coração é posto em harmonia com Deus, ao colocar-se em conformidade com a Sua lei. Quando essa poderosa transformação se efetua no pecador, passou ele da morte para a vida, do pecado para a santidade, da transgressão e rebelião para a obediência e lealdade.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 7-13

17º Dia | Conversões – Simulações ou Reais – II

Teorias errôneas sobre a santificação, procedentes da negligência ou rejeição da lei divina, ocupam lugar preeminente nos movimentos religiosos da época. Essas teorias não somente são falsas no que respeita à doutrina, mas também perigosas nos resultados práticos; e o fato de que estejam tão geralmente alcançando aceitação, torna duplamente essencial que todos tenham clara compreensão do que as Escrituras ensinam a tal respeito.

A verdadeira santificação é doutrina bíblica. O apóstolo Paulo, em carta à igreja de Tessalônica, declara: “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação.” I Tess. 4:3. E roga: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo.” I Tess. 5:23. A Bíblia ensina claramente o que é a santificação, e como deve ser alcançada. O Salvador orou pelos discípulos: “Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade.” João 17:17. E Paulo ensina que os crentes devem ser santificados pelo Espírito Santo. (Rom. 15:16.) Qual é a obra do Espírito Santo? Disse Jesus aos discípulos: “Quando vier aquele Espírito da verdade, Ele vos guiará em toda a verdade.” João

16:13. E o salmista declara: “Tua lei é a verdade.” Sal. 119:142. Pela Palavra e Espírito de Deus se revelam aos homens os grandes princípios de justiça incorporados em Sua lei. E desde que a lei de Deus é santa, justa e boa, e imagem da perfeição divina, segue-se que o caráter formado pela obediência àquela lei será santo. Cristo é um exemplo perfeito de semelhante caráter. Diz Ele: “Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.” João 15:10. “Eu faço sempre o que Lhe agrada.” João 8:29. Os seguidores de Cristo devem tornar-se semelhantes a Ele - pela graça de Deus devem formar caracteres em harmonia com os princípios de Sua santa lei. Isto é santificação bíblica.

Esta obra unicamente pode ser efetuada pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus habitando em nós. Paulo adverte os crentes: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é O que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade.” Filip. 2:12 e 13. O cristão sentirá as insinuações do pecado, mas sustentará luta constante contra ele. Aqui é que o auxílio de Cristo é necessário. A fraqueza humana se une à força divina, e a fé exclama: “Graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.” I Cor. 15:57.

As Escrituras claramente revelam que a obra da santificação é progressiva. Quando na conversão o pecador acha paz com Deus mediante o sangue expiatório, apenas iniciou a vida cristã. Deve agora aperfeiçoar-se; crescer até “à medida da estatura completa de Cristo”. Efés. 4:13.

Não Há Lugar Para Arrogância

Os que experimentam a santificação bíblica manifestarão um espírito de humildade. Como Moisés, depois de contemplarem a augusta e majestosa santidade, vêem a sua própria indignidade contrastando com a pureza e excelsa perfeição do Ser infinito.

O profeta Daniel é um exemplo da verdadeira santificação. Seus longos anos foram cheios de nobre serviço a Seu Mestre. Foi um homem “mui desejado” do Céu. Dan. 10:11. Todavia, ao invés de ter a pretensão de ser puro e santo, este honrado profeta, quando pleiteava perante Deus em prol de seu povo, identificou-se com os que positivamente eram pecadores em Israel: “Não

lançamos as nossas súplicas perante a Tua face fiados em nossas justiças, mas em Tuas muitas misericórdias. ... Pecamos; procedemos impiamente.” Dan. 9:18 e 15. Declara ele: “Estando eu ainda falando, e orando, e confessando o meu pecado e o pecado do meu povo.” Dan. 9:20.

Quando Jó ouviu, do redemoinho, a voz do Senhor, exclamou: “Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.” Jó 42:6. Foi quando Isaías viu a glória do Senhor e ouviu os querubins a clamar - “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos” - que exclamou: “Ai de mim, que vou perecendo!” Isa. 6:3 e 5. Arrebatado ao terceiro Céu, Paulo ouviu coisas que não era possível ao homem proferir, e fala de si mesmo como “o mínimo de todos os santos.” Efés. 3:8. (II Cor. 12:2-4.) Foi o amado João, que se reclinou ao peito de Jesus, e Lhe contemplou a glória, que caiu como morto aos pés de um anjo. (Apoc. 1:17.)

Não pode haver exaltação própria, orgulhosa pretensão à liberdade do pecado, por parte dos que andam à sombra da cruz do Calvário. Sentem eles que foi seu pecado o causador da agonia que quebrantou o coração do Filho de Deus, e este pensamento os levará à humilhação própria. Os que mais perto vivem de Jesus, mais claramente discernem a fragilidade e pecaminosidade do ser humano, e sua única esperança está nos méritos de um Salvador crucificado e ressurgido.

Santificação Falsa - Basta “Crer Tão-somente”?

A santificação que ora adquire preeminência no mundo religioso, traz consigo o espírito de exaltação própria e o desrespeito pela lei de Deus, que a estigmatizam como estranha a religião da Escritura Sagrada. Seus defensores ensinam que a santificação é obra instantânea, pela qual, mediante a fé apenas, alcançam perfeita santidade. “Crede tão-somente,” dizem, “e a bênção será vossa.” Nenhum outro esforço, por parte do que recebe, se pressupõe necessário. Ao mesmo tempo negam a autoridade da lei de Deus, insistindo em que estão livres da obrigação de guardar os mandamentos. Mas é possível aos homens ser santos, de acordo com a vontade e caráter de Deus, sem ficar em harmonia com os princípios que são a expressão de Sua natureza e vontade, e que mostram o que Lhe é agradável?

O desejo de uma religião fácil, que não exija esforço, renúncia, nem ruptura com as loucuras do mundo, tem tornado popular a doutrina da fé, e da fé somente; mas que diz a Palavra de Deus? Declara o apóstolo Tiago: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada. Vedes, então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé.” Tia. 2:14, 20-22 e 24.

O testemunho da Palavra de Deus é contra esta perigosa doutrina da fé sem as obras. Não é fé pretender o favor do Céu sem cumprir as condições necessárias para que a graça seja concedida: é presunção; pois que a fé genuína se fundamenta nas promessas e disposições das Escrituras.

Ninguém se engane com a crença de que pode tornar-se santo enquanto voluntariamente transgredir um dos mandamentos de Deus. Um pecado cometido deliberadamente faz silenciar a voz testemunhadora do Espírito e separa a pessoa de Deus. ... Conquanto João em suas epístolas trate tão amplamente do amor, não hesita, todavia, em revelar o verdadeiro caráter dessa classe de pessoas que pretende ser santificada ao mesmo tempo em que vive a transgredir a lei de Deus. “Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a Sua Palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado.” I João 2:4 e 5. Esta é a pedra de toque de toda profissão de fé. Não podemos atribuir santidade a qualquer pessoa sem julgá-la pela medida da única norma divina de santidade, no Céu e na Terra.

E a alegação de estarem sem pecado é em si mesma evidência de que aquele que a alimenta longe está de ser santo. É porque não tem nenhuma concepção verdadeira da infinita pureza e santidade de Deus, ou do que devem ser os que se hão de harmonizar com Seu caráter; é porque não apreendeu o verdadeiro conceito da pureza e suprema beleza moral de Jesus, bem como da malignidade e horror do pecado, que o homem pode considerar-se santo. Quanto maior

a distância entre ele e Cristo, e quanto mais impróprias forem suas concepções do caráter e requisitos divinos, tanto mais justo parecerá a seus próprios olhos.

Santificação - Entrega Total

A santificação apresentada nas Escrituras compreende o ser inteiro: espírito, alma e corpo. Paulo orou pelos tessalonicenses para que todo o seu espírito, e alma, e corpo fossem “plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. I Tess. 5:23. Outra vez escreve ele aos crentes: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.” Rom. 12:1. No tempo do antigo Israel, toda oferta trazida como sacrifício a Deus era cuidadosamente examinada. Se se descobria qualquer defeito no animal apresentado, era rejeitado; pois Deus ordenara que a oferta fosse “sem mancha”. Assim se ordena aos cristãos que apresentem o corpo “em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. A fim de fazerem isto, todas as faculdades devem ser conservadas na melhor condição possível. Todo uso ou costume que enfraqueça a força física ou mental, inabilita o homem para o serviço de seu Criador.

E agradar-Se-á Deus com qualquer coisa que seja menos do que o melhor que podemos oferecer? Disse Cristo: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração.” Mat. 22:37. Os que amam a Deus de todo o coração, desejarão prestar-Lhe o melhor serviço de sua vida, e estarão constantemente procurando pôr toda faculdade do ser em harmonia com as leis que os tornarão aptos a fazer a Sua vontade. ...

Vida Transformada

O mundo está entregue à satisfação de si mesmo. “A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (I João 2:16), dominam as massas populares. Os seguidores de Cristo, porém, possuem uma vocação mais elevada. ...

Aos que satisfazem as condições: “Saí do meio deles, e apartai-vos, ... e não toqueis nada imundo”, a promessa de Deus é: “Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso.” II Cor. 6:17 e 18. É privilégio e dever de todo cristão ter uma experiência rica e abundante nas coisas

de Deus. ... Os brilhantes raios do Sol da Justiça resplandecem nos servos de Deus, e devem estes refletir os seus raios. Assim como as estrelas nos falam de uma grande luz no céu, com cuja glória refulgem, assim também os cristãos devem tornar manifesto que há no trono do Universo um Deus, cujo caráter é digno de louvor e imitação. As graças de Seu Espírito, a pureza e santidade de Seu caráter, manifestar-se-ão em Suas testemunhas. ... O Grande Conflito, pág. 476.

Não Mais Condenado

Posto que a vida do cristão deva ser caracterizada pela humildade, não deve assinalar-se pela tristeza e depreciação de si mesmo. É privilégio de cada um viver de tal maneira que Deus o aprove e abençoe. Não é da vontade de nosso Pai celestial que sempre estejamos sob condenação e trevas. O andar cabisbaixo e com o coração cheio de preocupações não constitui prova de verdadeira humildade. Podemos ir a Jesus e ser purificados, permanecendo diante da lei sem opróbrio e remorsos.

“Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.” Rom. 8:1.

Por meio de Jesus os decaídos filhos de Adão se tornam “filhos de Deus”. “Assim O que santifica como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não Se envergonha de lhes chamar irmãos.” Heb. 2:11. A vida cristã deve ser de fé, vitória e alegria em Deus. “Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.” I João 5:4. Com acerto disse Neemias, servo de Deus: “A alegria do Senhor é a vossa força.” Nee. 8:10. E Paulo diz: “Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos.” Filip. 4:4. “Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.” I Tess. 5:16-18.

São estes os frutos da conversão e santificação bíblica.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 13-19

18º Dia | Como Ser um Cristão Renascido - I

Quando Deus perdoa ao pecador, afasta o castigo que ele merece e o trata como se não tivesse pecado, recebe-o no favor divino e o justifica em virtude dos méritos da justiça de Cristo. O pecador só pode ser justificado mediante a fé no sacrifício expiatório feito pelo amado Filho de Deus, que Se tornou um sacrifício pelos pecados do mundo culpado. Ninguém pode ser justificado por quaisquer obras próprias. Só pode ser liberto da culpa do pecado, da condenação da lei, da pena da transgressão, pela virtude do sofrimento, morte e ressurreição de Cristo. A fé é a condição única de obter a justificação, e a fé abrange não só a crença mas também a confiança.

Muitos concordam que Jesus Cristo seja o Salvador do mundo, mas ao mesmo tempo se conservam afastados dEle, e deixam de arrepende-se de seus pecados, e de aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal. Sua fé é apenas o assentimento da mente e do juízo à verdade; mas esta não é introduzida no coração, para santificar a alma e transformar o caráter. ...

Posso Arrepende-me sem Auxílio?

Muitos se acham confundidos quanto ao que constitui os primeiros passos na obra da salvação. O arrependimento é considerado uma obra que o pecador deve realizar por si mesmo, a fim de poder chegar a Cristo. Pensam que o pecador deve por si mesmo conseguir a habilitação para obter a bênção da graça de Deus. Mas, conquanto seja verdade que o arrependimento deve preceder o perdão, pois é unicamente o coração quebrantado e contrito que é aceitável

a Deus, o pecador não pode produzir em si o arrependimento, ou preparar-se para ir a Cristo. A menos que o pecador se arrependa, não pode ele ser perdoado; mas a questão que deve ser resolvida é quanto a ser o arrependimento obra do pecador ou dom de Cristo. Tem o pecador de esperar até que esteja tomado de remorsos pelo seu pecado, antes de poder dirigir-se a Cristo? O primeiro passo em direção de Cristo é dado graças à atração do Espírito de Deus; ao atender o homem a esse atrair, vai ter com Cristo a fim de que se arrependa.

O pecador é comparado a uma ovelha perdida, e uma ovelha perdida jamais volta ao redil a menos que seja pelo pastor procurada e restituída ao redil. Homem algum pode de si mesmo arrepender-se, tornando-se digno da bênção da justificação. O Senhor Jesus está constantemente procurando impressionar o espírito do pecador e atraí-lo a fim de que O contemple, como Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Não podemos dar um passo na vida espiritual, a não ser que Jesus atraia e fortaleça a alma, e nos leve a experimentar aquele arrependimento que jamais decepciona.

...

Quando perante os principais sacerdotes e os saduceus, Pedro apresentou claramente o fato de que o arrependimento é dom de Deus. Falando de Cristo, disse ele: “Deus, com a Sua destra, O elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados.” Atos 5:31. O arrependimento, não menos do que o perdão e a justificação, é dom de Deus, e não pode ser experimentado a não ser que seja concedido à pessoa por Cristo. Se somos atraídos a Cristo, é-o por Seu poder e virtude. A graça da contrição vem por meio dEle, e dEle vem a justificação.

Fé é Mais do que Palavras

A fé que é para salvação não é uma fé casual, não é a simples aprovação do intelecto, é a crença firmada no coração, que abraça a Cristo como Salvador pessoal, com a certeza de que Ele pode salvar perfeitamente aos que por Ele se chegam a Deus. Crer que Ele salve a outros, mas não salvará a vós, não é fé genuína; mas quando a alma se apóia em Cristo como a única esperança de salvação, então se manifesta fé genuína. Essa fé leva seu possuidor a colocar

em Cristo todas suas afeições; seu entendimento fica sob o controle do Espírito Santo, e seu caráter é moldado segundo a semelhança divina. Sua fé não é uma fé morta, mas sim que opera por amor, que o leva a contemplar a formosura de Cristo, e a tornar-se semelhante ao caráter divino. ...

Toda a obra é do Senhor, do princípio ao fim. Pode dizer o pecador, a perecer: “Sou um pecador perdido; mas Cristo veio buscar e salvar o que se havia perdido. Diz Ele: ‘Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores.’ Mar. 2:17. Sou pecador, e Ele morreu na Cruz do Calvário para me salvar. Nem um momento mais preciso ficar sem me salvar. Ele morreu e ressurgiu para minha justificação, agora me salvará. Aceito o perdão que prometeu.”

Justo, NEle

Cristo é um Salvador ressurreto; pois, conquanto estivesse morto, ressuscitou, vivendo sempre para fazer intercessão por nós. Devemos crer com o coração para justiça, e com a boca fazer confissão para salvação. Os que são justificados pela fé, confessarão a Cristo. “Quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.” João 5:24. A grande obra em favor do pecador, impuro e maculado pelo mal, é a obra da justificação. Por Ele, que fala a verdade, é o pecador declarado justo. O Senhor dá ao crente a justiça de Cristo e perante o Universo o pronuncia justo. Transfere os seus pecados para Jesus, o representante, substituto e penhor do pecador. Sobre Cristo coloca Ele a iniquidade de todo o que crê. “Àquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus.” II Cor. 5:21.

Cristo fez reparação da culpa de todo o mundo, e todos os que se chegarem a Deus com fé, receberão a justiça de Cristo, que levou “Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas Suas feridas fostes sarados”. I Ped. 2:24. Nosso pecado foi expiado, removido, lançado nas profundezas do mar. Mediante arrependimento e fé livramo-nos do pecado, e olhamos para o Senhor, justiça nossa. Jesus sofreu, o Justo pelos injustos.

Que é o Arrependimento

Embora, como pecadores, estejamos sob a condenação da lei, Cristo, por Sua obediência prestada à lei, reclama para a pessoa arrependida, o mérito de Sua própria justiça. A fim de obter a justiça de Cristo, é necessário que o pecador saiba o que é aquele arrependimento que opera uma mudança radical da mente e do espírito e da ação. A obra da transformação tem de começar no coração, e manifestar seu poder por meio de todas as faculdades do ser; mas o homem não é capaz de originar um arrependimento como esse, e só o pode experimentar por meio de Cristo, que subiu ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens.

Quem Deve Arrepende-se?

Quem está desejoso de se tornar verdadeiramente arrependido? Que deve ele fazer? - Deve ir ter com Jesus, tal qual está, sem demora. Deve crer que a palavra de Cristo é verdadeira e, crendo na promessa, pedir, para que possa receber. Quando o desejo sincero leva os homens a pedir, eles não orarão em vão. O Senhor cumprirá Sua palavra e dará o Espírito Santo para levar ao arrependimento para com Deus e fé para com nosso Senhor Jesus Cristo. O homem orará e vigiará, e abandonará seus pecados,

tornando manifesta sua sinceridade pelo vigor de seu esforço para obedecer aos mandamentos de Deus. Com a oração ele misturará a fé, e não só crerá nos preceitos da lei, mas também lhes obedecerá. Ele se manifestará olhando a questão do lado de Cristo. Renunciará a todos os hábitos e associações que tendam a afastar de Deus o coração.

Aquele que deseja tornar-se filho de Deus tem de receber a verdade de que o arrependimento e o perdão devem ser obtidos por meio de nada menos que a expiação de Cristo. Certo disto, o pecador tem de fazer um esforço em harmonia com a obra feita em seu favor, e com súplicas incansáveis recorrer ao trono da graça, para que possa receber o poder renovador de Deus. Cristo não perdoa a ninguém senão ao penitente, mas àquele a quem Ele perdoa, primeiro faz penitente. A providência tomada é completa, e a eterna justiça de Cristo é colocada ao crédito de todo crente. As vestes, preciosas e sem mácula, tecidas nos teares do Céu, foram providas para o pecador arrependido e crente, e ele poderá dizer: “Regozizar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus, porque me vestiu de vestes de salvação, me cobriu com o manto de justiça.” Isa. 61:10.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 20-24

19º Dia | Como Ser um Cristão Renascido - II

Abundante graça foi provida para que o crente possa manter-se livre do pecado; pois todo o Céu, com seus recursos ilimitados, foi posto à nossa disposição. Devemos servir-nos da fonte da salvação. Cristo é o fim da lei, para justiça a todo aquele que crê. Em nós mesmos somos pecadores; mas em Cristo somos justos. Tendo-nos feito justos, mediante a imputada justiça de Cristo, Deus nos pronuncia justos e nos trata como justos. Considera-nos Seus filhos amados. Cristo opera contra o poder do pecado, e onde este abun-

da, muito mais abundante é a graça. (Rom. 5:20.) “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” Rom. 5:1 e 2.

“Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no Seu sangue, para demonstrar a Sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da Sua justiça neste tempo presente, para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em

Jesus.” Rom. 3:24-26. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus.” Efés. 2:8.

Apto Para Ser Salvo

O Senhor deseja Seu povo sadio na fé - não ignorante da grande salvação que tão abundantemente lhes é provida. Não devem olhar ao futuro, pensando que em algum tempo vindouro uma grande obra seja feita em seu favor, pois a obra está agora completa. O crente não é chamado para fazer paz com Deus; isto ele nunca fez nem pode fazer. Deve aceitar a Cristo como sua paz, pois com Cristo está Deus e a paz. Cristo pôs fim ao pecado, levando no próprio corpo sua pesada maldição, para o madeiro, e Ele removeu a maldição de todos aqueles que crêem nEle como Salvador pessoal. Põe Ele fim ao poder dominante do pecado no coração, e a vida e caráter do crente testificam do genuíno caráter da graça de Cristo.

Aos que Lho pedem, comunica Jesus o Espírito Santo; pois é necessário que todo crente seja liberto da poluição, assim como da maldição e condenação da lei. Mediante a obra do Espírito Santo e a santificação da verdade, o crente torna-se habilitado para as cortes celestiais; pois Cristo opera em nós, e Sua justiça sobre nós está. Sem isso, alma alguma terá direito ao Céu. Não desfrutaríamos o Céu a menos que estejamos qualificados para sua atmosfera santa, pela influência do Espírito e da justiça de Cristo.

Para sermos candidatos ao Céu temos de satisfazer aos requisitos da lei: “Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo.” Luc. 10:27. Só podemos fazer isto ao nos apegarmos, pela fé, à justiça de Cristo. Contemplando a Jesus receberemos no coração um princípio vivo e que se expande, e o Espírito Santo continua a obra, e o crente prossegue de graça em graça, de força em força, de caráter em caráter. Ele se conforma à imagem de Cristo até que, no crescimento espiritual, alcança a medida da plena estatura de Cristo Jesus. Assim Cristo põe fim à maldição do pecado e livra o crente de sua ação e efeito.

Existe Alguma Coisa Entre mim e Deus?

Cristo, tão-somente, é capaz de isso fazer, pois “convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque, naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados”. Heb. 2:17 e 18. Reconciliação quer dizer que se removeu toda barreira entre a alma e Deus, e que o pecador reconhece o que significa o amor perdoador de Deus. Por motivo do sacrifício feito por Cristo pelos homens caídos, Deus pode com justiça perdoar ao transgressor que aceite os méritos de Cristo. Cristo foi o conduto pelo qual a misericórdia, amor e justiça puderam fluir, do coração de Deus para o coração do pecador. “Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” I João 1:9. ...

Toda pessoa pode dizer: “Por Sua obediência perfeita satisfiz Ele as reivindicações da lei, e minha única esperança está em olhar para Ele como meu Substituto e Penhor, que obedeceu perfeitamente à lei por mim. Pela fé em Seus méritos estou livre da condenação da lei. Ele me veste de Sua justiça, que responde a todas as exigências da lei. Sou completo nAquele que introduz a justiça eterna. Ele me apresenta a Deus nas vestes imaculadas das quais nenhum fio foi tecido por qualquer instrumento humano. Tudo é de Cristo, e toda a glória, honra e majestade devem ser dados ao Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.”

Muitos pensam que devem esperar por um impulso especial a fim de poderem aproximar-se de Cristo; mas só é necessário ir na sinceridade de propósito, decididos a aceitar os oferecimentos de misericórdia e graça que nos foram feitos. Devemos dizer: “Cristo morreu para me salvar. O desejo do Senhor é que eu seja salvo, e irei a Jesus tal qual estou, e sem demora. Agirei confiando na promessa. Ao atrair-me Cristo, atenderei.” Diz o apóstolo: “Com o coração se crê para a justiça.” Rom. 10:10. Ninguém pode crer com o coração para a justiça, e obter justificação pela fé, enquanto continuar na prática das coisas que a Palavra de Deus proíbe, ou enquanto negligenciar qualquer dever conhecido.

Boas Obras, Frutos da Fé

A fé genuína se manifestará em boas obras, pois boas obras são frutos da fé. Ao operar Deus no coração, e entregar o homem sua vontade a Deus, e com Ele cooperar, ele manifesta na vida aquilo que Deus operou em seu íntimo pelo Espírito Santo, e há harmonia entre o propósito do coração e a prática da vida. Todo pecado deve ser renunciado como a coisa odiosa que crucificou o Senhor da vida e da glória, e o crente tem de ter uma experiência progressiva, fazendo continuamente as obras de Cristo. É pela contínua entrega da vontade, pela obediência contínua, que se retém a bênção da justificação.

Os que são justificados pela fé devem ter no coração o desejo de andar nos caminhos do Senhor. É uma prova de não estar o homem justificado pela fé, não corresponderem suas obras a sua profissão. Diz Tiago: “Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada.” Tia. 2:22.

A fé que não produz boas obras não justifica a pessoa. “Vedes, então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé.” Tia. 2:24. “Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça.” Rom. 4:3.

Em Suas Pegadas

Onde há fé, aparecem as boas obras. Os doentes são visitados, cuidados os pobres,

não se negligenciam os órfãos e as viúvas, são vestidos os nus, alimentados os pobres. Cristo andou fazendo o bem, e quando homens a Ele se unem, amam os filhos de Deus, e a mansidão e a verdade lhes guiam os passos. A expressão do semblante revela sua experiência, e os homens os conhecem como os que estiveram com Jesus e dEle aprenderam. Cristo e o crente tornam-se um, e Sua formosura de caráter se revela naquelas que se acham vitalmente ligados com a Fonte de poder e amor. Cristo é o grande depositário da justificadora justiça e da graça santificante.

Todos a Ele podem ir e receber Sua plenitude. Diz Ele: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.” Mat. 11:28. Então, por que não lançar de lado toda a incredulidade e atentar para as palavras de Jesus? Quereis descanso; anelais a paz. Dizei, então, de coração: “Senhor Jesus, eu venho, porque Tu me fizeste este convite.” Crede nEle, com fé inabalável, e Ele vos salvará. Tendes olhado para Jesus, que é autor e consumidor de vossa fé? Tendes contemplado Aquele que é pleno de verdade e graça? Aceitastes a paz que só Cristo pode dar? Se não, rendei-vos então a Ele, e pela Sua graça buscai um caráter que seja nobre e elevado. Buscai um espírito constante, resoluto, alegre. Alimentai-vos de Cristo, que é o pão da vida, e manifestareis a Sua amabilidade de caráter e espírito.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 24-29

20º Dia | Deus Também Tem Regulamentos

Como supremo Soberano do Universo, Deus ordenou leis para o governo não só de todos os seres vivos, mas de todas as operações da natureza. Todas as coisas, quer grandes quer pequenas, animadas ou inanimadas, acham-se sujeitas a leis fixas, que não podem ser desrespeitadas. Não há exceções a essa regra; pois coisa alguma feita pela mão divina foi esquecida pela mente divina. Mas se bem que tudo na natureza seja governado pela lei natural, o homem, tão-só, como ser inteligente,

capaz de compreender seus reclamos, é responsável diante da lei moral. Unicamente ao homem, a coroa de Sua criação, Deus deu uma consciência para reconhecer as sagradas reivindicações da lei divina, e deu-lhe um coração capaz de amá-la como lei santa, justa e boa. É requerida do homem pronta e perfeita obediência. Todavia, Deus não o obriga a obedecer; deixa-o como livre agente moral.

Poucos, apenas, compreendem o assunto da responsabilidade pessoal; e no entanto, é

questão da maior importância. Podemos, cada qual, obedecer e viver, ou podemos transgredir a lei de Deus, desafiar-Lhe a autoridade, e receber a punição devida. Vem, pois, a toda pessoa, com força, a questão: Deverei obedecer à voz do Céu, às dez palavras proferidas do Sinai, ou seguirei a multidão que pisa essa lei gravada com fogo? Aos que amam a Deus será o mais alto deleite obedecer a Seus mandamentos, e fazer as coisas que Lhe agradam. Mas o coração natural aborrece a lei de Deus, e guerreia contra suas santas reivindicações. Ao brilhar sobre os homens a luz divina, recusam-se a andar nela. Sacrificam a pureza de coração, o favor de Deus e sua esperança do Céu, pela egoísta satisfação do ganho profano.

Diz o salmista: “A lei do Senhor é perfeita.” Sal. 19:7. Quão maravilhosa em sua simplicidade, sua amplidão e perfeição, é a lei de Jeová! É tão breve que facilmente podemos decorar cada um de seus preceitos, e todavia tão vasta que exprime toda a vontade de Deus, e toma conhecimento, não só das ações exteriores, mas dos pensamentos e intentos, dos desejos e emoções do coração. Não podem fazer isso as leis humanas. Só podem tratar das ações exteriores. Pode um homem ser transgressor, e no entanto esconder dos olhos humanos os seus maus atos; pode ele ser criminoso - ladrão, assassino ou adúltero - mas enquanto não for descoberto, não o pode a lei condenar como culpado. A lei de Deus denuncia o ciúme, a inveja, o ódio, a malignidade, a vingança, a concupiscência e a ambição que brotam no coração, mas não encontraram expressão em ato exterior, porque faltou ocasião, e não vontade. E essas emoções pecaminosas serão tomadas em conta no dia em que “Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau”. Ecl. 12:14.

Obediência Traz Felicidade

A lei de Deus é simples e fácil de se compreender. Há homens que se gabam orgulhosamente de só crer naquilo que compreendem, esquecidos de que há mistérios na vida humana e na manifestação do poder de Deus nas obras da natureza - mistérios que a mais profunda filosofia, as mais extensas pesquisas, são incapazes de explicar. Mas não existe mistério na lei de Deus. Todos podem compreender as grandes verdades que ela encerra. A mente mais fraca pode aprender essas

regras; o mais ignorante pode reger a vida, e formar o caráter, de acordo com a norma divina. Se os filhos dos homens, segundo o melhor de sua habilidade, obedecessem a essa lei adquiririam força mental e poder de discernimento para compreender ainda mais dos propósitos e planos de Deus. E esse progresso seria contínuo, não apenas durante a vida presente, mas através dos séculos eternos; pois, por muito que avancemos no conhecimento da sabedoria e poder de Deus, sempre há um infinito além.

A lei divina requer que amemos a Deus supremamente e ao nosso próximo como a nós mesmos. Sem o exercício desse amor, a mais alta profissão de fé é mera hipocrisia. ...

É necessária a obediência à lei, não só para nossa salvação, mas para a felicidade nossa e de todos aqueles com quem nos relacionamos. “Muita paz têm os que amam a Tua lei, e para eles não há tropeço” (Sal. 119:165), diz a Palavra inspirada. Todavia homens finitos apresentam ao povo essa lei santa, justa e boa, essa lei da liberdade, que o próprio Criador adaptou às necessidades humanas, como um jugo de servidão, jugo que homem algum é capaz de suportar. É, porém, o pecador que considera a lei como jugo penoso; é o transgressor que não vê beleza em seus preceitos. Pois a mente carnal “não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. Rom. 8:7.

Não só o que Praticamos

Vivemos numa época de grande impiedade. Multidões se acham escravizadas por costumes pecaminosos e hábitos maus, e os grilhões que os prendem são difíceis de romper. A iniquidade, qual inundação, cobre a Terra. Crimes quase terríveis demais para serem mencionados, são de ocorrência diária. E todavia homens que professam ser vigias nos muros de Sião nos ensinam que a lei se destinava aos judeus tão-somente, e tornou-se ultrapassada com os gloriosos privilégios que introduziram a dispensação evangélica. Não haverá uma relação entre a dominante ilegalidade e crime, e o fato de que pastores e povo mantêm e ensinam que a lei já não está em vigência?

O poder condenatório da lei de Deus estende-se não só às coisas que praticamos, mas às coisas que deixamos de praticar. Não nos devemos justificar ao omitirmos a prática

das coisas que Deus requer. Devemos não só cessar de fazer o mal, mas também aprender a fazer o bem. Concedeu-nos Deus faculdades que devem ser exercitadas em boas obras; e se essas faculdades não forem postas em uso, certamente seremos considerados servos maus e negligentes. Podemos não ter cometido pecados graves; essas ofensas podem não estar registradas contra nós no livro de Deus; mas o fato de que nossos atos não estão registrados como puros, bons, elevados e nobres, demonstrando que não usamos os talentos que nos foram confiados, isso nos coloca sob condenação.

A lei de Deus existiu antes de ter sido criado o homem. Adaptava-se às condições de seres santos; mesmo os anjos eram por ela governados. Depois da queda, não foram alterados os princípios de justiça. Coisa alguma foi tirada da lei; nem um único de seus santos preceitos era susceptível de ser aperfeiçoado. E como existiu desde o princípio, assim continuará a existir através dos séculos eternos. “Acerca dos Teus testemunhos”, diz o salmista, “soube, desde a antiguidade, que Tu os fundaste para sempre.” Sal. 119:152.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 30:33

21º Dia | Equilíbrio Entre Fé e Obras

“**S**em fé é impossível agradecer a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam.” Heb. 11:6. Há no mundo cristão muitos que declaram que tudo que é necessário para a salvação é ter fé; as obras nada são, só a fé é necessária. A Palavra de Deus, porém, nos diz que a fé, se não tiver obras, por si só está morta.

Muitos se recusam a obedecer aos mandamentos de Deus, mas dão grande importância à fé. Mas a fé tem de ter alicerce. As promessas de Deus são todas feitas sob condições. Se cumprirmos a Sua vontade, se andarmos na verdade, poderemos então pedir o que quisermos, e ser-nos-á feito. Enquanto nos empenharmos fervorosamente em ser obedientes, Deus ouvirá nossas petições; mas Ele não nos abençoará na desobediência. Se preferirmos desobedecer aos Seus mandamentos, poderemos clamar: “Fé, fé, apenas ter fé!” e da segura Palavra de Deus virá a resposta: “A fé sem obras é morta.” Tia. 2:26. Semelhante fé será como o metal que soa ou o sino que tine.

Para termos os benefícios da graça de Deus, temos de fazer a nossa parte; temos de trabalhar fielmente, e produzir frutos dignos de arrependimento. Somos coobreiros de Deus. Não deveis assentar-vos indolentemente a espera de uma

grande ocasião a fim de fazerdes uma grande obra pelo Senhor. Não deveis negligenciar o dever que está justamente no vosso caminho; deveis, sim, aproveitar as pequenas oportunidades que se apresentam em torno de vós. Deveis prosseguir fazendo o melhor que vos seja possível nas pequenas obras da vida, assumindo de coração e com fidelidade a obra que a providência de Deus vos designou. Por pequena que seja, deveis fazê-la com toda a perfeição com a qual fariéis uma obra maior. Vossa fidelidade será aprovada nos registros do Céu.

Não precisais esperar até que vosso caminho seja aplainado a vossa frente; ponde-vos ao trabalho, para aperfeiçoardes os talentos que vos foram confiados. Nada tendes que ver com o que o mundo pense de vós. Sejam vossas palavras, vosso espírito, vossos atos, um vivo testemunho em prol de Jesus, e o Senhor cuidará de que o testemunho para Sua glória, dado por uma vida bem-ordenada e santo trato, se aprofunde e intensifique em poder. Seus resultados podem jamais ser vistos na Terra, mas se tornarão manifestos diante de Deus e dos anjos.

Qual é Minha Parte?

Temos de fazer, de nossa parte, tudo que pudermos para combater o bom combate da fé. Devemos lutar, labutar, empenhar-nos, esforçar-nos desesperadamente por entrar pela porta estreita. Temos de ter sempre o Senhor perante nós. De mãos limpas, coração puro, devemos

procurar honrar a Deus em todos os nossos caminhos. Foi-nos provido auxílio nAquele que é poderoso para salvar. O espírito da verdade e da luz nos avivará e renovará por suas misteriosas operações, pois todo o nosso proveito espiritual vem de Deus, não de nós mesmos. O obreiro fiel terá o auxílio do poder divino, mas o ocioso não será sustentado pelo Espírito de Deus.

Em certo sentido somos lançados sobre nossas próprias energias; devemos lutar fervorosamente por ser zelosos e arrepende-nos, limpar as mãos e purificar o coração de toda mancha; devemos alcançar a mais alta norma, crendo que Deus nos ajudará em nossos esforços. Devemos buscar, se quisermos achar, e buscar com fé; temos de bater, para que a porta se abra. A Bíblia nos ensina que tudo que se relaciona com a nossa salvação depende de nosso próprio procedimento. Se perecermos, a responsabilidade repousará inteiramente sobre nós mesmos. Se foi tomada providência, e se aceitamos as condições apresentadas por Deus, podemos apropriar-nos da vida eterna. Temos de ir a Cristo com fé, temos de procurar com diligência confirmar nossa vocação e eleição.

Uma Fé que Naça Faz?

O perdão dos pecados é prometido àquele que se arrepende e crê; a coroa da vida será a recompensa daquele que é fiel até o fim. Podemos crescer na graça aperfeiçoando-nos pela graça que já possuímos. Devemos conservar-nos imaculados do mundo, se é que queremos ser achados irrepreensíveis no dia de Deus. Fé e obras vão de mãos dadas, agem harmoniosamente na obra de alcançarmos a vitória. Obras sem fé são mortas, e morta é a fé sem as obras. Obras jamais nos salvarão; são os méritos de Cristo que têm valor. Pela fé nEle, Cristo tornará todos os nossos imperfeitos esforços aceitáveis a Deus. A fé que de nós é requerido possuir não é uma fé de nada fazer; fé salvadora é a que opera por amor, e purifica a alma. Aquele que levantar a Deus mãos santas, sem ira nem contenda, andará inteligentemente no caminho dos mandamentos de Deus.

Se é que queremos ter o perdão de nossos pecados, temos de primeiro entender o que é o pecado, a fim de podermos nos arrepender, e produzir frutos dignos de arrependimento. Temos de ter um sólido alicerce para nossa fé;

ela tem de alicerçar-se na Palavra de Deus, e seus resultados se verão na obediência à Sua expressa vontade. Diz o apóstolo que sem santificação “ninguém verá o Senhor”. Heb. 12:14.

Bem-Equilibrados

A fé e as obras nos conservarão bem-equilibrados, e nos trarão êxito na obra de aperfeiçoar um caráter cristão. Diz Jesus: “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus.” Mat. 7:21. Falando do alimento temporal, disse o apóstolo: “Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto: que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também.” II Tess. 3:10. A mesma regra aplica-se ao nosso alimento espiritual; se alguém quiser o pão da vida eterna, esforce-se por obtê-lo.

Vivemos num importante e interessante período da história terrestre. Precisamos de mais fé do que jamais tivemos; precisamos maior firmeza, vinda do alto. Satanás está operando com todo o poder para alcançar vitória sobre nós, pois sabe que lhe resta bem pouco tempo para trabalhar. Paulo operava sua salvação com temor e tremor; e não deveríamos nós temer que, tendo-nos sido deixada uma promessa, qualquer de nós deixe de alcançá-la, demonstrando-se indigno da vida eterna? Devemos vigiar e orar, lutar com desesperado esforço para entrar pela porta estreita.

Não existe desculpa para o pecado, ou para a indolência. Jesus abriu o caminho, e deseja que Lhe sigamos as pegadas. Ele sofreu, Ele sacrificou-Se como nenhum de nós o pode fazer, a fim de pôr ao nosso alcance a salvação. Não precisamos desanimar-nos. Jesus veio ao nosso mundo para trazer ao homem poder divino, a fim de que, por Sua graça, fôssemos transformados em Sua semelhança.

O Melhor Possível e... que Mais?

Se está em nosso coração obedecer a Deus, se fazemos esforços nesse sentido, Jesus aceita essa disposição e esforço como o melhor serviço do homem, e supre a deficiência com Seu mérito divino. Ele não aceitará, porém, os que, alegando ter fé nEle, são desleais ao mandamento de Seu Pai.

Ouvimos muito acerca de fé, mas precisamos ouvir muito mais acerca de obras. Muitos se iludem, vivendo uma religião fácil, acomodatória, sem cruz. Jesus, porém, diz: “Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me.” Mat. 16:24. *The Signs of the Times*, 16 de junho de 1890.

Como Dois Remos

Se formos fiéis em fazer a nossa parte, cooperando com Ele, Deus operará por nós [para cumprirmos] Sua vontade. Deus não pode, porém, operar por nós se não fizermos esforço algum. Se quisermos alcançar a vida eterna temos de trabalhar, e trabalhar fervorosamente. ... Não nos iludamos com a afirmação, muito repetida: “Tudo que se tem que fazer é crer.” Fé e obras são dois remos que temos que usar igualmente se [quisermos] romper rio acima, contra a corrente da incredulidade. “A fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.” Tia. 2:17. O cristão é homem de pensamento e prática. Sua fé fixa firmemente em Cristo as suas raízes. Pela fé e pelas boas obras conserva ele sua espiritualidade robusta e sadia, e sua força espiritual aumenta à medida que se empenha em fazer as obras de Deus. *Review and Herald*, 11 de junho de 1901.

Uma Mensagem Equilibrada

Sejam meus irmãos muito cuidadosos em como apresentam ao povo o assunto da fé e das obras, para que não fiquem confundidos. ...

Que homem algum apresente a idéia de que o homem pouco ou nada tem que fazer na

grande obra de vencer; pois Deus nada faz para o homem sem a sua cooperação. Nem digais que, depois de haverdes feito tudo que de vossa parte seja possível, Jesus vos ajudará. Disse Cristo: “Sem Mim nada podereis fazer.” João 15:5.

De princípio a fim deve o homem ser coobreiro de Deus. A menos que o Espírito Santo opere no coração humano, a cada passo tropeçaremos e cairemos. Os esforços do homem, somente, são nada mais que nulidade; mas a cooperação com Cristo significa vitória. ...

Não deixeis nunca em vossa mente a impressão de que pouco ou nada haja que fazer da parte do homem; ensinaí-o a cooperar com Deus, que assim poderá vencer.

Que ninguém diga que vossas obras nada têm a ver com vossa categoria e posição diante de Deus. No juízo, a sentença pronunciada será de acordo com o que tenha sido feito ou deixado de fazer. (Mat. 25:34-40.)

Esforço e trabalho são necessários da parte do recebedor da graça de Deus; pois é o fruto o que torna manifesto qual a espécie de árvore. Embora as boas obras, sem a fé em Jesus, não sejam de mais valor do que foi a oferta de Caim, contudo, cobertas com os méritos de Cristo, testificam da dignidade do que as pratica, de herdar a vida eterna. Aquilo que no mundo é considerado moralidade, não alcança a norma divina e não tem mais mérito diante do Céu do que teve a oferta de Caim. *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 379-382.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 34-39

22º Dia | Salvo Unicamente “em Cristo”

Pode dizer o pecador a perecer: “Sou um pecador perdido; mas Cristo veio buscar e salvar o que se havia perdido. Diz Ele: ‘Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores.’ Mar. 2:17. Sou pecador, e Ele morreu na cruz do Calvário para me salvar. Nem um momento mais preciso ficar sem me salvar. Ele morreu e ressurgiu para minha justificação, e me salvará agora.

Aceito o perdão que prometeu.” *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 392.

Aquele que se arrepende de seu pecado e aceita o dom da vida do Filho de Deus, não pode ser vencido. Apoderando-se, pela fé, da natureza divina, torna-se ele um filho de Deus. Ele ora, ele crê. Quando tentado e provado, suplica o poder, pelo qual Cristo morreu para conceder, e vence pela Sua graça. Isso todo pecador deve compreender. Deve arrepender-se de seu pecado, deve crer no poder de Cristo e aceitar esse poder

para salvá-lo e guardá-lo do pecado. Quão gratos devêramos ser pelo dom do exemplo de Cristo! Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 224.

Por que Preocupar-se?

A vida em Cristo é uma vida de descanso. Pode não haver êxtase de sentimentos, mas deve existir uma constante, serena confiança. Vossa esperança não está em vós mesmos; está em Cristo. Vossa fraqueza se acha unida à Sua força, vossa ignorância à Sua sabedoria, vossa fragilidade ao Seu eterno poder. ...

Não devemos fazer de nós mesmos o centro, nutrindo ansiedade e temor quanto à nossa salvação. Tudo isto desvia a pessoa da Fonte de nosso poder. Confiai a Deus a preservação de vossa alma, e nEle esperai. Falai e pensai em Jesus. Que o próprio eu se perca nEle. Ponde de parte a dúvida; despedi vossos temores. Dizei com o apóstolo Paulo: “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim.” Gál. 2:20. Repousai em Deus. Ele é capaz de guardar aquilo que Lhe confiastes. Se vos abandonardes em Suas mãos, Ele vos tornará mais que vencedores por Aquele que vos amou. Caminho a Cristo, 70-72.

Pode-se Contar com Isto

Ele, que pela expiação proveu ao homem um infinito tesouro de força moral, não deixará de empregar esse poder em nosso favor. ... Em todo o poderio satânico não há força para vencer uma única pessoa que se rende confiante a Cristo. Parábolas de Jesus, pág. 157.

Abundante graça foi provida para que o crente possa manter-se livre do pecado. Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 394.

NEle temos uma oferta completa, um infinito sacrifício, um poderoso Salvador, capaz de salvar perfeitamente todos os que por Ele se chegam a Deus. Com amor vem Ele revelar o Pai, para reconciliar com Deus o homem, fazê-lo nova criatura, renovado segundo a imagem dAquele que o criou. Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 321.

Problema de Pedro

O mesmo mal que levou Pedro à queda [negando a Cristo, quando era julgado] ... torna-

se hoje a ruína de milhares. Nada é tão ofensivo a Deus nem tão perigoso para o ser humano como o orgulho e a presunção. De todos os pecados é o que menos esperança incute, e o mais irremediável.

A queda de Pedro não foi repentina, mas gradual. A confiança em si mesmo induziu-o à crença de que estava salvo, e desceu passo a passo o caminho descendente até negar a seu Mestre. Jamais podemos confiar seguramente em nós mesmos ou sentir, aquém do Céu, que estamos livres de tentação. Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso. Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé; mas, mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita não estamos fora do alcance da tentação. A Palavra de Deus declara: “Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados.” Dan. 12:10. Só aquele que “sofre a tentação... receberá a coroa da vida”. Tia. 1:12.

Os que aceitam a Cristo e dizem em sua primeira confiança: “Estou salvo!” estão em perigo de depositar confiança em si mesmos. Perdem de vista a sua fraqueza e necessidade constante do poder divino. Estão desapercibidos para as ciladas de Satanás, e quando tentados, muitos, como Pedro, caem nas profundezas do pecado. Somos advertidos: “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia.” I Cor. 10:12. Nossa única segurança está na constante desconfiança de nós mesmos e na confiança em Cristo. Parábolas de Jesus, págs. 154 e 155.

Nunca Estar “Satisfeito”

Há muitos que professam a Cristo, mas nunca se tornam cristãos amadurecidos. Admitem que o homem caiu, que suas faculdades estão enfraquecidas, que ele está incapacitado para as realizações morais, mas dizem que Cristo arcou com todo o peso, todo o sofrimento, toda a abnegação, e estão dispostos a deixar que Ele isso faça. Dizem eles que não há coisa alguma que devam fazer senão crer; Cristo, porém, disse: “Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me.” Mat. 16:24. Jesus guardou os mandamentos de Deus.

Jamais devemos repousar num estado de satisfação, e deixar de fazer progresso, dizendo:

“Estou salvo.” Se é entretida esta idéia, deixam de existir os motivos para a vigilância, a oração, o esforço sincero em seguir para a frente, rumo de realizações mais elevadas. Nenhuma língua santificada será encontrada pronunciando essas palavras antes que venha Cristo, e entremos pelas portas da cidade de Deus. Então, com a maior propriedade, poderemos dar glória a Deus e ao Cordeiro, pelo livramento eterno. Enquanto o homem estiver carregado de fraquezas - pois por si mesmo não pode salvar a alma - não deve nunca atrever-se a dizer: “Estou salvo.”

Não é aquele que se reveste da couraça que pode orgulhar-se da vitória, pois tem ele pela frente a batalha, e a vitória a ser alcançada. É o que persevera até ao fim, que será salvo. Mensagens Escolhidas, vol. 1, págs. 313-315.

União com Cristo – Pretensa, ou Real?

Há na igreja tanto crentes como descrentes. Cristo apresenta essas duas classes, em Sua parábola da videira e seus ramos. Exorta Ele a Seus seguidores: “Estai em Mim, e Eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em Mim, e Eu nele, este dá muito fruto, porque sem Mim nada podereis fazer.” João 15:4 e 5.

Há grande diferença entre uma suposta união e uma união verdadeira com Cristo, pela fé. O professar crer na verdade põe homens na igreja, mas isso não prova que tenham união vital com a Videira verdadeira. É-nos dada uma regra pela qual pode ser distinguido o verdadeiro discípulo, daqueles que alegam seguir a Cristo mas nEle não têm fé. Aqueles produzem fruto; este são infrutíferos. Aqueles são muitas vezes sujeitos à podadeira de Deus, para que possam produzir mais fruto; estes, como ramos murchos, estão para ser cortados da Videira viva. ...

As fibras dos ramos são quase idênticas às da videira. A comunicação da vida, força e frutificação, do tronco para os ramos, é constante e sem obstáculos. A raiz envia seu alimento através dos ramos. Tal é a verdadeira relação do verdadeiro crente para com Cristo. Permanece em Cristo, e dEle obtém sua nutrição.

Questão Pessoal

Esta relação espiritual só pode ser estabelecida pelo exercício da fé pessoal. Essa fé deve expressar suprema preferência de nossa parte, perfeita confiança, inteira consagração. Nossa vontade tem de estar completamente submetida à vontade divina, nossos sentimentos, desejos, interesses e honra, identificados com a prosperidade do reino de Cristo e a honra de Sua causa, nós constantemente dEle recebendo graça, e Cristo aceitando nossa gratidão.

Formada essa intimidade de relação e comunhão, nossos pecados são postos sobre Cristo e Sua justiça nos é imputada. Ele foi feito pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus. Por Ele temos acesso a Deus; somos aceitos no Amado. ...

Foi quando Cristo estava para Se despedir de Seus discípulos, que Ele lhes deu o lindo emblema de Sua relação com os crentes. Estivera a apresentar-lhes a íntima união com Ele, pela qual podiam manter a vida espiritual quando fosse afastada Sua presença visível. Para impressionar-lhes o espírito, apresentou-lhes a videira como seu símbolo mais notável e apropriado. ...

Todos os seguidores de Cristo têm nesta lição um interesse tão profundo como o tinham os discípulos que ouviam Suas palavras. Na apostasia, os homens alienaram-se de Deus. A separação é vasta e medonha; mas Cristo tomou providência para de novo nos ligar a Ele. O poder do mal acha-se tão identificado com a natureza humana que homem algum pode vencer a não ser pela união com Cristo. Mediante esta união recebemos poder moral e espiritual. Se tivermos o espírito de Cristo, produziremos os frutos de justiça, frutos que hão de honrar e abençoar os homens e glorificar a Deus.

O Pai é o podador da vinha. Hábil e misericordiosamente Ele poda cada um dos ramos que produz fruto. Os que participam dos sofrimentos e vitupérios de Cristo agora, participarão de Sua glória no além. Ele “não Se envergonha de lhes chamar irmãos”. Heb. 2:11. Seus anjos os servem. No segundo aparecimento Ele virá como o Filho do homem, identificando-Se assim com a humanidade, mesmo em Sua glória. Aos que se Lhe uniram, declara Ele: Ainda que uma mãe possa esquecer-se de seu filho, “Eu, todavia, não Me esquecerei de ti. Eis que, na palma das

Minhas mãos, te tenho gravado”. Isa. 49:15 e 16. Estás continuamente perante Mim.

Podã dos Ramos

Oh, que maravilhosos privilégios nos são oferecidos!

Empenharemos os mais fervorosos esforços para formar essa aliança com Cristo, mediante a qual, tão-somente, alcançaremos essas bênçãos? Voltando-nos ao Senhor, desfaremos os nossos pecados e iniquidades pela justiça? O ceticismo e a incredulidade estão por toda parte. Cristo formulou a pergunta: “Quando... vier o Filho do homem, porventura, achará fé na Terra?” Luc. 18:8. Temos de acariciar uma fé viva, ativa. A permanência de nossa fé é a condição de nossa união.

A união com Cristo pela fé viva é duradoura; qualquer outra união se desfará. Cristo nos escolheu primeiro, pagando por nossa redenção um preço infinito; e o crente verdadeiro escolhe a Cristo como o primeiro e último e melhor em tudo. Mas esta união nos custa algo. É uma união de completa dependência, efetuada

por um ser orgulhoso. Todos os que formam esta união têm de sentir sua necessidade do sangue expiador de Cristo. Têm de ter uma mudança de coração. Têm de submeter sua vontade à vontade de Deus. Haverá uma luta com obstáculos externos e internos. Tem de haver uma dolorosa obra de desligamento, assim como uma obra de ligamento. Orgulho, egoísmo, vaidade, amor do mundo - o pecado em todas as suas formas - têm de ser vencidos, se é que queremos entrar em união com Cristo. A razão de acharem muitos a vida cristã tão deploravelmente árdua, de serem tão inconstantes, tão volúveis, está em procurarem apegar-se a Cristo sem primeiro desligar-se desses ídolos acariciados.

Uma vez formada a união com Cristo, só pode ser preservada mediante fervorosa oração e esforço incansável. Temos de resistir, temos de negar-nos, temos de vencer o próprio eu. Pela graça de Cristo, pelo ânimo, pela fé, pela vigilância, podemos alcançar a vitória. Testimonies, vol. 5, págs. 228-231.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 40-46

23º Dia | Cuidado com as Imitações - I

“**A** Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta Palavra, nunca verão a alva.” Isa. 8:20. O povo de Deus é encaminhado às Santas Escrituras como a salvaguarda contra a influência dos falsos ensina-dores e poder ilusório dos espíritos das trevas. Satanás emprega todo artifício possível para impedir os homens de obter conhecimento da Bíblia; pois os claros ensinamentos desta põem a descoberto os seus enganos. Em todo avivamento da obra de Deus o príncipe do mal está desperto para atividade mais intensa; aplica atualmente todos os seus esforços em preparar-se para a luta final contra Cristo e Seus seguidores. O último grande engano deve logo patentear-se

diante de nós. O anticristo vai operar suas obras maravilhosas à nossa vista. Tão meticulosamente a contrafação se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Escrituras Sagradas. Pelo testemunho destas toda declaração e todo prodígio deverão ser provados. O Conflito dos Séculos, pág. 593.

Não Bastam Milagres?

O homem que torna a operação de milagres a prova de sua fé verificará que Satanás pode, por meio de uma variedade de enganos, efetuar prodígios que parecerão genuínos milagres. Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 52.

Satanás é um astuto obreiro, e introduzirá falsidades sutis para obscurecer e confundir a mente e extirpar as doutrinas da salvação. Os

que não aceitam a Palavra de Deus tal qual reza, serão apanhados em sua armadilha. Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 52.

Os anjos maus estão em nossos calcanhares a cada momento. ... Eles ocupam novo território, e operam maravilhas e milagres a nossa vista. ...

Alguns serão tentados a aceitar essas maravilhas como sendo de Deus. Enfermos serão curados à nossa vista. Milagres se efetuarão aos nossos olhos. Estamos nós apercebidos para a prova que nos aguarda quando as mentirosas maravilhas de Satanás forem mais amplamente exibidas? Não serão muitas pessoas enredadas e arrebatadas? Separando-se dos positivos preceitos e mandamentos de Deus, e dando ouvido às fábulas, o espírito de muitos se está preparando para receber esses milagres de mentira. Cumpre buscarmos todos armar-nos para o combate em que nos havemos de em breve empenhar. A fé na Palavra de Deus, o estudo apoiado pela oração e aplicado praticamente, será nossa proteção contra o poder de Satanás, levando-nos à vitória pelo sangue de Cristo. Testemunhos Seletos, v. 1, 100.

As Curas Podem Provir de Satanás

Acho-me instruída a dizer que no futuro será necessária grande vigilância. Importa que não haja nenhuma ignorância espiritual entre o povo de Deus. Espíritos maus acham-se ativamente empenhados em buscar controlar a mente de seres humanos. Os homens estão-se atando em molhos, prontos a serem consumidos no fogo dos últimos dias. Os que rejeitam a Cristo e Sua justiça aceitarão o engano que está inundando o mundo. Os cristãos devem ser sóbrios e vigilantes, resistindo com firmeza ao adversário, o diabo, que anda em derredor bramando como leão, buscando a quem possa tragar. Homens, sob a influência de espíritos maus operarão milagres. ...

Não precisamos ser enganados. Cenas assombrosas, com as quais Satanás estará intimamente ligado, terão lugar em breve. A Palavra de Deus declara que Satanás operará milagres. Fará com que as pessoas fiquem doentes, e depois, de repente removerá delas seu poder satânico. Serão consideradas então como curadas. Essas obras de cura aparente levarão os adventistas do sétimo dia à prova. Muitos que tiveram grande luz deixarão de andar na luz, porque não se tonaram um com Cristo. Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 53.

Se aqueles por quem são realizadas curas, acham-se dispostos, por causa dessas manifestações, a desculpar sua negligência da lei de Deus, e continuam em desobediência, embora tenham à disposição poder ilimitado, não se segue que possuam o grande poder de Deus. Ao contrário, é o poder operador de milagres do grande enganador. Ele é transgressor da lei moral, e emprega todo ardid que possa usar para cegar os homens a seu verdadeiro caráter. Somos advertidos de que nos últimos dias ele trabalhará com sinais e prodígios de mentira. E continuará esses prodígios até ao fim da graça para que os indique como prova de que ele é um anjo de luz e não de trevas. Mensagens Escolhidas, v. 2, 50 e 51.

Falsas "Línguas" Identificadas em 1864

O espírito de fanatismo tem dominado certa classe de observadores do sábado ali [no Leste dos Estados Unidos]; eles não têm bebido senão levemente da fonte da verdade, e não estão familiarizados com o espírito da mensagem do terceiro anjo.

Algumas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons, e dizem que o Senhor os pôs na igreja. Têm uma linguagem confusa sem sentido a que chamam língua desconhecida, desconhecida não só ao homem, mas ao Senhor e a todo o Céu. Tais dons são manufaturados por homens e mulheres ajudados pelo grande enganador. O fanatismo, a exaltação, o falso falar línguas e os cultos ruidosos, têm sido considerados dons postos na igreja de Deus. Alguns têm sido iludidos a esse respeito. ...

O fanatismo e o ruído têm sido considerados indícios especiais de fé. Algumas pessoas não se satisfazem com uma reunião, a menos que experimentem momentos de poder e de alegria. Esforçam-se por isso, e chegam a uma confusão dos sentimentos.

A influência dessas reuniões, porém, não é benéfica. Ao passar o auge do sentimento, essas pessoas imergem mais fundo que antes da reunião, pois sua satisfação não proveio da devida fonte. As mais proveitosas reuniões para o bem espiritual, são as que se caracterizam pela solenidade e o profundo exame do coração, cada um procurando conhecer-se a si mesmo e, com sinceridade e profunda humildade, buscando aprender de Cristo.

Há estrelas errantes que professam ser ministros enviados por Deus, os quais andam pregando o sábado de lugar em lugar, mas que têm a verdade misturada com o erro, e estão lançando ao povo a massa de seus discordantes pontos de vista. Satanás os empurrou para dentro a fim de causar desagrado aos inteligentes e sensatos que não são membros. Alguns desses têm muito a dizer sobre os dons, e são muitas vezes especialmente agitados. Entregam-se a sentimentos desordenados e produzem sons ininteligíveis, a que chamam o dom de línguas, e certa classe parece encantada com essas estranhas manifestações. Reina entre essa classe um espírito estranho, que subjuga e passa por cima de quem quer que os repreve. O Espírito de Deus não está nessa obra e não acompanha a tais obreiros. Eles têm outro espírito. Testemunhos Seletos, vol. 1, págs. 161 e 163.

O mundo não será convertido pelo dom de línguas, ou pela operação de milagres, mas pela pregação de Cristo crucificado. Testemunhos Para Ministros, pág. 424.

Tambores, Danças e Ruídos

As coisas que descrevestes, ocorridas em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de acontecer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isso será chamado operação do Espírito Santo.

O Espírito Santo nunca Se revela por tais métodos, em tal confusão e ruído. Isso é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para anular o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. ... Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção. As forças das agências satânicas misturam-se com o alarido e barulho, para ter um carnaval, e isto é chamado operação do Espírito Santo. ... Os que participam do suposto reavivamento recebem impressões que os levam ao sabor do vento. Não podem dizer o que sabiam anteriormente quanto aos princípios bíblicos.

Corpos Fora de Controle

Nenhuma animação deve ser dada a tal espécie de culto. A mesma espécie de influência se introduziu depois da passagem do tempo em 1844. Fizeram-se as mesmas espécies de representações. Os homens ficaram agitados, e eram trabalhados por um poder que pensavam ser o poder de Deus. Viravam e reviravam o corpo, como se fosse uma roda de carro, afirmando que não seriam capazes de fazer isso a não ser por poder sobrenatural. Havia a crença de que os mortos haviam ressuscitado e tinham ascendido ao Céu. O Senhor deu-me uma mensagem para esse fanatismo, pois estavam sendo eclipsados os belos princípios da verdade bíblica.

Nudez

Homens e mulheres, que supunham ser guiados pelo Espírito Santo, realizavam reuniões em estado de nudez. Falavam acerca de carne santa. Diziam estar para além do poder da tentação, e cantavam, e gritavam, e faziam toda sorte de demonstrações ruidosas. Esses homens e mulheres não eram maus, mas estavam enganados e iludidos. ... Satanás estava moldando a obra, e sensualidade era o resultado. A causa de Deus foi desonrada. A verdade, a sagrada verdade, era nivelada ao pó, por agentes humanos.

As autoridades da terra intervieram, e vários dos chefes foram metidos no cárcere. Os que foram assim confinados na prisão chamaram a isso perseguição por amor da verdade, e assim a verdade foi envolta em vestes manchadas pela carne. ... Apresentei a reprovação do Senhor acerca dessa espécie de trabalho, mostrando que sua influência tornava a verdade objetável e aborrecível à comunidade. ...

Apresentei meu testemunho, declarando que esses movimentos fanáticos, essa algazarra e ruído, eram inspirados pelo espírito de Satanás, que operava milagres para enganar se possível os próprios eleitos. Carta 132, 1900.

Confusão

Precisamos estar em guarda, manter íntima ligação com Cristo, para não sermos enganados pelos ardis de Satanás. O Senhor deseja manter em Seu serviço ordem e disciplina, não agitação e confusão. Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 35.

Gritos e cerimoniais confusos e clamorosos não são prova de que o Espírito de Deus esteja operando. *Review and Herald*, 5 de março de 1889.

Ordem, ou Impressões e Sentimentos

Há muitos espíritos desassossegados que não se submeterão à disciplina, ao sistema e à ordem. Julgam que sua liberdade seria restringida, caso tivessem de pôr de parte o juízo próprio e submeterem-se ao das pessoas de mais experiência. Não haverá progresso na obra de Deus, a

menos que haja disposição para se submeterem à ordem, e expelirem de suas reuniões o espírito negligente e desordenado de fanatismo.

As impressões e os sentimentos não são provas seguras de que uma pessoa esteja sendo dirigida pelo Senhor. Se não estivermos apercebidos, Satanás dará sentimentos e impressões. Estes não são guias seguros. Todos se devem familiarizar plenamente com as provas de nossa fé, e a grande preocupação deve ser adornarem sua profissão de fé, e produzirem frutos para glória de Deus. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 162.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 47-53

24° Dia | Cuidado com as Imitações - II

Por todo lado, busca Satanás seduzir os jovens para o caminho da perdição; e, se consegue uma vez levar-lhes os pés para esse caminho, estimula-os a ir adiante em sua carreira descendente, levando-os de uma a outra dissipação, até que suas vítimas perdem a sensibilidade de consciência, não mais tendo diante dos olhos o temor de Deus. Exercem cada vez menos domínio próprio. Ficam habituados ao uso do vinho e do álcool, do fumo e do ópio, e vão de um a outro estágio de desonra. São escravos do apetite. O conselho que uma vez respeitavam, aprendem a desprezar. Tomam uma atitude orgulhosa, e gabam-se de liberdade quando se acham servos da corrupção, do apetite e da licenciosidade. *Temperança*, pág. 274.

"Inspirações" Pelas Drogas

Por algum tempo ele [um paciente do Sanatório de Battle Creek] pensara que estivesse recebendo nova iluminação. Estava muito doente, devendo morrer em breve. ... Aqueles a quem ele apresentava seus pontos de vista escutavam-nos ansiosamente, e alguns o consideravam inspirado. ... Para muitos seu raciocínio parecia perfeito.

Falavam de sua poderosa exortação em seu quarto de doente. As mais maravilhosas cenas passavam diante dele. Mas qual era a fonte de sua inspiração? Era a morfina a ele dada para aliviar-lhe a dor. *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 113.

Panteísmo, Espiritismo e Amor Livre

A teoria que Deus é uma essência que penetra toda a natureza, é um dos mais sutis artifícios de Satanás. Representa falsamente a Deus e é uma desonra para Sua grandeza e majestade. As teorias panteístas não são sustentadas pela Palavra de Deus. ... Satisfazem o coração natural, e favorecem a inclinação. *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 269.

A teoria de que Deus é uma essência que penetra toda a natureza é aceita por muitos que professam crer nas Escrituras; mas, se bem que revestida de belas roupagens, essa teoria é perigosíssimo engano. Ela representa falsamente a Deus, sendo uma desonra para Sua grandeza e majestade. E tende por certo não somente a extraviar como a rebaixar os homens. As trevas são o seu elemento, a sensualidade a sua esfera. ... Seguidas até sua conclusão lógica, essas teorias assolam toda a dispensação cristã. Removem a necessidade da expiação, tornando o homem seu próprio salvador. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 428.

Vi as conseqüências desses fantasiosos pontos de vista acerca de Deus, na apostasia, espiritualismo e amor livre. A tendência para o amor livre, que esses ensinamentos encerram, estava tão disfarçada que a princípio era difícil tornar claro o seu verdadeiro caráter. Até que o Senhor me apresentou, eu não sabia como denominá-lo, mas fui instruída a chamá-lo amor espiritual não santificado. Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 270.

Como nos dias dos apóstolos os homens procuravam destruir a fé nas Escrituras pelas tradições e filosofias, assim hoje, pelos aprazíveis pensamentos da “alta crítica”, evolução, espiritismo, teosofia e panteísmo, o inimigo da justiça está procurando levar as pessoas para caminhos proibidos. ... Pelo espiritismo, multidões são ensinadas a crer que o desejo é a mais alta lei, que licenciosidade é liberdade, e que o homem deve prestar contas apenas a si mesmo. Atos dos Apóstolos, pág. 474.

Procedimento Estranho

A santificação não é uma feliz revoada de sentimento, não é obra de um instante, mas obra de toda uma vida. Se alguém afirma que o Senhor o santificou, e o tornou santo, a prova de sua pretensão a essa bênção se verá nos frutos de mansidão, paciência, longanimidade, veracidade e amor.

Se a bênção que receberam os que alegam ser santificados, os leva a confiar em alguma emoção, e declaram não haver necessidade de examinar as Escrituras para saberem a revelada vontade de Deus, então a suposta bênção é falsa, pois leva seu possuidor a dar valor a suas próprias emoções e fantasias não santificadas, e fechar ouvidos à voz de Deus em Sua Palavra. ...

A agitação nervosa em questões religiosas não é prova de que o Espírito de Deus esteja operando no coração. Lemos acerca de frenéticas contorções do corpo, de gritos e guinchos, na obra de Satanás sobre a mente e o corpo de homens; mas a Palavra de Deus não nos oferece exemplo de quaisquer dessas manifestações em relação com aqueles sobre os quais Ele derrama Seu Espírito. É claro que fantasias irritantes, gritos confusos e contorções do corpo são operação do inimigo.

Todavia muitos pensam que a desordem mental, que é intensificada pelo poder de Satanás, seja garantia de que Deus esteja levando essas pessoas iludidas a agir de maneira tão inconveniente. Todo espírito e tom da Bíblia condena os homens que procedem sem razão ou inteligência. Quando o Espírito de Deus opera no coração, leva o fiel e obediente filho de Deus a agir de modo que recomende a religião ao bom juízo de homens e mulheres sensatos. Signs of the Times, 28 de fevereiro de 1895.

Pretensão

Disse Cristo: “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus. Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu nome? E, em Teu nome, não expulsamos demônios? E, em Teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade.” Mat. 7:21-23.

Estes podem professar ser seguidores de Cristo, mas perderam de vista seu Líder. Poderão dizer: “Senhor, Senhor!” indicando os doentes curados por seu intermédio e outras obras maravilhosas, afirmando que possuem mais do Espírito e poder de Deus do que manifestam os que guardam a Sua lei. Mas suas obras são feitas sob supervisão do inimigo da justiça, cujo alvo é iludir as pessoas, e destinam-se a afastar da obediência, da verdade e do dever.

No futuro próximo haverá manifestações mais assinaladas desse poder operador de milagres; pois dele é dito: “E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à Terra, à vista dos homens.” Apoc. 13:13.

Surpreendemo-nos ao ver tantos dispostos a aceitar essas grandes pretensões como genuína obra do Espírito de Deus; mas os que atentam meramente às obras maravilhosas, e são guiados pelo impulso e pelas impressões, serão iludidos.

Pretensão a Santidade

Ninguém que alegue santidade é de fato santo. Os que se acham registrados como santos nos livros do Céu não estão apercebidos do fato, e são os últimos a gabar-se de sua bondade. Nenhum dos profetas e apóstolos alguma vez

professou santidade, nem mesmo Daniel, Paulo ou João. Os justos nunca fazem semelhante alegação.

Quanto mais de perto se assemelham a Cristo, tanto mais lamentam sua dessemelhança dEle, pois têm consciência sensível, e consideram o pecado mais como Deus o considera. Têm exaltados pontos de vista acerca de Deus e do grande plano de salvação; e seu coração, humilhado por uma intuição de sua própria indignidade, está apercebido da honra de serem considerados membros da família real, filhos e filhas do Rei eterno.

Os que amam a lei de Deus não podem se harmonizar, no culto ou no espírito, com os deliberados transgressores da lei que se enchem de amargura e maldade quando são ensinadas as verdades claramente reveladas da Bíblia. Temos um detector que distingue entre o verdadeiro e o falso. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não têm iluminação.” Isa. 8:20. Signs of the Times, 26 de fevereiro de 1885.

Em Quem Posso Confiar?

Necessitamos estar ancorados em Cristo, arraigados e fundados na fé. Satanás opera mediante agentes. Escolhe aqueles que não têm estado a beber das águas vivas, cuja alma está sedenta de novidades e coisas estranhas, e que estão sempre prontos a beber de qualquer fonte

que se apresente. Ouvir-se-ão vozes dizendo: “Eis que o Cristo está aqui”, ou “Eis que está ali”; não os devemos crer, porém. Temos inequívocas evidências da voz do Pastor Verdadeiro, e Ele está nos chamando a segui-Lo. Ele diz: “Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.” João 15:10. Conduz Suas ovelhas em humilde obediência à lei de Deus, mas nunca as anima na transgressão dessa lei.

“A voz dos estranhos” (João 10:5) é a voz de alguém que nem respeita nem obedece à santa, justa e boa lei de Deus. Muitos têm grandes pretensões à santidade, e gabam-se das maravilhas que operam curando os doentes, quando não consideram essa grande norma de justiça. Mas pelo poder de quem são essas curas efetuadas? Acham-se os olhos de ambas as partes abertos a suas transgressões da lei? e tomam eles sua posição como filhos humildes, obedientes, prontos a obedecer a todas as reivindicações de Deus? ...

Ninguém precisa ser enganado. A lei de Deus é tão sagrada como o Seu trono, e por ela será julgado todo homem que vem ao mundo. Não há outra norma pela qual provar o caráter. “Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” Isa. 8:20. Ora, será o caso resolvido segundo a Palavra de Deus, ou hão de as pretensões dos homens receber crédito? Cristo diz: “Pelos seus frutos os conhecereis.” Mat. 7:20. Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 50.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 53-58

25° Dia | É Ainda uma Luta

Necessitamos entender mais claramente o que está em jogo no grande conflito em que nos achamos empenhados. Precisamos compreender com mais plenitude o valor das verdades da Palavra de Deus, e o perigo de permitir que nosso espírito seja delas desviado pelo grande enganador.

O infinito valor do sacrifício requerido para nossa redenção revela que o pecado é um tremendo mal. Pelo pecado, perturba-se todo o

organismo humano, a mente é pervertida, corrompida a imaginação. O pecado tem degradado as faculdades da alma. As tentações exteriores encontram eco no coração, e os pés se voltam imperceptivelmente para o mal.

Como foi completo o sacrifício feito em nosso favor, assim deve ser a nossa restauração da desonra do pecado. Nenhum ato de impiedade será desculpado pela lei de Deus; injustiça alguma lhe pode escapar à condenação. A ética evangélica não reconhece nenhuma norma senão a perfeição do caráter divino. ...

É Preciso Perseverança

Não se podem endireitar os erros, nem operar reformas na conduta mediante alguns fracos e intermitentes esforços. A formação do caráter não é obra de um dia, nem de um ano, mas de uma existência. A luta pela conquista do eu, pela santidade e o Céu, é uma luta que se prolonga por toda vida. Sem contínuo esforço e atividade constante, não pode haver progresso nem ganho da coroa da vitória.

A mais vigorosa prova da queda do homem de uma condição mais elevada é o quanto lhe custa retroceder. O caminho de volta só pode ser conquistado por meio de luta cruel, momento a momento. A qualquer tempo, por uma ação precipitada, desprevenida, podemos lançar-nos sob o poder do mal; requer, porém, mais que um momento o quebrar as cadeias e atingir a uma vida mais santa. Pode-se formar o desígnio, começar a obra; sua realização, porém, requererá fadiga, tempo, perseverança, paciência e sacrifício.

Não podemos permitir o agir por impulso. Não podemos estar despercebidos nem por um momento. Assaltados por inúmeras tentações, devemos resistir firmes, ou seremos vencidos. Se chegássemos ao fim da vida com nossa obra por fazer, isso importaria em perda eterna.

A vida do apóstolo Paulo foi um constante conflito com o próprio eu. Ele disse: “Cada dia morro.” I Cor. 15:31. Sua vontade e seus desejos lutavam cada dia com o dever e a vontade de Deus. Em vez de seguir a inclinação, ele fazia a vontade de Deus embora crucificando a própria natureza.

Ao fim de sua vida de conflito, olhando para trás, às lutas e triunfos da mesma, pôde dizer: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia.” II Tim. 4:7 e 8.

A vida cristã é uma batalha e uma marcha. Nesta guerra não há trégua; o esforço deve ser contínuo e perseverante. É assim fazendo que mantemos a vitória sobre as tentações de Satanás. A integridade cristã deve ser buscada com irresistível energia, e mantida com resoluta rigidez de propósito.

Ninguém será levado para o alto sem árduo e perseverante esforço em prol de si mesmo.

Todos têm de se empenhar por si nessa luta; nenhuma outra pessoa pode combater os nossos combates. ...

Uma Ciência

Há uma ciência do cristianismo a ser dominada - ciência tão mais profunda, vasta e alta que qualquer ciência humana, como os céus são mais elevados do que a Terra. A mente deve ser disciplinada, educada, exercitada; pois nos cumpre fazer o serviço para Deus por maneiras que não se acham em harmonia com nossa inclinação inata. As tendências hereditárias e cultivadas para o mal devem ser vencidas. Muitas vezes, a educação e as práticas de toda uma existência devem ser rejeitadas para que a pessoa se possa tornar aprendiz na escola de Cristo. Nosso coração deve ser educado em se firmar em Deus. Cumpre-nos formar hábitos de pensamento que nos habilitem a resistir à tentação. Devemos aprender a olhar para cima. Os princípios da Palavra de Deus - princípios tão elevados como o Céu e que abrangem a eternidade - cumpre-nos compreendê-los em sua relação para com a nossa vida diária. Cada ato, cada palavra, cada pensamento deve estar de acordo com esses princípios. Tudo deve ser posto em harmonia com Cristo, e a Ele sujeito.

As preciosas graças do Espírito Santo não se desenvolvem num momento. Ânimo, fortaleza, mansidão, fé e inabalável confiança no poder de Deus para salvar são adquiridos mediante a experiência de anos. Por uma vida de santo esforço e firme apego ao direito, devem os filhos de Deus selar seu destino.

Não Há Tempo a Perder

Não temos tempo a perder. Não sabemos quão rápido nosso tempo de graça pode se encerrar. Quando muito, não teremos senão o curto espaço de uma existência aqui, e não sabemos quão breve a seta da morte pode nos ferir o coração. Não sabemos quão pronto seremos chamados a abandonar o mundo e todos os seus interesses. Estende-se diante de nós a eternidade. A cortina está a ponto de se erguer. Uns poucos anos apenas, e para todos os que ora são contados entre os vivos, sairá o decreto:

“Quem é injusto faça injustiça ainda; ... e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda.” Apoc. 22:11.

Estamos nós preparados? Conhecemos a Deus, o Governador do Céu, o Legislador, e a Jesus Cristo a quem Ele enviou ao mundo como Seu representante? Quando a obra de nossa vida terminar, estaremos aptos a dizer, como Cristo, nosso exemplo: “Eu glorifiquei-Te na Terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer. Manifestei o Teu nome”? João 17:4 e 6.

Os anjos de Deus nos estão procurando atrair de nós mesmos e das coisas terrenas. Não os façais trabalhar em vão.

As mentes que têm liberado as rédeas do pensamento precisam mudar. “Cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo, como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque Eu sou santo.” I Ped. 1:13-16.

Os pensamentos devem se concentrar em Deus. Devemos exercer diligente esforço para vencer as más tendências do coração natural. Nossos esforços, nossa abnegação e perseverança devem ser proporcionais ao infinito valor do objetivo que perseguimos. Unicamente vencendo como Cristo venceu, havemos de alcançar a coroa da vida.

A Necessidade de Constante Confiança

O maior perigo do homem está em se enganar si mesmo, em condescender com a presunção, separando-se assim de Deus, a fonte de sua força. A menos que sejam corrigidas pelo Santo Espírito de Deus, nossas tendências naturais encerram em si mesmas os germes da morte. A menos que nos ponhamos em uma ligação vital com Deus, não podemos resistir aos profanos efeitos da satisfação própria, do amor de nós mesmos e da tentação para pecar.

Para que possamos receber auxílio de Cristo, devemos compreender nossa necessidade. Cumpre-nos conhecer-nos verdadeiramente. Unicamente ao que se reconhece pecador, pode Cristo salvar. Só quando vemos nosso inteiro desamparo e renunciemos a toda confiança própria, lançaremos mão do poder divino.

Não é apenas no início da vida cristã que se deve fazer essa renúncia. A cada passo de avanço em direção ao Céu, deve ela ser renovada. Todas as nossas boas obras são dependentes de um poder fora de nós; deve haver, portanto, um constante anelo do coração para Deus, uma contínua e fervorosa confissão de pecado, e humilhação da alma perante Ele. Cercam-nos perigos; e só estamos a salvo quando sentimos nossa fraqueza, e nos apegamos com a segurança da fé ao nosso poderoso Libertador.

A Verdade

Devemos desviar-nos de mil assuntos que nos atraem a atenção. Há assuntos que nos consomem tempo e suscitam indagações, mas acabam em nada. Os mais elevados interesses exigem dedicada atenção e energia que são tantas vezes dispensadas a coisas relativamente insignificantes.

O aceitar teorias novas não traz em si nova vida. Mesmo o relacionar-se com fatos e teorias importantes em si mesmos é de pouco valor a não ser que sejam postos em uso prático. Precisamos sentir nossa responsabilidade de proporcionar à própria vida alimento que a nutra e incentive espiritualmente. ...

A questão que devemos estudar é: “Qual é a verdade - a verdade que deve ser acariciada, amada, honrada e obedecida?” Os adeptos da ciência têm ficado derrotados e abatidos quanto a seus esforços para encontrar a Deus. O que eles devem perguntar nestes dias é: “Qual é a verdade que nos habilitará a obter a salvação de nossa vida?”

Possuo eu a Resposta?

“Que pensais vós de Cristo?” - eis a toda-importante questão. Vós O recebeis como um Salvador pessoal? A todos quantos O recebem, dá Ele poder de se tornarem filhos de Deus.

Cristo revelou Deus a Seus discípulos de modo que lhes operou no coração uma obra especial, tal qual Ele deseja realizar em nosso coração. Muitos há que, detendo-se demasiadamente na teoria, têm perdido de vista o poder vivo do exemplo do Salvador. Deixaram de vê-Lo como o humilde e abnegado obreiro. O que eles necessitam é contemplar a Jesus. Necessitamos diariamente uma nova revelação de Sua presença.

Cumpre-nos seguir-Lhe mais de perto o exemplo de renúncia e sacrifício.

Carecemos da experiência possuída por Paulo ao escrever: “Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim.” Gál. 2:20.

O conhecimento de Deus e de Jesus Cristo expresso no caráter é uma exaltação superior a tudo mais que se estime na Terra e no Céu. É a suprema educação. É a chave que abre as portas da cidade celestial. Deus designa que todos quantos se revestem de Cristo possuam esse conhecimento. *A Ciência do Bom Viver*, 451-457.

Ellen G. White - Reavivamento e Seus Resultados, 59-64

26° Dia | O Processo de Prova - I

Nosso caso acha-se pendente no tribunal celeste. Aí estamos prestando nossas contas dia a dia. Cada um será recompensado segundo suas obras. As ofertas queimadas e os sacrifícios não eram aceitáveis a Deus, na antiguidade, a menos que fosse reto o espírito com que eram oferecidos. Disse Samuel: “Tem porventura o Senhor, tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça a palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.” I Sam. 15:22. *Todo o dinheiro da Terra não pode comprar a bênção de Deus, nem assegurar-vos uma única vitória.*

Muitos fariam todo e qualquer sacrifício, menos exatamente aquele que devem fazer, que é entregarem-se, submeterem sua vontade à vontade de Deus. Disse Cristo a Seus discípulos: “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos Céus.” Mat. 18:3. Aí está uma lição de humildade. Devemos todos tornar-nos humildes como crianças a fim de herdar o reino.

Nosso Pai celeste vê o coração dos homens, e conhece melhor seu caráter do que eles próprios. Vê que alguns possuem aptidões e faculdades que, devidamente dirigidas, poderiam ser empregadas para Sua glória, para ajudar a promover Sua obra. Ele submete a prova essas pessoas, e em Sua sábia providência as leva a posições diversas e variadas circunstâncias, provando-as de

maneira a revelarem o que lhes está no coração e os pontos fracos em seu caráter, pontos até então ocultos a elas próprias. Dá-lhes oportunidade para corrigirem essas fraquezas, polirem todas as arestas de sua natureza, e habilitarem-se para Seu serviço, para que, quando as chamar à ação, estejam preparadas, e para que os anjos celestes possam unir seu labor ao esforço humano na obra que precisa fazer-se na Terra.

Aos homens a quem Deus pretende que ocupem posições de responsabilidade, Ele revela, misericordiosamente, os ocultos defeitos que têm, a fim de se olharem interiormente e examinarem com olhos críticos as complicadas emoções e atitudes do próprio coração, verificando o que está errado. Poderão assim modificar sua disposição e aperfeiçoar suas maneiras. Em Sua providência o Senhor leva os homens a situações em que lhes possa provar a força moral e revelar os motivos de suas ações, de maneira que desenvolvam o que é bom em si mesmos, e afastem de si o que não presta. É vontade de Deus que Seus servos se familiarizem com o mecanismo moral do próprio coração. Para isso fazer, permite freqüentemente que o fogo da aflição os assalte, a fim de que sejam purificados. “Mas quem suportará o dia da Sua vinda? e quem subsistirá, quando Ele aparecer? porque Ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-Se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata. Então ao Senhor trarão ofertas em justiça.” Mal. 3:2 e 3.

A purificação do povo de Deus não se pode realizar sem que eles sofram. Deus permite ao fogo da aflição que lhes consuma a escória, para separar o imprestável do que é valioso, a fim de que o metal puro possa brilhar. Passa-

nos de uma a outra fornalha, provando nosso verdadeiro valor. Se não podemos suportar essas provas, que faremos no tempo de angústia? Se a prosperidade ou a adversidade descobre falsidade, orgulho ou egoísmo em nosso coração, que faremos nós quando Deus provar a obra de todo homem como pelo fogo, e puser a descoberto os segredos de todos os corações?

A graça genuína está disposta a ser provada; se relutamos em ser esquadriados pelo Senhor, nossa condição é na verdade séria. Deus é o refinador e purificador de almas; no calor da fornalha separa-se para sempre a escória da prata e do ouro verdadeiros do caráter cristão. Jesus observa a prova. Sabe o que é preciso para purificar o precioso metal a fim de que Lhe reflita a glória do divino amor.

Jesus lá Adiante

Deus leva Seu povo para perto de Si mediante dolorosas experiências, mostrando-lhes suas próprias fraquezas e incapacidade, e ensinando-lhes a confiar nEle como seu único auxílio e salvaguarda. Então se cumpre Seu desígnio. São preparados para ser usados em qualquer emergência, para ocupar importantes posições de confiança, e realizar os grandes desígnios para que lhes foram dadas as suas faculdades. Deus aceita os homens depois de prová-los; prova-os à direita e à esquerda, e assim são educados, exercitados, disciplinados. Jesus, nosso Redentor, representante e cabeça do homem, suportou esse difícil processo. Sofreu mais do que podemos ser chamados a suportar. Levou sobre Si nossas enfermidades, e foi em tudo tentado como nós o somos. Não sofreu isto por Sua própria causa, mas por nossos pecados; e agora, confiantes nos méritos de nosso Vencedor, podemos tornar-nos vitoriosos em Seu nome.

A divina obra de refinar e purificar precisa ir avante até que Seus servos estejam tão humilhados, tão mortos para o próprio eu que, ao serem chamados para serviço ativo, tenham em vista unicamente a glória de Deus. Então Ele lhes aceitará os esforços; eles não agirão imprudentemente, por impulso; não se precipitarão, pondo em risco a causa do Senhor, sendo escravos de tentações e paixões, seguindo a própria mente carnal incendiada por Satanás. Oh! quão terrível é ser a causa de Deus manchada pela vontade perversa do homem e seu temperamento não

subjugado! Quanto sofrimento traz ele sobre si por seguir as obstinadas paixões que o dominam! Deus traz repetidamente o homem ao campo de batalha, aumentando a pressão até que a perfeita humildade e a transformação do caráter o ponham em harmonia com Cristo e o espírito do Céu, e tenha a vitória sobre si mesmo.

Deus tem chamado homens de situações diversas e os tem experimentado e provado para ver que caráter desenvolveriam, se lhes poderia confiar a administração em ??, se poderiam ou não suprir as deficiências dos homens que ali estavam e vendo os erros já por eles cometidos, deixariam de seguir o exemplo dos que não se acham aptos para a santíssima obra de Deus. Ele tem acompanhado os homens de ?? com advertências, reprovações e conselhos contínuos. Tem derramado grande luz sobre os que oficiam em Sua causa ali, de maneira que o caminho lhes seja claro. Caso, porém, prefiram seguir sua própria sabedoria, desdenhando a luz, como fez Saul, extraviar-se-ão por certo, e envolverão a causa em perplexidade. Diante deles foram postas a luz e as trevas, mas demasiadas vezes têm preferido as trevas.

A Mensagem Laodiceana

A mensagem laodiceana aplica-se ao povo de Deus que professa crer na verdade presente. A maior parte, são professos mornos, tendo o nome mas faltando-lhes o zelo. Deus deu a conhecer que queria que os homens localizados no grande coração da obra corrigissem o estado de coisas ali existente, e se mantivessem como fiéis sentinelas em seu posto de dever. Deu-lhes luz acerca de todos os pontos, para instruir, animar e confirmar esses homens segundo o caso o exigisse. Apesar de tudo isso, porém, os que deviam ser fiéis e verdadeiros, fervorosos no zelo cristão, de temperamento benévolo, conhecendo e amando sinceramente a Jesus, encontram-se a ajudar o inimigo em enfraquecer e desanimar aqueles a quem Deus está usando para edificar a obra. Aplica-se a esta classe o termo “morno”. Professam amar a verdade, todavia são deficientes no fervor e no devotamento cristãos. Não ousam desistir inteiramente e correr o risco dos incrédulos; não se acham, no entanto, dispostos a morrer para o próprio eu e seguir exatamente os princípios de sua fé.

A única esperança para os laodiceanos é uma clara visão de sua condição diante de Deus, o conhecimento da natureza de sua enfermidade. Nem são frios nem quentes; ocupam uma posição neutra e, ao mesmo tempo, lisonjeiam-se de não necessitar de coisa alguma. A Testemunha Verdadeira aborrece essa mornidão. Causa-Lhe desgosto a indiferença dessa classe de pessoas. Diz Ele: “Oxalá foras frio ou quente!” Apoc. 3:15. Como água morna, são nauseantes a Seu paladar. Nem são desinteressados nem egoistamente obstinados. Não se empenham inteiramente e de coração na obra de Deus, identificando-se com seus interesses; mas se mantêm afastados, e estão prontos a deixar seus postos quando os interesses mundanos, pessoais o exigem. Carecem da obra interior da graça no coração; acerca desses se diz: “Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.” Apoc. 3:17.

O Remédio Divino

A fé e o amor são as verdadeiras riquezas, o ouro puro que a Testemunha Verdadeira aconselha os mornos a comprar. Por mais ricos que sejamos em tesouros terrestres, toda a nossa riqueza não nos habilitará a comprar os preciosos remédios que curam a doença da alma chamada mornidão. A inteligência e as riquezas da Terra eram impotentes para remover os defeitos da igreja de Laodicéia, ou remediar-lhes a deplorável condição. Eram cegos, não obstante achavam que estavam bem. O Espírito de Deus não lhes iluminava a mente, e não percebiam sua peca-

miniosidade; não sentiam, portanto, necessidade de auxílio.

Estar sem as graças do Espírito de Deus é realmente triste; mais terrível condição, porém, é estar assim destituído de espiritualidade e de Cristo, e ainda buscar justificar-nos dizendo aos que se sobressaltam por nós que não necessitamos de seus temores nem piedade. Temível é o poder da ilusão própria no espírito humano! Que cegueira! tomar a luz por trevas e as trevas por luz! A Testemunha Verdadeira aconselha-nos a comprar d'Ele ouro provado no fogo, vestidos brancos e colírio.

O ouro aqui recomendado como tendo sido provado no fogo, é fé e amor. Ele enriquece o coração; pois foi limpo até tornar-se puro, e quanto mais é provado tanto mais intenso é seu brilho. Os vestidos brancos são a pureza de caráter, a justiça de Cristo comunicada ao pecador. É na verdade uma vestimenta de textura celeste, que só se pode comprar de Cristo por uma vida de voluntária obediência. O colírio é aquela sabedoria e graça que nos habilitam a distinguir entre o mal e o bem, e perceber o pecado sob qualquer disfarce. Deus deu a Sua igreja olhos aos quais requer dos crentes que unjam com sabedoria, para que vejam claramente; muitos, porém, se pudessem, tirariam os olhos da igreja; pois não queríamos que suas ações viessem à luz, para não serem reprovados. O colírio divino comunicará clareza ao entendimento. Cristo é o depositário de todas as graças. Ele diz: “Aconselho-te que de Mim compres.”

Ellen G. White - Testemunhos Seletos - V. 1, 473-478

27º Dia | O Processo de Prova – II

Talvez digam alguns que esperar favor de Deus por meio de nossas obras, é exaltar os próprios méritos. Certamente não podemos comprar uma vitória sequer com nossas boas obras; todavia nos é impossível ser vitoriosos sem elas. A compra que Cristo nos recomenda é simplesmente cumprir as condições que Ele nos propõe. A verdadeira graça, que é de inestimável valor

e que resistirá à experiência da provação e da adversidade, só se obtém pela fé, e pela humilde obediência apoiada pela oração. As graças que resistem às provas da aflição e da perseguição, e demonstram sua pureza e sinceridade, são o ouro que é provado no fogo e achado genuíno. Cristo oferece vender este precioso tesouro ao homem: “Aconselho-te que de Mim compres

ouro provado no fogo.” Apoc. 3:18. O morto, frio cumprimento do dever não nos faz cristãos. Cumpre-nos sair do estado de mornidão e experimentar conversão real, ou perderemos o Céu.

Minha atenção foi encaminhada para a providência de Deus entre Seu povo, e foi-me mostrado que toda prova feita pelo processo de refinamento e purificação sobre os professos cristãos demonstra que alguns são escória. Nem sempre aparece o fino ouro. Em toda crise religiosa alguns caem sob a tentação. O peneiramento de Deus sacode fora multidões, como folhas secas. A prosperidade multiplica a massa dos que professam. A adversidade os leva para fora da Igreja. Como uma classe, não tem o espírito firme em Deus. Saem de nós, porque não são de nós; pois quando surge tribulação ou perseguição por causa da palavra, muitos se escandalizam.

Olhem essas pessoas alguns meses atrás, quando elas consideravam o caso de outros que se achavam em condições idênticas àquela que eles hoje ocupam. Recordem cuidadosamente o que pensavam quanto aos tentados. Houvesse alguém lhes dito então que, apesar de seu zelo e trabalho para endireitar a outros, seriam afinal achados em semelhantes condições de trevas, e haveriam dito como disse Hazeel ao profeta: “Pois quê? é teu servo um cão, para fazer esta tão grande coisa?” II Reis 8:13, Versão Trinitariana.

Estão iludidos consigo mesmos. Na calma, que firmeza manifestam! Que corajosos navegantes são! Mas quando as furiosas tempestades da prova e tentação sobrevêm, ai! sua alma naufraga. Os homens podem ter excelentes dons, boas aptidões, qualidades esplêndidas; um defeito, porém, um pecado secreto nutrido, demonstrar-se-á para o caráter o que a prancha carcomida pelo verme é para o navio - completo desastre e ruína! ...

Necessidade de Constante Progresso

Os homens que ocupam posições de responsabilidade devem melhorar continuamente. Cumpre não se ancorarem numa antiga experiência, e achar que não precisam tornar-se obreiros capazes. O homem, embora a mais importante criatura de Deus ao vir ao mundo, e de natureza mais perversa, é não obstante capaz de constante progresso. Pode ser esclarecido pela

ciência, enobrecido pela virtude, e progredir em dignidade mental e moral até que chegue à perfeição da inteligência e a uma pureza de caráter apenas um pouco inferiores às dos anjos. Com a luz da verdade a brilhar na mente humana, e o amor de Deus derramado em seu coração, é inconcebível o que se podem tornar, e que grande obra podem fazer.

Sei que o coração humano é cego a sua verdadeira condição; não posso deixar-vos, porém, sem fazer um esforço em vosso auxílio. Nós vos amamos, e queremos ver-vos apressando-vos para a vitória. Jesus vos ama. Morreu por vós; e quer que vos salveis. Não temos nenhuma disposição para segurar-vos em ??; queremos, no entanto que façais obra completa quanto a vossa própria alma, que endireiteis ali todo erro, e façais todo esforço para dominar o próprio eu, para que não percais o Céu. Isto não vos podeis permitir. Por amor de Cristo, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.

A obra de podar e limpar a fim de preparar-nos para o Céu, é uma grande obra, e custar-nos-á muito sofrimento e provação, pois nossas vontades não se acham sujeitas à vontade de Cristo. Precisamos passar pela fornalha até que o fogo haja consumido a escória, e estejamos purificados, e reflitamos a imagem divina. Os que seguem as próprias inclinações e são regidos pelas aparências, não são bons juizes do que Deus está fazendo. Acham-se cheios de descontentamento. Vêem fracasso onde em verdade há triunfo, grande perda onde existe ganho; e, como Jacó, estão prontos a exclamar: “Todas estas coisas vieram sobre mim” (Gên. 42:36), quando as próprias coisas de que se queixam estão todas operando juntamente para o seu bem.

Não havendo cruz, não há coroa. Como pode alguém ser forte no Senhor, sem provações? Para termos forças, precisamos de exercício. Para possuir fé robusta, importa que sejamos colocados em circunstâncias em que nossa fé seja exercitada. Pouco antes de sua morte, o apóstolo Paulo exortou a Timóteo: “Participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus.” II Tim. 1:8. Através de muita tribulação é que havemos de entrar no reino de Deus. Nosso Salvador foi provado por todos os modos possíveis, e todavia triunfou continuamente em Deus. É nosso privilégio, na força do Senhor, ser fortes em todas as circunstâncias, e gloriar-nos na cruz de Cristo. Testimonies, vol. 3, pág. 67, 1872.

A Eficácia do Sangue de Cristo

Ordenou-se outrora aos filhos de Israel que trouxessem uma oferta por toda a congregação, a fim de purificá-la da contaminação cerimonial. Esse sacrifício era uma bezerra ruiva, e representava o perfeito sacrifício que deveria remir da poluição do pecado. Era esse um sacrifício ocasional, para purificação de todos os que, por necessidade ou acidentalmente, haviam tocado em cadáver. Todos os que entravam em contato com a morte de qualquer maneira, eram considerados cerimonialmente impuros. Destinava-se isso a impressionar profundamente o espírito dos hebreus com o fato de que a morte veio em consequência do pecado, sendo, portanto, representação do pecado. Um novilho, uma arca, uma serpente ardente, apontam com insistência para uma grande oferta - o sacrifício de Cristo.

Essa bezerra devia ser ruiva, o que era símbolo de sangue. Tinha de ser sem mancha nem defeito, e nunca ter estado sob o jugo. Aqui, de novo, é representado Cristo. O Filho de Deus veio voluntariamente, para realizar a obra da expiação. Não havia sobre Ele jugo obrigatório; pois era independente e acima de toda a lei. Os anjos, como inteligentes mensageiros divinos, achavam-se sob o jugo da obrigação, nenhum sacrifício pessoal deles poderia expiar a culpa do homem caído. Cristo, unicamente, estava livre dos reclamos da lei, para empreender a redenção da raça pecadora. Tinha Ele poder para depor a vida e para retomá-la. “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus.” Filip. 2:6.

No entanto, esse Ser glorioso amou o pobre pecador, e tomou sobre Si a forma de servo, para que pudesse sofrer e morrer em lugar do homem. Jesus poderia ter ficado à destra do Pai, usando a coroa e as vestes reais. Mas preferiu trocar as riquezas, honra e glória do Céu pela pobreza da humanidade, e Sua posição de alto comando pelos horrores do Getsêmani e a humilhação e agonia do Calvário. Tornou-Se um Varão de dores e experimentado nos trabalhos, a fim de que por Seu batismo no sofrimento e sangue pudesse purificar e redimir um mundo culpado. “Eis aqui venho”, foi o prazenteiro assentimento, para “fazer a Tua vontade, ó Deus meu.” Sal. 40:7 e 8.

A bezerra sacrificial era conduzida para fora do arraial, e morta da maneira mais impres-

sionante. Assim Cristo sofreu fora das portas de Jerusalém, pois o Calvário achava-se fora dos muros da cidade. Isto se destinava a mostrar que Cristo não morreu pelos hebreus somente, mas por toda a humanidade. Ele proclama ao mundo caído que veio a fim de ser seu Redentor, e insta com os homens a que aceitem a salvação que lhes oferece. Morta a bezerra do modo mais solene, o sacerdote, trajando vestes puramente brancas, tomava nas mãos o sangue quando jorrava do corpo da vítima, e lançava-o em direção do templo sete vezes. “E tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa.” Heb. 10:21 e 22.

O corpo da bezerra era queimado e reduzido a cinzas, o que significava um sacrifício amplo e completo. As cinzas eram então reunidas por pessoa não contaminada pelo contato com morto, e colocadas num vaso que continha água provinda de uma corrente. Essa pessoa limpa e pura tomava então uma vara de cedro com pano de escarlata e um ramo de hissopo, e aspergia o conteúdo do vaso sobre a tenda e o povo reunido. Esta cerimônia era repetida várias vezes, a fim de ser completa, e fazia-se como purificação do pecado.

Assim Cristo, em Sua própria justiça imaculada, depois de derramar Seu sangue precioso, penetra no lugar santo para purificar o santuário. E ali a corrente escarlata é empregada no serviço de reconciliar Deus com o homem. Poderá haver quem considere esse sacrificar da bezerra como cerimônia destituída de significado; mas era celebrada por ordem de Deus, e tem profundo significado, que não perdeu sua aplicação ao tempo presente.

O sacerdote usava cedro e hissopo, mergulhando-os na água purificadora e aspergindo o imundo. Isto simbolizava o sangue de Cristo derramado para nos purificar das impurezas morais. A aspersão repetida ilustra o caráter completo da obra que tinha de ser realizada em favor do pecador arrependido. Tudo que ele possui tem de ser consagrado. Não só deve sua própria alma ser lavada de modo a ficar limpa e pura, mas deve ele empenhar-se em que a família, os seus arranjos domésticos, sua propriedade e todos os seus pertences - tudo seja consagrado a Deus.

Depois que a tenda fora aspergida com hissopo, acima da porta dos purificados era escrito: Não sou meu; Senhor, sou Teu. Assim deve ser com os que professam ser purificados pelo sangue de Cristo. Deus não é menos estrito hoje do que era nos tempos antigos. O salmista, em sua oração, refere-se a essa cerimônia simbólica quando diz: “Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve.” “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto.” “Torna a dar-me a alegria da Tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário.” Sal. 51:7, 10 e 12.

O sangue de Cristo é eficaz, mas precisa ser aplicado continuamente. Deus não só quer que Seus servos usem os meios que lhes confiou para Sua glória, mas deseja que se consagrem a si mesmos à Sua causa. Se vós, meus irmãos, vos tornastes egoístas e estais retendo do Senhor aquilo que deveríeis alegremente dar ao Seu serviço, necessitais então de que se vos aplique completamente o sangue da aspersão, consagrando-vos a Deus com todas as vossas posses.

Ellen G. White - Testemunhos Seletos - V. 1, 479-483

28º Dia | Obediência Voluntária

Era Abraão homem idoso quando recebeu de Deus a impressionante ordem de oferecer seu filho Isaque como oferta queimada. Abraão, mesmo em sua geração era considerado velho. Desvanecera-se-lhe o ardor da juventude. Já não lhe era fácil suportar dificuldades e enfrentar perigos. No vigor da mocidade o homem enfrenta a tempestade com ativa consciência de força, e ergue-se acima de desencorajamentos que em sua vida posterior lhe fariam o coração desfalecer, quando os seus passos vacilam rumo da sepultura.

Mas em Sua providência Deus reservou para Abraão sua última e mais aflitiva prova até o peso dos anos o oprimir e ele almejar por descanso da ansiedade e labuta. O Senhor lhe falou, dizendo: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas”, “e oferece-o ali em holocausto.” Gên. 22:2. O coração do ancião paralisou-se de terror. A perda desse filho por doença teria sido um golpe duro àquele pai amoroso; ter-lhe-ia curvado a fronte embranquecida de tristeza. Mas agora eis que se lhe ordena derramar com as próprias mãos o precioso sangue daquele filho. Parecia-lhe terrível impossibilidade.

Entretanto, Deus falara, e Sua palavra tinha de ser obedecida. Abraão era avançado em anos, mas isto não o escusou de cumprir o dever.

Agarrou o bordão da fé, e em muda agonia tomou pela mão o filho, belo na rosada saúde da juventude, e saiu a obedecer à palavra de Deus. O grande e velho patriarca era humano; suas paixões e laços afetivos eram como os nossos, e ele amava o rapaz, que era o consolo de sua velhice, e a quem fora dada a promessa do Senhor.

Mas Abraão não se deteve a duvidar de como as promessas de Deus poderiam cumprir-se, uma vez morto Isaque. Não parou a arrazoar com o sofrido coração, mas executou a ordem divina ao pé da letra, até que, exatamente quando o cutelo estava para ser mergulhado nas trêmulas carnes do filho, veio a ordem: “Não estendas a tua mão sobre o moço”, “porquanto agora sei que temes a Deus e não Me negaste o teu filho, o teu único.” Gên. 22:12.

Esse grande ato de fé acha-se traçado nas páginas da história sagrada para brilhar no mundo como exemplo nobre, até ao fim do tempo. Abraão não argumentou que sua idade avançada o eximisse de obedecer a Deus. Não disse: “Tenho os cabelos brancos, foi-se-me o vigor da varonilidade; quem me consolará no final da minha vida, quando Isaque não mais existir? Como pode um pai idoso derramar o sangue de um filho único?” Não; Deus falara, e o homem devia obedecer sem questionar, nem murmurar, ou desfalecer pelo caminho.

Carecemos da fé de Abraão em nossas igrejas hoje, a fim de iluminar as trevas que ao redor delas se acumulam, excluindo a suave luz do amor divino e atrofiando o crescimento espi-

ritual. A idade jamais nos escusará de obedecer-mos a Deus. Deve nossa fé ser prolífera de boas obras; pois a fé sem obras é morta. Todo dever cumprido, todo sacrifício feito em nome de Jesus, traz uma recompensa excelente. No próprio ato de cumprir o dever, Deus fala e dá Sua bênção. Mas Ele requer de nós uma inteira consagração de nossas faculdades. O espírito e o coração, o ser todo, tem de ser dado a Ele, ou do contrário não atingiremos a norma de cristãos verdadeiros.

Deus não reteve do homem coisa alguma que lhe pudesse assegurar as riquezas eternas. Revestiu de beleza a Terra, e adornou-a para uso e conforto do homem durante sua vida temporal. Deu Seu filho a fim de que morresse para redenção de um mundo que caíra pelo pecado e loucura. Tão incomensurável amor, sacrifício tão infinito, reclama nossa mais estrita obediência, nosso amor, mais santificado, nossa ilimitada fé.

Entretanto todas estas virtudes, exercidas até o limite máximo, jamais se poderão comparar com o grande sacrifício feito por nós.

Obediência Implícita

Deus requer pronta e implícita obediência à Sua lei. Mas os homens estão adormecidos, ou paralisados pelos enganos de Satanás, que sugere desculpas e subterfúgios, e lhes vence os escrúpulos, dizendo, como dissera a Eva no Jardim: “Certamente não morrereis.” Gên. 3:4. A desobediência não só endurece o coração e a consciência do culpado, mas tende também a corromper a fé dos outros. Aquilo que a princípio se lhes afigurava muito errado, gradualmente perde este aspecto por isso que está constantemente perante a pessoa, até que finalmente esta duvida de que seja de fato pecado, e cai inconscientemente no mesmo erro.

Por meio de Samuel, Deus ordenou a Saul que ferisse os amalequitas, destruindo-lhes totalmente as posses. Mas Saul obedeceu apenas parcialmente à ordem; destruiu o gado inferior, mas reservou o melhor, poupando o ímpio rei. No dia seguinte encontra-se com o profeta Samuel, e todo se gabando a si mesmo, disse: “Bendito tu do Senhor; executei a palavra do Senhor.” Mas o profeta respondeu imediatamente: “Que balido, pois, de ovelhas é este nos meus ouvidos, e o mugido de vacas que ouço?” I Sam. 15:13 e 14.

Saul ficou confuso, e procurou fugir à responsabilidade, respondendo: “De Amaleque [eles] as trouxeram, porque o povo perdoou ao melhor das ovelhas e das vacas, para as oferecer ao Senhor teu Deus; o resto, porém, temos destruído totalmente.” I Sam. 15:15. Samuel reprovou então o rei, lembrando-lhe a explícita ordem de Deus, mandando-lhe destruir tudo que pertencesse a Amaleque. Mostrou-lhe a transgressão e declarou que ele desobedecera ao Senhor. Mas Saul recusou-se a reconhecer que procedera mal; de novo escusou seu pecado alegando que reservara o melhor do gado para sacrificar ao Senhor.

Samuel ficou com o coração oprimido ante a persistência com que o rei se recusara a ver e confessar seu pecado. Disse tristemente: “Tem porventura o Senhor, tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do Senhor, Ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.” I Sam. 15:22 e 23.

O Perigo da Procrastinação

Não devemos olhar ao dever e logo adiar o seu cumprimento. Esse adiamento dá tempo para as dúvidas; insinua-se a incredulidade, é pervertido o juízo e obscurecido o entendimento. Por fim as repreensões do Espírito de Deus não alcançam mais o coração da pessoa iludida, que se tornou tão cega que pensa não se entenderem elas com ele nem se aplicarem ao seu caso.

Vai passando o precioso tempo da graça, e poucos reconhecem que lhes é dado com o fim de que se preparem para a eternidade. As áureas horas são esbanjadas em atividades profanas, em prazeres, em absoluto pecado. É menosprezada e esquecida a lei de Deus; entretanto, não é menos obrigatório cada um de seus estatutos. Toda transgressão trará seu castigo. O amor do ganho mundano leva à profanação do sábado; entretanto, as reivindicações daquele santo dia não se acham atenuadas nem anuladas. O mandamento de Deus é claro e indiscutível nesse ponto; Ele nos proíbe absolutamente trabalhar no sétimo dia. Pô-lo à parte como dia consagrado a Ele.

Muitos são os empecilhos que atravessam o caminho dos que querem andar na obediência aos mandamentos de Deus. Há influências fortes e sutis que os ligam aos caminhos do mundo; mas o poder do Senhor pode romper essas cadeias. Ele removerá de diante dos pés dos fiéis todos os obstáculos, ou lhes dará força e ânimo para vencer todas as dificuldades, se Lhe buscarem fervorosamente o auxílio. Todos os obstáculos desaparecerão ante o sincero desejo e persistente esforço para fazer a vontade de Deus, sejam quais forem as custas para o próprio eu, seja embora sacrificada a mesma vida. A luz do Céu iluminará as trevas dos que, em aflição e perplexidade, forem para a frente, olhando para Jesus como autor e consumidor de sua fé.

Em tempos antigos Deus falava aos homens por boca dos profetas e apóstolos. Hoje em dia lhes fala pelos Testemunhos de Seu Espírito. Jamais houve tempo em que Deus instruisse Seu povo mais fervorosamente do que os instrui hoje, acerca de Sua vontade e do procedimento que Ele deseja que sigam. Mas aproveitarão eles os Seus ensinamentos? Receberão as Suas repreensões e acatarão as Suas advertências? Deus não aceitará obediência parcial; não abonará nenhuma contemporização com o próprio eu.

Consideração Para com os que Erram

Se depois de haver alguém, em seu próprio entender, feito o máximo ao seu alcance, outro pensa que ele deveria ter feito melhor, deve bondosa e pacientemente comunicar ao irmão o benefício de seu discernimento, mas não censurá-lo nem pôr em dúvida sua integridade de propósito, como não quereria que dele suspeitassem ou injustamente o censurassem. Se o irmão que tem a peito a causa de Deus vê que cometeu um erro, apesar de seus mais zelosos esforços no executá-la, sentirá profundamente o caso; pois tenderá a desconfiar de si próprio, perder a confiança no próprio discernimento. Coisa alguma lhe enfraquecerá tanto o ânimo e a varonilidade a ele conferida por Deus, como compreender seus erros na obra que o Senhor lhe designou, obra que ele ama acima da própria vida. Quão injusto é, pois, que seus irmãos, descobrindo-lhe os erros, fiquem a comprimir o espinho cada vez mais fundo em seu coração, para fazê-lo sentir mais intensamente, quando, a

cada nova aguilhoada o estão fazendo perder a fé e o ânimo, e a confiança em si mesmo para trabalhar com êxito na edificação da causa de Deus!

Freqüentemente tem-se de dizer claramente a verdade e os fatos aos que erram, a fim de os levar a verem e sentirem o erro, para que se reformem. Mas isto deve ser feito sempre com piedosa delicadeza, não com aspereza ou severidade, mas considerando a própria fraqueza, não seja ele próprio tentado também. Quando a pessoa em falta vê e reconhece seu erro, então, em vez de entristecê-la e fazer com que a pessoa o sinta mais profundamente, deve-se dar conforto. No sermão de Cristo no monte, Ele disse: “Não julgueis, para que não sejais julgados.

Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.” Mat. 7:1 e 2. Nosso Salvador reprovou o juízo precipitado. “Por que reparas tu no argueiro que está no olho de teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?” Mat. 7:3 e 4. Dá-se freqüentemente que, ao passo que uma pessoa é pronta a discernir os erros de seus irmãos, talvez esteja em maior falta ela mesma, mas se ache cega a isso.

Todos os que somos seguidores de Cristo devemos tratar com os outros da mesma maneira que desejamos que o Senhor trate conosco em nossos erros e fraquezas, pois todos erramos, e precisamos de Sua piedade e perdão. Jesus consentiu em tomar a natureza humana, a fim de saber como compadecer-Se e interceder junto de Seu Pai em favor dos pecadores e errantes mortais. Ele Se prontificou a tornar-Se o advogado do homem, e humilhou-Se a familiarizar-Se com as tentações por que o homem era assaltado, para que pudesse socorrer os que fossem tentados, e ser um sumo sacerdote compassivo e fiel.

Há muitas vezes necessidades de repreender positivamente o pecado e reprová-lo. Mas os pastores que trabalham pela salvação de seus semelhantes, não devem ser inclementes para com os erros uns dos outros, nem salientar os defeitos existentes em suas organizações. Não devem expor ou reprová-las suas fraquezas. Devem verificar se tal procedimento da parte de outro para com eles produziria o desejado efeito; aumentaria isto seu amor para com aquele que lhes patenteasse as faltas, e promoveria sua confiança nele? Especialmente os erros dos pastores empe-

nhados na obra de Deus devem ser conservados dentro do menor círculo possível, pois há muitas pessoas fracas que disso se prevalecerão, caso saibam que aqueles que ministram na palavra e na doutrina têm fraquezas como os outros homens. Coisa mui cruel é serem as faltas de um pastor expostas a descrentes, caso seja ele considerado digno de trabalhar futuramente pela salvação de almas. Bem algum pode vir de assim o expor, mas unicamente mal. O Senhor Se desagrada com essa atitude, pois ela destrói a confiança do povo naqueles que Ele aceita para levarem avante Sua obra.

O caráter de todo coobreiro deve ser zelosamente guardado pelos irmãos do ministério. Disse Deus: “Não toqueis nos Meus unguídos, e não maltrateis os Meus profetas.” I Crôn. 16:22; Sal. 105:15. Cumpre nutrir amor e confiança. A falta desse amor e confiança em um pastor para com outro, não aumenta a felicidade daquele que é nisso deficiente mas, ao tornar seu irmão infeliz, fica-o ele próprio também. Há maior poder no amor, do que jamais se encontrou na censura. O amor abrirá caminho por entre barreiras, ao passo que a censura fechará toda entrada da alma.

Ellen G. White - Testemunhos Seletos - V. 1, 484-488; 302-304

29º Dia | Parábolas dos Perdidos - I

A Ovelha Perdida

Minha atenção foi chamada para a parábola da ovelha perdida. As noventa e nove ovelhas são deixadas no deserto, e começa a busca daquela que se extraviou. Ao encontrar a ovelha perdida, o pastor suspende-a aos ombros, e volta cheio de regozijo. Não volta murmurando e censurando a pobre ovelha perdida por haver-lhe causado tanta dificuldade; pelo contrário, com júbilo ela é carregada.

E uma demonstração ainda maior de alegria é exigida. Os amigos e vizinhos são convocados para se alegrarem com o que a encontrou, “porque já achei a minha ovelha perdida”. Luc. 15:6. O encontro era o motivo de regozijo; não se demorava no fato do extravio; pois a alegria de encontrar a ovelha superava a dor da perda e do cuidado, a perplexidade e o perigo enfrentados na busca da ovelha perdida, e no restituí-la à segurança. “Digo-vos que assim haverá alegria no Céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.” Luc. 15:6 e 7.

A Dracma Perdida

A dracma perdida destina-se a representar o pecador errante, extraviado. O cuidado da

mulher para achar a moeda perdida, destina-se a ensinar aos seguidores de Cristo uma lição quanto a seu dever para com os errantes que andam extraviados do caminho reto. A mulher acendeu a vela a fim de aumentar a luz, e depois varreu a casa, e procurou diligentemente até encontrá-la.

Aqui se define claramente o dever dos cristãos para com os que necessitam auxílio devido a se desviarem de Deus. Os errantes não devem ser deixados em trevas e no erro, mas cumpre empregar todos os meios possíveis para os trazer novamente para a luz. Acende-se a vela; e, com fervorosa oração para que a luz celeste vá ao encontro daqueles que se acham circundados de trevas e incredulidade, examina-se a Palavra de Deus em busca dos claros pontos da verdade, para que os cristãos fiquem por tal modo fortalecidos com argumentos da Sagrada Escritura, com suas reprovações, ameaças e animações, que os desviados sejam alcançados. A indiferença ou a negligência atrairá o desagrado de Deus.

Quando a mulher encontrou a moeda, convocou suas amigas e vizinhas, dizendo: “Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida. Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.” Luc. 15:9 e 10. Se os anjos de Deus se regozijam pelo errante que vê e confessa suas culpas, e volve à comunhão dos irmãos, quanto mais se devem os seguidores de Cristo, eles próprios faltosos e dia a dia necessitados do perdão de Deus e

dos irmãos, alegrar com a volta de um irmão ou irmã que foi iludido pelos enganos de Satanás, e seguiu uma direção errada, e sofreu por causa disto!

Em vez de manter os culpados longe, seus irmãos devem ir ao encontro deles onde estão. Em vez de criticá-los por se acharem em trevas, devem acender a própria lâmpada mediante a obtenção de mais graça divina e melhor conhecimento das Escrituras, a fim de dissiparem a escuridão dos que estão em erro pela luz que lhes levem. E quando são bem-sucedidos, e os errantes sentem as próprias culpas e se submetem para seguir a luz, devem ser recebidos com alegria, e não com espírito de murmuração, ou com empenho de impressioná-los com o sentimento de sua grande pecaminosidade, que demandará extraordinário esforço, ansiedade e penoso labor. Se os puros anjos de Deus saúdam o acontecimento com alegria, quanto mais o deveriam fazer seus irmãos, que necessitam, eles próprios, de compaixão, amor e auxílio quando erram e, em trevas, não sabem como se valer a si mesmos!

O Filho Pródigo

Minha atenção foi chamada para a parábola do filho pródigo. Ele solicitou do pai que lhe desse sua parte da herança. Desejava separar os próprios interesses dos de seu pai, dirigindo o que lhe cabia segundo as suas inclinações. O pai satisfez o pedido, e o filho afastou-se egoistamente, de modo a não ser perturbado com seus conselhos ou reprovações.

O filho achou que seria feliz quando lhe fosse dado empregar sua parte como lhe aprouvesse, sem ser incomodado com advertências ou restrições. Não queria ser perturbado com obrigações mútuas. Caso partilhasse dos bens de seu pai, este teria direitos sobre ele como filho. Ele, porém, não se sentia sob qualquer obrigação para com aquele generoso pai, e fortaleceu seu espírito egoísta e rebelde com o pensamento de que uma parte da propriedade paterna lhe pertencia. Reclamou seu quinhão quando, de direito, não podia reclamar nada, nem devia receber coisa alguma.

Depois de seu coração egoísta haver recebido o tesouro, que tão pouco merecia, retirou-se para longe, de seu pai, a fim de esquecer até que possuía um pai. Menosprezava a restrição, e estava inteiramente determinado a desfrutar por todos

os meios e modos que quisesse. Havendo, com seus prazeres pecaminosos, gasto tudo quanto o pai lhe havia dado, a terra foi flagelada por uma fome, e ele veio a sofrer extrema miséria. Começou então a lamentar os pecaminosos caminhos de extravagantes prazeres em que andara; pois achava-se desamparado, carecido dos meios que esbanjara. Viu-se obrigado a descer da vida de pecaminosa satisfação em que vivia, ao baixo mister de guardador de porcos.

Havendo descido o mais baixo que era possível, pensou na bondade e no amor de seu pai. Sentiu então a necessidade que tinha dele. Trouxera sobre si a situação em que se encontrava, destituído de amigos e de todo recurso. Sua própria desobediência e pecado dera em resultado o separar-se de seu pai. Pensou nos privilégios e na abundância de que fruía livremente os servos assalariados da casa paterna, ao passo que ele, que se alienara da mesma, perecia de fome. Humilhado pela adversidade, decidiu volver ao pai com humilde confissão. Era um mendigo, destituído de roupas confortáveis, ou decentes sequer. A falta de meios o reduzira a um estado miserável, e achava-se macilento por causa da fome.

O Amor do Pai

Ainda a certa distância de casa, o pai avistou o caminhante, e seu primeiro pensamento foi aquele filho rebelde que o abandonara anos antes a fim de seguir uma desenfreada carreira de pecado. O sentimento paternal agitou-se dentro dele. Não obstante todos os sinais de sua degradação, o pai nele divisou a própria imagem. Não esperou que o filho percorresse toda a distância até onde ele estava, mas apressou-se a ir-lhe ao encontro. Não o censurou por, em conseqüência de sua própria direção de pecado, haver trazido sobre si tanto sofrimento, antes com a mais terna piedade e compaixão apressou-se a dar-lhe provas de seu amor, e testemunho do perdão que lhe concedia.

Se bem que o filho estivesse pálido e a fisionomia indicasse plenamente a vida dissoluta que levava, embora vestisse os trapos do mendigo, e tivesse os pés nus cobertos pela poeira dos caminhos, despertou-se no pai a mais terna piedade ao vê-lo prostrar-se diante dele em humildade. Não recuou, em sua dignidade; não se mostrou exigente. Não expôs diante do filho

seus passados caminhos de erro e de pecados, a fim de fazê-lo ver quão baixo imergira. Ergueu-o, e beijou-o. Apertou ao peito o filho rebelde, envolvendo-lhe o corpo quase nu com seu próprio e rico manto. Tomou-o ao coração com tal calor, e demonstrou tal piedade que, se o filho já duvidara da bondade e do amor de seu pai, não mais poderia fazê-lo. Se, ao decidir volver à casa paterna, experimentava um senso de pecado, muito mais profundo foi o sentimento de sua ingratidão ao ser recebido assim. Seu coração, antes rendido, estava agora quebrantado por haver ofendido o amor daquele pai.

O arrependido e tremente filho, que temera grandemente ser renegado, não se achava preparado para tal recepção. Sabia que a não merecia, e assim reconheceu seu pecado em deixar o pai: “Pequei contra o Céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.” Luc. 15:21. Rogou apenas que fosse considerado como um servo assalariado. O pai, porém, solicitou dos servos que lhe dessem provas especiais de respeito, e o vestissem como se houvesse sido sempre um filho obediente.

O Irmão Enciumado

O pai tornou a volta de seu filho uma ocasião de regozijo especial. O filho mais velho, que se achava no campo, nada sabia acerca do regresso do irmão, mas ouviu as gerais demonstrações de alegria, e indagou dos servos o que significava tudo aquilo. Foi-lhe explicado que seu irmão, julgado morto, voltara, e que o pai matara o bezerro cevado por causa dele, pois o recebera como um morto que revive.

Então o irmão se zangou, e não queria entrar para ver e receber ao que chegara. Indignou-se porque esse indigno irmão, que abandonara o pai e lançara sobre ele o pesado fardo de cumprir os deveres que deveriam haver sido partilhados por ambos, fosse agora recebido com tantas honras. Esse irmão seguira um procedimento ímpio e dissoluto, desperdiçando os meios que seu pai lhe dera até ficar reduzido à penúria, enquanto ele cumprira fielmente em casa os deveres de um filho; esse libertino vem para a casa de seu pai, e é recebido com respeito e honras acima de tudo quanto ele próprio já recebera.

O pai rogou ao filho mais velho que fosse e recebesse seu irmão com alegria, pois ele estava perdido e fora achado; estava morto em pecado e iniquidade, mas achava-se novamente vivo; volvera ao senso moral, e aborrecia agora o caminho de pecado que seguira. O filho mais velho, porém, alega: “Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.” Luc. 15:29 e 30.

O pai afirmou ao filho que ele estava sempre em sua companhia, e tudo quanto lhe pertencia era seu, do filho, mas que era justo que mostrassem agora essa alegria, pois “este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se”. Luc. 15:32. O fato de o perdido ser achado, o morto estar vivo, supera todas as outras considerações por parte do pai.

Esta parábola foi dada por Cristo a fim de representar a maneira em que nosso Pai recebe o errante e arrependido. É contra o pai que se comete o pecado; todavia, ele, na compaixão de sua alma, cheio de piedade e perdão, vai ao encontro do pródigo e manifesta sua grande alegria por seu filho, que ele acreditava morto para todas as afeições filiais, se haver tornado sensível a seu grande pecado e negligência, e voltar para o pai apreciando-lhe o amor, e reconhecendo-lhe os direitos. Sabe que o filho que seguiu a senda do pecado e agora se arrepende, necessita de sua piedade e seu amor. Este filho sofreu; sentiu sua necessidade, e veio ter com o pai como aquele que, unicamente, lhe pode suprir essa grande necessidade.

A volta do filho pródigo era causa de maior alegria. Eram naturais as queixas do irmão mais velho, mas não eram justas. Todavia é esta freqüentemente a atitude que irmão segue para com irmão. Há demasiado esforço para fazer os culpados reconhecerem onde erraram, e ficar lembrando-lhes os erros que cometeram. Os que caíram em falta precisam de piedade, precisam de auxílio, de simpatia. Eles sofrem em seus sentimentos, e acham-se com freqüência abatidos e acabrunhados. O que eles necessitam acima de tudo o mais, é de inteiro perdão.

Ellen G. White - Testemunhos Seletos - V. 1, 305-310;

30º Dia | Parábolas dos Perdidos – II

Cristo identificou-Se com as necessidades de Seu povo. As necessidades e sofrimentos desse povo, eram Seus também. Diz Ele: "Tive fome, e destes-Me de comer; tive sede, e destes-Me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-Me; estava nu, e vestistes-Me; adoeci, e visitastes-Me; estive na prisão, e fostes ver-Me." Mat. 25:35 e 36. Os servos de Deus devem ter coração ternamente afeiçoado, de sincero amor para com os seguidores de Cristo. Devem manifestar aquele profundo interesse que Jesus nos apresenta no cuidado do pastor para com a ovelha perdida; seguir o exemplo dado por Cristo, e exercer a mesma compaixão e benignidade, e o mesmo terno e compassivo amor manifestado por Ele para conosco.

As grandes forças morais da alma são fé, esperança e amor. Se estes não forem exercidos, por mais diligente e zeloso que seja o pastor, seus labores não serão aceitos por Deus, e não pode produzir bem para a igreja. Um servo de Cristo que apresenta a solene mensagem de Deus ao povo, deve sempre tratar com justiça, amar a misericórdia e andar humildemente diante de Deus. O espírito de Cristo no coração inclinará toda faculdade da alma a nutrir e proteger as ovelhas de Seu pasto, como um verdadeiro e fiel pastor. O amor é a áurea cadeia que liga os corações crentes uns aos outros em voluntários elos de amizade, ternura, e fiel constância; cadeia que une a alma a Deus.

Há decidida falta de amor, compaixão, e compassiva ternura entre os irmãos. Os ministros de Cristo são demasiado frios e sem coração. O coração deles não se acha inflamado de terna compaixão e fervoroso amor. A mais pura e elevada devoção a Deus é aquela que se manifesta nos mais fervorosos desejos e esforços para ganhar almas para Cristo. A razão por que os pastores que anunciam a verdade presente não são mais bem-sucedidos é que eles são gran-

demente deficientes em fé, esperança e amor. Há labutas e conflitos, abnegações e íntimas provas do coração a enfrentar e suportar para todos nós. Haverá aflição e lágrimas por nossos pecados; haverá lutas constantes e vigilâncias, de mistura com remorsos e vergonhas por causa de nossas deficiências.

Que os ministros, da cruz de nosso querido Salvador não esqueçam sua experiência nessas coisas; mas lembrem-se sempre de que são apenas homens, sujeitos a errar, e possuindo as mesmas paixões que seus irmãos; e que, se ajudam a seus irmãos, precisam ser perseverantes nos esforços que fazem para os beneficiar, tendo o coração cheio de piedade e amor. Precisam chegar ao coração de seus irmãos, e ajudá-los onde eles são fracos e mais necessitam de auxílio. Os que trabalham na palavra e na doutrina, devem quebrantar o próprio coração duro, orgulhoso, incrédulo, se querem testemunhar isso nos irmãos.

Cristo fez tudo por nós, porque nos viu desamparados; estávamos ligados com cadeias de trevas, pecado e desespero, não podendo portanto fazer coisa alguma por nós mesmos. É mediante o exercício da fé, esperança e amor que chegamos mais e mais perto da norma de perfeita santidade. Nossos irmãos sentem a mesma comovente necessidade de auxílio que temos experimentado. Não os devemos oprimir com desnecessárias censuras, mas deixar que o amor de Cristo nos constranja a ser muito compassivos e brandos, de modo a chorarmos sobre o errante e os que se desviaram de Deus. A alma é de infinito valor. Esse valor só pode ser estimado pelo preço pago a fim de redimi-la. O Calvário! O Calvário! O Calvário! exprimirá o real valor de uma alma.

As censuras brandas, as respostas suaves e palavras agradáveis são muito mais apropriadas para reformar e salvar, do que a severidade e aspereza. Um pouco mais de falta de bondade poderá colocar as pessoas além de vosso alcance, ao passo que um espírito conciliatório seria o meio de as prender a vós, sendo-vos então possível confirmá-las no bom caminho. Deveis também ser movidos por um espírito perdoador, e dar o devido valor a todo bom designio e ação dos que vos rodeiam. Testimonies, v. 4, 65, 1876.

A Igreja Triunfará

Até que Cristo apareça nas nuvens do céu, com poder e grande glória, os homens se perverterão no espírito, e se desviarão da verdade para as fábulas. A igreja verá ainda dias trabalhosos. Profetizará vestida de saco. Mas se bem que tenha de enfrentar heresias e perseguições, embora tenha de combater contra infiéis e apóstatas, pelo auxílio de Deus, ainda ela está esmagando a cabeça de Satanás. O Senhor terá um povo tão verdadeiro como o aço, de fé tão firme como o granito. Eles devem ser-Lhe testemunhas no mundo, instrumentos Seus para realizar uma obra especial, gloriosa, nos dias de Sua preparação.

A mensagem evangélica não ganha uma alma para Cristo, nem abre caminho para um só coração, sem ferir a cabeça de Satanás. Sempre que um cativo lhe é arrancado das garras, libertado de sua opressão, o tirano é derrotado. As casas publicadoras, os prelos, são instrumentos nas mãos de Deus para enviar a toda língua e nação a preciosa luz da verdade. Essa luz está atingindo mesmo as terras pagãs, e faz constantes incursões contra a superstição e todo erro concebível.

Pastores que pregam a verdade com todo zelo e fervor, podem apostatar, e unir-se às fileiras dos inimigos; tornará isso, porém, a verdade divina em mentira? “Todavia”, diz o apóstolo, “o fundamento de Deus fica firme.” II Tim. 2:19. A fé e os sentimentos dos homens podem mudar; mas a verdade de Deus, nunca. A terceira mensagem angélica está soando; é infalível.

Homem algum pode servir a Deus sem atrair contra si mesmo os homens e anjos maus.

Espíritos maus serão lançados no encalço de toda alma que busca unir-se às fileiras de Cristo; pois Satanás deseja reaver a presa que lhe foi arrebatada. Homens maus entregar-se-ão à crença em fortes enganos, para sua perdição. Esses homens revestir-se-ão das roupagens da sinceridade, e enganarão, se possível, os próprios eleitos.

A Certeza da Verdade

É tão certo possuímos a verdade, como o é que Deus vive; e Satanás com todas as suas artimanhas e poder infernal, não pode mudar a verdade de Deus em mentira. Enquanto o grande adversário faz tudo quanto lhe é possível para tornar sem efeito a Palavra de Deus, a verdade tem de avançar como uma lâmpada resplandecente.

O Senhor nos destacou, e tornou-nos objetos de Sua admirável misericórdia. Havemos nós de encantar-nos com os palavreados do apóstata? Preferiremos tomar posição ao lado de Satanás e suas hostes? Unir-nos-emos aos transgressores da lei de Deus? Antes seja nossa oração: “Senhor, põe inimizade entre mim e a serpente.” Se não estivermos em inimizade com suas obras tenebrosas, seremos rodeados por seus poderosos laços, e seu aguilhão pronto está a arremessar-se contra nosso coração. Devemos considerá-lo um inimigo mortal. Cumpre que nos oponhamos a ele em nome de Cristo. Nossa obra ainda prossegue avante. Temos de lutar por toda polegada de terreno. Que todos quantos tomam nos lábios o nome de Cristo se revistam da armadura da justiça.

Ellen G. White - Testemunhos Seletos - V. 1, 322-324; 590-591

31º Dia | "Sou Ainda Menino Pequeno"

No princípio de seu reinado, Salomão orou: "Ó Senhor meu Deus, Tu fizeste reinar a Teu servo em lugar de Davi meu pai. E sou ainda menino pequeno nem sei como sair, nem como entrar." I Reis 3:7.

Salomão havia sucedido a seu pai Davi no trono de Israel. Deus o honrara grandemente e, como sabemos, tornou-se ele posteriormente o maior, mais rico e mais sábio rei que já se assentara sobre um trono terrestre. Já no princípio de seu reinado impressionou-o o Espírito Santo com a solenidade de suas responsabilidades, e embora rico em talentos e habilidade, reconheceu Salomão que sem auxílio divino estava desamparado como uma criancinha para os executar. Salomão não foi nunca tão rico nem tão sábio ou tão verdadeiramente grande como quando confessou ao Senhor: "Sou ainda menino pequeno; nem sei como sair, nem como entrar." I Reis 3:7.

Foi num sonho, em que o Senhor lhe apareceu, dizendo: "Pede o que quiseres que te dê" (I Reis 3:5), que Salomão assim deu expressão à sua sensação de desamparo e necessidade de auxílio divino. Continuou: "Teu servo está no meio do Teu povo que elegeste; povo grande, que nem se pode contar, nem numerar, pela sua multidão. A Teu servo, pois, dá um coração entendido para julgar a Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; porque, quem poderia julgar a este Teu tão grande povo?"

"E esta palavra pareceu boa aos olhos do Senhor, que Salomão pedisse esta coisa. E disse-lhe Deus: Porquanto pediste esta coisa, e não pediste para ti riquezas, nem pediste a vida de teus inimigos, mas pediste para ti entendimento, para ouvir causas de juízo, eis que fiz segundo as tuas palavras. Eis que te dei um coração tão sábio e entendido, que antes de ti teu igual não houve, e depois de ti teu igual se não levantará. E também até o que não pediste te dei, assim riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias." Agora as condições: "E, se andares nos Meus caminhos, guardando os Meus estatutos, e os Meus mandamentos, como andou Davi teu pai, também prolongarei os teus dias.

"E acordou Salomão, e eis que era sonho. E veio a Jerusalém, e pôs-se perante a arca do concerto do Senhor, e sacrificou holocaustos, e preparou sacrificios pacíficos, e fez um banquete a todos os seus servos." I Reis 3:8-15.

Todos os que ocupam posições de responsabilidade precisam aprender a lição que é ensinada na humilde oração de Salomão. Devem sempre lembrar-se de que a posição jamais muda o caráter ou torna o homem infalível. Quanto mais alta a posição que um homem ocupa, quanto maior a responsabilidade que tem sobre si, tanto mais ampla será a influência que exerce, e tanto maior sua necessidade de sentir sua dependência da sabedoria e força de Deus, e de cultivar o melhor e mais santo caráter. Os que aceitam uma posição de responsabilidade na causa de Deus devem lembrar-se sempre de que com o chamado para esta obra, Deus os chamou igualmente para andar circunspectamente diante dEle e de seus semelhantes. Em vez de considerar seu dever ordenar e impor e comandar, devem reconhecer que lhes compete aprender. Ao deixar um obreiro de responsabilidade de aprender esta lição, quanto mais cedo for ele despedido de suas responsabilidades tanto melhor será para ele e para a obra de Deus. A posição nunca dará santidade nem excelência de caráter. Quem honra a Deus e guarda os Seus mandamentos, é ele mesmo honrado.

A pergunta que cada um deve dirigir a si mesmo, com toda a humildade, é: "Estou eu habilitado para esta posição? Aprendi eu a manter-me no caminho do Senhor, a fazer justiça e juízo?" O exemplo terrestre do Salvador nos foi dado para que não andemos em nossa própria força, mas para que cada um se considere, como disse Salomão, "menino pequeno". I Reis 3:7.

"Imitadores de Deus, Como Filhos Amados"

Toda alma verdadeiramente convertida pode dizer: "Sou apenas um menino pequeno (I Reis 3:7); mas sou filho de Deus." Foi a preço infinito que se tomaram providências pelas quais a família humana pudesse ser restaurada à filiação divina. No princípio Deus fez o homem à Sua própria semelhança. Nossos primeiros pais escu-

taram a voz do tentador e cederam ao poder de Satanás. Mas o homem não foi abandonado aos resultados do mal que ele escolhera. Foi-lhe feita a promessa de um Libertador. “Porei inimizade entre ti e a mulher”, disse Deus à serpente, “e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” Gên. 3:15. Antes de ouvirem acerca dos cardos e espinhos, acerca da tristeza e labores que teriam que ser o seu quinhão, ou do pó a que teriam que voltar, ouviram palavras que não podiam deixar de lhes incutir esperança. Tudo que se perdera pela submissão a Satanás podia ser reavido por intermédio de Cristo.

O Filho de Deus foi entregue para redimir a raça humana. A custo de sofrimento infinito, o inocente pelo pecador, foi pago o preço que deveria remir do poder do destruidor a família humana, e restaurá-la à imagem de Deus. Os que aceitam a salvação que lhes é trazida em Cristo, não de humilhar-se perante Deus como filhinhos Seus.

Deus quer que Seus filhos peçam as coisas que O habilitem para, por eles, revelar Sua graça ao mundo. Ele quer que busquem Seu conselho, que reconheçam o Seu poder. Cristo tem reivindicações de amor quanto a todos pelos quais deu Sua vida: devem eles obedecer à Sua vontade, se quiserem participar das alegrias que Ele preparou para todos os que refletem Seu caráter aqui. Bem nos convém sentir nossa fraqueza; porque então buscaremos a força e sabedoria que o Pai Se deleita em dar a Seus filhos para sua luta diária contra os poderes do mal.

Conquanto a educação, preparo e conselho dos que têm experiência sejam todos essenciais, precisam os obreiros ser ensinados a que não devem confiar inteiramente no juízo de qualquer homem. Como livres agentes de Deus, todos devem pedir sabedoria. Se o principiante confia inteiramente nos pensamentos de outro, aceitando os seus planos e não indo além, ele só vê através dos olhos desse homem e é, nesse sentido, apenas o eco de outro.

A Recompensa do Esforço Diligente

“Se a obra que alguém edificou ... permanecer, esse receberá galardão.” I Cor. 3:14. Magnífica será a recompensa concedida quando os obreiros fiéis se reunirem em torno do trono

de Deus e do Cordeiro. Quando João, em seu estado mortal, contemplou a glória de Deus, caiu como morto: não pôde suportar a visão. Porém quando os filhos de Deus houverem sido revestidos de imortalidade, vê-Lo-ão “como é”. I João 3:2. Estarão perante o trono, aceitos no Amado. Todos os seus pecados terão sido apagados, removidas todas as suas transgressões. Podem, então, olhar o deslumbrante resplendor do trono de Deus. Foram co-participantes dos sofrimentos de Cristo, foram coobreiros Seus no plano da redenção, e com Ele participam da alegria de ver almas salvas no reino de Deus, para ali louvarem a Deus durante toda a eternidade.

Meu irmão, minha irmã, insisto em que vos prepareis para a vinda de Cristo nas nuvens do céu. Dia a dia tirai do vosso coração o amor do mundo. Sabei por experiência própria o que significa ter comunhão com Cristo. Preparai-vos para o juízo, para que, ao vir Cristo, para Se fazer admirável em todos os que crêem, vós estejais entre os que O encontrarão em paz. Nesse dia os remidos brilharão na glória do Pai e do Filho. Tocando suas harpas de ouro, os anjos darão as boas-vindas ao Rei e aos Seus troféus de vitória - os que foram lavados e branqueados no sangue do Cordeiro. Um cântico de triunfo ressoará, enchendo todo o Céu. Cristo venceu. Ele penetra nas cortes celestes, acompanhado de Seus remidos, testemunhas de que a Sua missão de sofrimento e sacrifício não foi em vão.

A ressurreição e ascensão de nosso Senhor é uma prova segura do triunfo final dos santos de Deus sobre a morte e a sepultura, e um penhor de que o Céu está aberto para os que lavaram as vestes do caráter e as branquearam no sangue do Cordeiro. Jesus subiu para o Pai como representante da raça humana, e Deus levará os que refletem a Sua imagem a contemplar a Sua glória e dela participar.

Há ali casas para os peregrinos da Terra. Há vestes para os justos, com coroas de glória e palmas de vitória. Tudo quanto nos tem confundido acerca das providências de Deus será esclarecido no mundo vindouro. As coisas difíceis de serem compreendidas terão então explicação. Os mistérios da graça nos serão desvendados. Naquilo em que a nossa mente finita só via confusão e promessas desfeitas, veremos a mais perfeita e bela harmonia. Saberemos que o amor infinito dispôs as experiências que nos pareciam as mais

díficeis. Ao reconhecermos o terno cuidado dAquele que faz todas as coisas contribuírem para o nosso bem, regozijar-nos-emos com júbilo inexprimível e repleto de glória.

A dor não pode existir na atmosfera do Céu. No lar dos remidos, não haverá lágrimas, nenhum cortejo fúnebre, nenhuma exteriorização de luto. “E morador nenhum dirá: Enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absolvido da sua iniquidade.” Isa. 33:24. Uma rica maré de felicidade fluirá e aprofundar-se-á ao avançar a eternidade.

Estamos ainda entre as sombras e o torvelinho das atividades terrestres. Consideremos com todo o empenho o bendito porvir. Atravesse a nossa fé toda nuvem de escuridão, e contemplemos Aquele que morreu pelos pecados do mundo. Ele abriu os portais do Paraíso para todos quantos O recebem e nEle crêem. A esses dá Ele o poder de se tornarem filhos e filhas de Deus. Que as aflições que nos angustiam de maneira tão cruel, se transformem em lições instrutivas, ensinando-nos a prosseguir para o alvo pelo prêmio da soberana vocação em Cristo. Sejam animados pelo pensamento de que o Senhor logo virá. Alegre-nos o coração essa esperança. “Ainda um pouquinho de tempo, e O que há de vir virá, e não tardará.” Heb. 10:37. Bem-aventurados os servos que, quando o Senhor vier, achar vigiando!

Estamos em caminho para casa. Aquele que nos amou de tal maneira que morreu por nós,

construiu para nós uma cidade. A Nova Jerusalém é o nosso lugar de repouso. Não haverá tristeza na cidade de Deus. Nenhum véu de infortúnio, nenhuma lamentação de esperanças frustradas e afeições sepultadas serão jamais ouvidas. Logo as vestes de opressão serão trocadas pela veste nupcial. Logo testemunharemos a coroação de nosso Rei! Aqueles cuja vida esteve escondida com Cristo, os que na Terra combateram o bom combate da fé, resplandecerão com a glória do Redentor no reino de Deus.

Não demorará muito até vermos Aquele em quem se centralizam as nossas esperanças de vida eterna. E em Sua presença, todas as provações e sofrimentos desta vida serão como nada. “Não rejeiteis pois a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e O que há de vir virá, e não tardará.” Heb. 10:35-37. Olhai para cima, olhai para cima, e deixai que a vossa fé aumente continuamente. Permitted que essa fé vos guie pelo caminho estreito que, através dos portais da cidade de Deus, conduz ao grande além, ao amplo, ilimitado futuro de glória destinado aos remidos. “Sede, pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações, porque já a vinda do Senhor está próxima.” Tia. 5:7 e 8.

Ellen G. White - Testemunhos Seletos - V. 3, 428-434